

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF)
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)

Dissertação de Mestrado

**DEPÓSITOS DE SACRIFÍCIOS HUMANOS E
“TERRENOS DE ENTERRAMENTOS FORMAIS”:
O CASO DE GORDION E A POPULAÇÃO GÁLATA**

Aluna: Bianca Miranda Cardoso
Orientadora: Prof. Dr^a. Adriene Baron Tacla

Niterói, 2014.

Dissertação de Mestrado

**DEPÓSITOS DE SACRIFÍCIOS HUMANOS E
“TERRENOS DE ENTERRAMENTOS FORMAIS”:
O CASO DE GORDION E A POPULAÇÃO GÁLATA**

Aluna: Bianca Miranda Cardoso

Orientadora: Prof. Dr^a. Adriene Baron Tacla

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C268 Cardoso, Bianca Miranda.

Depósitos de sacrifícios humanos e “terrenos de enterramentos formais”: o caso de Gordion e a população gálata / Bianca Miranda Cardoso. – 2014.

94 f. ; il.

Orientador: Adriene Baron Tacla.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2014.

Bibliografia: f. 87-94.

Agradecimentos

Ao observar o fruto final de tanto trabalho faz-se necessário agradecer a algumas pessoas sem as quais isso não teria sido possível. Em primeiro lugar desejo que minha família e amigos saibam o quanto foram importantes para que eu não sucumbisse aos momentos de desânimo, ainda que não tenham percebido serviram como fontes de força e incentivo para superar todos os problemas da vida cotidiana e acadêmica por meio de almoços, jantares, carinho, distração em casa, no aterro, depois do trabalho.

Em especial fica um agradecimento à minha mãe e avós que fazem o possível e o que mais for preciso pra me ver feliz, o que costuma incluir mudanças e viagens.

Ao meu irmão por me mostrar que ainda há coisas doces e boas que devem ser preservadas e à sua família da qual farei sempre parte.

E aos meus irmãos de outras mães também.

As amiguinhas e demais companheiros que se mantiveram companheiros depois que a graduação ou o que tenha sido que nos uniu acabou. Aí estão incluídos alguns professores também. E às amizades que adquiri nestes longos e arrastados anos em meio a greves, protestos, começos, términos, recomeços...

À cachoeira do Horto e ao guia que me levou lá possibilitando a redação do último capítulo e da conclusão deste trabalho.

À minha orientadora pelas incontáveis reuniões, revisões do trabalho, e-mails e conversas em momentos de desespero profundo. Por sua paciência e calma quando as minhas esgotavam.

Ao professor Stephen Mitchell, por ter me recebido e aconselhado por ocasião de visita às bibliotecas de Oxford, UCL e British Library e às bibliotecas e funcionários pacientes e dispostos a explicar os mecanismos mais simples a uma brasileira fora de casa.

A Andrew Goldman, Mary M. Voigt e Page Selinsky por terem se mostrado solícitos quando precisei.

A CAPES pelo financiamento.

Resumo:

O trabalho pretende se utilizar das contribuições da teoria pós-colonial e dos estudos de cultura material para analisar o processo de hibridização cultural de práticas religiosas verificadas na cidade de Gordion, terreno localizado no platô central da Península da Anatólia, hoje Turquia. O sítio arqueológico da cidade apresenta um conjunto de esqueletos datados dos períodos helenístico (século III a.e.c.), momento de assentamento de tribos celtas na região; e romano (século II e I a.e.c. e I e.c.), momento de anexação do território como província. A interpretação dos achados indica um processo de transformação gradual e progressiva das práticas rituais fruto da interação contínua de práticas diversas. Este processo dá origem a práticas religiosas novas nem celtas nem locais, mas Gálatas.

Abstract:

The work aims to profit from contributions of postcolonial theory and material culture studies to analyze the process of cultural hybridization of religious practices in the city of Gordion, a land located in the central plateau of the Anatolian peninsula, now Turkey. The archaeological site of the city presents a set of skeletons dating from the Hellenistic period (third century b.c.e.), time of settlement of Celtic tribes in the region, and Roman period (I and II century c.e. and I c.e.), the time of annexation of territory as a Roman province. The interpretation of the findings indicates a process of gradual and progressive transformation of the ritual practices due to continuous interaction of a variety of practices. This process gives birth to new, neither Celtic nor local, but Galatian practices.

Índice:

Introdução	1
Capítulo 1: Gálatas e Celtas	9
1.1 Celtas e Gálatas no I século a.e.c. e no I século e.c. em Gordion	21
Capítulo 2 – Teoria e Contato	27
2.1. O Outro e os estudos pós-coloniais	36
2.2. Hibridização, Analogia e Cultura Material	41
Capítulo 3 – Ritual e arqueologia	49
3.1 Prática Ritual	57
3.2 Visões dos Sacrifícios: Violência e Assassinato	59
3.3 Enterramentos x Sacrifícios?	63
Capítulo 4 – O caso de Górdion	66
4.1 Período Helenístico	68
4.2 Período Romano	73
4.3 Hibridização cultural	77
Conclusões	82
Bibliografia	87
Catálogo de Análise de Cultura Material:	95
Período Helenístico:	99
Area A	100
Area B	109
Período Romano	119

Introdução

Ao consultar manuais sobre o tema da antiguidade, é perceptível uma clara ênfase às sociedades mesopotâmica, grega e romana. Isso pode ser entendido como uma das ações aplicadas a uma tentativa de criação de continuidade entre o presente e um passado eurocêntrico e judaico-cristão. Ambos legitimam a ideia de uma origem e um paradigma ocidentais “civilizados”. Percebe-se com isso a invenção de novas tradições travestidas de passado para atender a interesses contemporâneos (HOBSBAWN, 2008 *passim*)

A arbitrariedade presente na construção desta memória, deste passado, tem se tornado cada vez mais evidente e, conseqüentemente, alternativas a esta conexão entre o presente e um passado idealizados tem surgido cada vez mais frequentemente. Este movimento de tomada de consciência e crítica das construções estabelecidas aponta para o fato de que toda população é dotada de história. Observa-se, conseqüentemente o resgate de histórias e identidades outras, não europeias e não ocidentais cuja conexão com o presente tenha um caráter mais representativo para cada grupo ou indivíduo imerso na heterogeneidade social em que vive. Ainda que seja perceptível algum nível de predileção entre populações e que a igualdade de meios para pesquisa esteja longe de ser alcançada, este processo permite a quebra do paradigma ocidental eurocêntrico judaico-cristão exposto acima.

A partir da modernidade, um destes movimentos de busca por identidades e histórias outras ficou conhecido como *Celtic Revival*. De grande abrangência, demonstra o interesse atual em um passado provincial, especificamente o das populações celtas ainda que esta denominação não seja muito bem definida e, portanto, entendida de forma diferente por diferentes grupos..

A denominação ‘celta’ foi inicialmente aplicada ao conjunto de populações que habitavam a Europa durante a Idade do Ferro, I milênio a.e.c., até a expansão do Império romano e que pertenciam à família de línguas celtas, um ramo linguístico indo-europeu. Este argumento linguístico forjado desde o séc. XVIII era tido como corroborado pelos relatos greco-latinos que designavam algumas populações por etnônios como “celtae”, “galli” e “gálatas”. Esta definição linguística cria a ideia de uma sociedade celta una e homogênea, desprezando as inúmeras especificidades locais. Para o caso do *Celtic Revival*, por exemplo, os topônimos em língua celta e os locais em que variantes destas

línguas ainda sobrevivem de alguma forma adquirem um status diferenciado com relação a outros locais de ocupação de populações celtas embora estes não sejam de fato marcadores para uma conexão mais ou menos direta com o passado.

No campo arqueológico, a verificação da existência dessas populações é hoje associada aos grupos de cultura material de Hallstatt e La Tène. Recentemente, a mudança de paradigmas metodológicos ocorridas nos campos em questão ocasionou um profícuo debate ao qual se uniu também a investigação biológica do DNA das populações antigas (Cf. MCEVOY, RICHARDS, FOSTER E BRADLEY, 2004). Este debate iniciado no meio arqueológico em meados da década de 90 no periódico *Antiquity*, mas que já crescia entre os linguistas desde fins da década de 80 e início da de 90, motivou diversas publicações e novas pesquisas, que permitiram avançar na discussão sobre a etnogênese dessas populações, sua comprovação científica e seus usos políticos.

O uso do termo celta para designar estas populações foi questionado por pesquisadores como Collis (1997) e James (1998), que alertaram estar ele relacionado a posturas políticas nacionalistas e a construções modernas tanto quanto antigas. De fato, os relatos antigos que se referem a períodos anteriores à expansão romana foram escritos por autores que não pertenciam às populações e em sua maioria são posteriores ao período que relatam; logo são construções discursivas e não há como comprovar se os nomes atribuídos pelos autores antigos a essas populações eram efetivamente usados pelas próprias antes da conquista romana. Esta realidade se transforma com a expansão do Império romano quando contatos entre estas populações e as romanas proporcionam a constituição de tribos (cf. p. 54) e vestígios epigráficos e numismáticos apontam que passam elas a se entenderem como celtas.

Por perceber os usos políticos de concepções étnicas e identitárias nos movimentos contemporâneos, principalmente como nacionalismos e desenvolvimento de religiões que se afirmam como *neopagãs*, entende-se aqui como importante a adoção do termo ‘celta’ (como defendem MEGAW & MEGAW, 1996) desde que seja feita sua problematização. Propõe-se, portanto, uma delimitação clara espacial e temporal para as mesmas neste trabalho: continente europeu a partir do III século a.e.c. O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar as especificidades locais das tribos ali circunscritas, em especial o caso de Gordion, onde verifica-se o assentamento das tribos Trocmi, Tolistobogii e Tectosages e o processo de hibridização cultural que deu origem a gálatas.

A adoção do termo celta como acima delimitado neste trabalho visa também o

diálogo com o público leigo, ativamente presente e explorado na expansão do *Celtic Revival* e, portanto, perfeitamente capaz de compreender as implicações políticas do mesmo e as problematizações que lhe cabem.

Sabe-se que as populações residentes do continente europeu durante o III século a.e.c. se organizavam de formas diferenciadas a nível local e que se engajavam em alianças com outras populações, celtas ou não, quando necessário. Sabe-se também que durante este longo período desenvolveram a metalurgia do ferro, formas habitacionais e costumes específicos, ocupando desde a península Ibérica até a península da Anatólia em seu momento de maior expansão (ver fig. 1).



Figura 1: Celtas na Europa (HAYWOOD, John. Atlas of the Celtic World, London. Thames & Hudson Ltd.: 2001: 30-37 Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Celts_in_Europe.png)

A manutenção desta identificação com um passado específico celta em detrimento de tantos outros igualmente importantes na constituição da realidade presente também foi possibilitada pelo desenvolvimento da arqueologia e recuperação de um espectro variado de cultura material destas populações europeias. O aumento de documentação e consequente aumento de conhecimento sobre as populações em questão possibilitou

inferências sobre aspectos variados da vida social de alguns grupos, o que é comumente utilizado para que através de uma análise comparativa seja possível tecer inferências sobre os demais grupos para os quais não se encontra abundância de material.

Um dos campos da vida social destas populações para os quais foi buscada e encontrada documentação material foi o religioso. Isso pode ser explicado pelo interesse público sobre o tema, com o crescimento das religiões neopagãs e pelo próprio caráter da cultura material já que anteriormente as fontes escritas a que se recorria para buscar informações sobre o assunto eram estrangeiras e quase totalmente posteriores ao que descreviam – como maior exemplo pode ser citado César (*De Bello Gallico*).

Se anteriormente comunidades locais já alegavam uma conexão com o passado, as fontes encontradas tiveram um papel comprobatório, o que foi acompanhado pelo crescimento de religiões neopagãs por todo o mundo contemporâneo que se utilizam largamente do que se entende como hábitos dessas populações passadas.

Fenômenos sociais atuais como esse tornam claro o papel do profissional de ciências humanas em sua sociedade como agente crítico capaz de questionar idealizações formadas. Ainda que o objeto desta pesquisa tenha seu recorte na antiguidade da Ásia Menor, busca-se a problematização de idealizações comuns criadas para populações celtas, em especial no campo religioso. Por isso propõe-se a análise da hibridização entre povos celtas, frígios e greco-romanos numa região provincial, a Península da Anatólia.

A proposta central deste trabalho, portanto, é estudar a mudança no uso de parte do sítio arqueológico de Gordion. A região em que essa cidade se localiza foi profundamente estudada em especial pela escola britânica (*British Institute at Ankara*), o que possibilitou uma visão geral sobre a região. Recentemente, tem sido estudada por uma equipe de arqueólogos da Universidade da Pensilvânia ligados a um dos projetos do *Penn Museum* com especial ênfase à cidade de Gordion por ter revelado um rico sítio arqueológico.

A cidade, localizada no centro da Península da Anatólia, hoje Turquia, foi dividida em micro-regiões a título de estudo. Uma destas micro-regiões, a *Lower Town* é identificada por Selinsky (2005) como o local onde ocorriam rituais de sacrifícios humanos durante o período helenístico, o que, somado ao que informa a documentação antiga, conectaria a respectiva camada estratigráfica a uma ocupação celta já que as populações celtas são praticantes de tais rituais. Estas práticas, no entanto, deram lugar a práticas funerárias tidas como convencionais, ou seja, enterramentos e cremações verificadas na camada superior, correspondente ao período de ocupação romano.

A verificação de rituais de caráter celta primeiramente e a posterior presença de rituais romanos, ainda que os primeiros não necessariamente assumam o caráter funeral que permeia os últimos, parece indicar que o impacto destas populações, celta e romana, teria sido sentido mais profundamente na região.

Acredita-se aqui que o modo através do qual as sociedades celtas se relacionaram com as demais populações locais e greco-romanas é parte de um constante processo de hibridização (como será desenvolvido mais adiante) que ocasionou a mudança de práticas religiosas na região. Entende-se também que o processo de “pacificação” romano na região da Galácia entre os séculos II a.e.c. e I e.c. foi um dos fatores que teve um caráter especialmente importante para que tais mudanças ocorressem da forma como se deram.

O conceito de hibridização, que será aprofundado no segundo capítulo, compreende a formação de um híbrido entre as culturas em contato tornando ambas diferentes do que eram no momento anterior ao contato. Por basear-se em uma concepção diferenciada sobre o encontro entre culturas diferentes em suas mais variadas formas, ele tem especial importância para o presente trabalho. Ao entender as outras nuances possíveis anteriormente classificadas em termos de resistência e dominação, aproxima-se mais e melhor do contexto antigo no qual as formas políticas e sociais tinham um caráter mais fluido e as especificidades locais tornam-se cruciais.

Percebe-se a partir deste processo de hibridização cultural que no período helenístico havia uma proeminência das práticas rituais das populações celtas assentadas na Anatólia, ainda que as existentes não tivessem sido completamente abandonadas, o que pode ser observado pela continuidade dos templos e registros da religião das populações frígias nas cidades da região. O objetivo da pesquisa é, portanto, entender este processo de mudança de práticas através da compreensão da hibridização das mesmas na formação de uma nova cultura.

A presença celta, portanto, passa a existir nesses espaços, anteriormente frígios, o que é indicado pela incorporação de nomes celtas à liderança religiosa (MITCHELL, 1993), mas também em áreas distintas, no caso as áreas onde são verificados sacrifícios humanos, ou seja, a *Lower Town* e o cemitério de Kuçuk Hoyuk. Assim, a cultura material de Gordion parece indicar que a população celta recém-assentada, além de buscar inserção nos espaços já existentes, dava continuidade a ritos próprios, que também sofreram alterações.

No período romano, com a presença mais expressiva da autoridade romana e de sua população na região, surge a necessidade de novos recursos de autoridade e devoções, sendo assim, após o conflito direto e “pacificação” de 189 a.e.c. tornam-se necessárias novas formas culturais e religiosas para que Roma seja reconhecida como o referencial desta região recém-adquirida.

Sabe-se que os ritos romanos assumiam diversas formas que mesclavam seu caráter político e religioso com ênfase à *orthopraxis* (RÜPKE, 2007). Sua prática, como toda prática ritual teria como uma de suas funções construir, criar e modificar as crenças religiosas a nível local (Bell, 1992, 1997; Humphrey & Laidlaw 1994 *apud* FOGELIN 2007) de forma a se tornarem adequadas aos interesses contextuais, no caso, os interesses romanos para a região. A prática ritual adquire, portanto um caráter “atemporal” para a população que a pratica na medida em que se apresenta como tradicional, apesar de ligada a interesses contextuais. Para o caso romano ligava-se ao *mos maiorum*, o que deveria ser respeitado expiando-se possíveis inadequações (RÜPKE, 2007: 296).

Para análise destes processos de hibridização cultural foi produzido um catálogo que contém 49 conjuntos de ossadas que contemplam vestígios de sacrifícios humanos e enterramentos. Para sua análise, parte-se da hipótese de que a transição da prática dos sacrifícios humanos para enterramentos está relacionada a mudanças culturais e rituais ocasionadas pela hibridização cultural ocorrida na região, primeiramente entre as culturas celta e frígia, em contato também com gregos viajantes e comerciantes¹, e em seguida com a romana.

Entender esta modificação de práticas como um processo pacífico não é a proposta deste trabalho. Observa-se aqui o aspecto material deste encontro entre populações de culturas diversas, levando-se em conta a incursão militar romana à região, a anexação da província da Galácia e medidas que disso decorreram.

O diálogo interdisciplinar entre arqueologia e história foi, conseqüentemente, largamente usado no presente trabalho. As fontes e interpretações de ambas as disciplinas contribuem conjuntamente para a melhor observação das sociedades estudadas propiciando um espectro mais amplo de possibilidades para sua compreensão. Para o estudo do sítio de Gordion, especificamente, esta visão conjunta possibilita novas interpretações da

¹ Há relatos gregos sobre a Frígia em Heródoto (*Histories*, 1. 14) e colônias gregas estabelecidas na costa da península da Anatólia desde o V século a.e.c. possibilitam o contato comercial entre as regiões. No entanto, sua ocupação não é tão largamente verificada no plateau central da península, limitando-se ao litoral. Acredita-se aqui que interações em pequena escala ocorriam ao longo do período estudado, mas estas não são o foco do presente trabalho.

historiografia da região e até mesmo das fontes escritas exploradas por autores anteriormente aos achados arqueológicos.

Tendo em vista que as fontes aqui exploradas consistem em esqueletos humanos totais ou parciais selecionados e dispostos metodicamente, interpretados, portanto, como resultantes de sacrifícios humanos em contexto religioso e cultural das tribos migrantes ou resultantes de práticas funerárias de enterramentos, este trabalho também propõe estudos relacionados a práticas religiosas e rituais. Desta forma torna-se possível comparar sacrifícios humanos e práticas de enterramento por estarem inseridos no campo da prática ritual da sociedade estudada.

No primeiro capítulo, Gálatas e Celtas, pretende-se analisar o que se diz sobre as populações da região da Galácia de forma geral a partir de evidência textual e cultura material. Faz-se então uma delimitação temporal e espacial da pesquisa e elabora-se um breve panorama histórico com vistas a apresentar o contexto maior em que se inserem os processos pesquisados. O capítulo se divide em uma primeira parte que trata das condições físicas e políticas da região, e uma segunda parte, “Celtas e Gálatas no I século a.e.c. e no I século e.c. em Gordion” onde desenvolve-se mais aprofundadamente os processos históricos que se dão no recorte escolhido, entre o I século a.e.c. e o I século e.c.

O segundo capítulo, Teoria e Contato, aprofunda questões relacionadas ao trabalho com cultura material e ao debate teórico acerca de contatos culturais e sua análise sob uma perspectiva pós-colonial. Para tal é necessário também o aprofundamento em questões relacionadas a esta perspectiva. Assim, o capítulo se divide em duas partes: “Estudos de Cultura Material” e “Hibridização, Analogia e Cultura Material”. Nesta segunda parte estes conceitos são explicados e relacionados de forma a servir à interpretação do material estudado.

O capítulo 3, Ritual e Arqueologia, apresenta debates relacionados a religiosidade, prática ritual e sacrifício. Demonstra-se então as possibilidades de trabalho com estruturas rituais através de vestígios arqueológicos e literários seguindo a abordagem de Bell (1992). Fundamental para esta pesquisa é a sua concepção de que a atividade ritual baseia-se em uma performance física e que deve ser observada enquanto prática e que, portanto, deixa vestígios físicos passíveis de análise. Somente através dessa visão é possível utilizar a cultura material como fonte para observação de mudanças rituais. O capítulo discute ainda o debate sobre a relação entre violência e sacrifício e as diferenças

de acepção e tramento do morto em enterramentos e sacrifícios dividindo-se em “Visões dos Sacrifícios: Violência e Assassinato” e “Enterramentos x Sacrifícios?”.

O capítulo 4, O caso de Górdion, é o aprofundamento do estudo do caso escolhido. Nele faz-se a análise dos vestígios de sacrifícios humanos dispostos no catálogo e interpreta-se aspectos da religiosidade local a partir dos mesmos. Busca-se aqui interpretar os dados do catálogo frente às informações disponíveis em material historiográfico e arqueológico, a fim de comprovar nossa hipótese central. O capítulo divide-se, portanto, em “Período Helenístico”, “Período Romano” e “Hibridização cultural”.

O texto que segue pretende, portanto, questionar o caráter eurocêntrico que permeia os estudos sobre temas da antiguidade e coloca um claro referencial civilizatório nas populações greco-romanas. Pretende-se com ele fazer coro com os demais trabalhos que possibilitam que populações de identidades outras construam igualmente sua história baseando-se em seu passado histórico.

Embora essa representatividade de populações outras seja um dos objetivos da pesquisa, a corroboração de teorias que conectem as práticas contemporâneas de religiões que se entendem como neopagãs a um passado histórico não é. Entende-se aqui a relevância destas religiões neopagãs no contexto atual. No entanto, é importante perceber que estas religiosidades “alternativas” também produzem representações de um passado pretensamente céltico, isto é, criam discursos e tradições que fazem uso do passado a fim de obter legitimidade ante seus praticantes e em oposição às religiões tradicionais. Seus discursos e práticas são, portanto, baseados no que convencionou-se chamar *Celtic Revival* e não são mais “verdadeiras” ou “autênticas” do que qualquer outro discurso religioso.

Busca-se, portanto, através deste estudo de caso provincial, propor um novo olhar sobre determinadas populações entendidas como celtas, contribuindo também para a desconstrução da tradição de unicidade e celtismo criada e recriada a partir do *Celtic Revival* no período moderno.

Capítulo 1- Gálatas e Celtas

Ao analisar os métodos de abordagem de textos antigos, Bruce Malina desenvolve a questão da importância da compreensão do “cenário” em que estas obras são produzidas. O autor afirma que o não entendimento deste e dos conceitos culturais que cercam os autores e as obras comprometem o entendimento das mesmas tanto para aqueles dias como para os atuais (MALINA, 2008: 3-24, *passim*).

No presente trabalho o interesse principal não se volta para documentação escrita, porém há interesse em elaborar uma análise, ainda que sucinta, sobre o cenário em questão. Este cenário compreenderia o contexto físico e temporal. Acredita-se que este interage com os agentes de forma extremamente criativa enquanto os mesmos o modificam e são modificados por ele. Todavia é importante ressaltar que, como para Malina ao elaborar o conceito, estas interações não podem ser entendidas de forma determinista. Leva-se em conta, portanto, o papel ativo e a capacidade criativa humana para lidar com o ambiente e solucionar problemas por ele impostos. Esta visão não observa, portanto, nenhuma relação com qualquer forma de determinismo geográfico ou territorial.

Partindo desta ideia de exploração do cenário, faz-se importante detalhar aspectos relevantes sobre a antiga Anatólia (ver fig.2). Essa região é tida pelas fontes antigas e modernas como um território de grande importância, por ser via de acesso para a Europa e Ásia. Caracterizá-la como uma região de passagem implica dizer que nela residiam diversas sociedades e circulavam outras tantas, o que teria um impacto direto nas populações residentes (MITCHELL, 1980:1058 *apud* MURPHY-O’CONNOR, 1996).



Figura 2: Mapa da Galácia de 25 e.c. a 137 e.c.
(Disponível em <http://www.christinyou.net/pages/galmaps.html>)

No período abordado nesse trabalho, I século a.e.c. ao I século e.c., a região da Galácia passa de um controle político de reinados locais à posição de província romana. Suas fronteiras eram limitadas por outras províncias romanas — em parte pela Capadócia, ao leste, pela Bitínia e Ponto, ao norte, pela Ásia Menor ao oeste, e pela Panfília, ao sul.

O plateau central da península, onde se localizam as cidades a serem estudadas nesta pesquisa situa-se num planalto entre os Montes Tauro, ao sul, e os Montes da Paflagônia, ao Norte. Na sua parte norte-central, destacam-se as cidades de Ancira, a atual Ancara, capital da Turquia, Pessinus e Tavium. Através desta região passa o curso médio do rio Hális (em turco: *Kızılırmak*) e a parte superior do Sangário (Sakarya), que desembocam no mar Negro.

O rio Sangário, que corta a região, é mencionado por Pausanias (*Description of Greece* book 1, chapter 1), autor que viveu durante o I século e.c., e por Políbio (*Histories* book 21, chapter 37), I século a.e.c.; o que demonstra o conhecimento greco-romano sobre a região neste período.

O território é dotado de alta amplitude térmica devido a sua proximidade a uma região quase não arborizada no sudeste que torna cada estação do ano mais rigorosa. Por isso, mesmo que em pouca escala e apesar da ausência de um sistema de irrigação, a atividade pastoril de ovelhas era apreciada devido à importância da lã na província.

Os produtos principais podem ser inferidos das inscrições esculpidas nas lápides com temas frequentes de: roca de fiar, picareta e podão, cachos de uva, espigas de trigo e uma canga de bois puxando um arado. “Os cereais mantinham viva a província, a lã trazia-lhe riqueza” (MITCHELL, 1993, v. 1: 146). Assim, a economia da península era movida pela pecuária de pequenos rebanhos, viticultura e agricultura de cereais denotando um estilo de vida predominantemente agrícola e rural.

Sabe-se que, no período romano e mesmo um pouco antes, o transporte destes produtos e dos produtos externos que chegavam à Galácia, era realizado por meio de estradas romanas (MITCHELL, 1993: 124). Pessinus havia sido uma cidade frígia antiga na qual era localizado um conhecido templo dedicado à deusa Cibele também conhecida como a grande mãe dos deuses².

Pode-se concluir, portanto, que por mais que a população participasse de atividades predominantemente agrícolas, também convivia com uma grande quantidade de viajantes,

² Também chamada Agdistis, Meter Dindymene e Magna Mater, esta era uma divindade suprema frígia responsável por todos os aspectos do bem estar de seu povo e cujo culto foi reconhecido em Roma em 204 a.e.c..

comerciantes e peregrinos³. A variedade de práticas culturais proporcionada por esta população flutuante seria um dos fatores a contribuir para o constante processo de hibridização cultural a ser explorado nesse trabalho⁴.

Por conta de sua localização, como exposto acima, a ocupação do território é tida como de longa duração. Isso quer dizer que desde a era paleolítica até a Turquia moderna constata-se a ocupação ininterrupta da região, o que explica o interesse das ciências humanas em torno dos fenômenos sociais que podem ser ali estudados.

A maioria dos trabalhos elaborados sobre a Antiguidade na Península da Anatólia parece encontrar alguns obstáculos. O primeiro deles é a escassez de registros oficiais que descrevam a região em termos de seu caráter político, econômico e social. Para o período Greco-romano especificamente, há menções sobre a região, em especial em Pausanias, Diodorus, Lívio, Políbius, Justino, Estrabão, Apolônio e Plutarco (MITCHELL, 1993 *passim*).

A atenção dada a região por parte dos autores greco-romanos antigos aumenta sobretudo durante o período em que as potências em expansão entram em maior contato com as populações europeias, tendo em vista que formas diferentes de contato sempre existiram. Inicia-se então um processo de formação identitária por ambas as partes, populações europeias e greco-romanas, que engatilha diversos eventos, entre eles conflitos bélicos e movimentações territoriais.

As movimentações das populações européias desde o IV século a.e.c. e o crescimento de Roma como potência mediterrânea também influenciaram a ocupação e povoamento da região da Galácia. Os conflitos políticos e sucessórios dos reinos helenísticos que controlavam a região exigiam participação em conflitos bélicos frequentes, por conta disso recorria-se a alianças com outras sociedades além da usual contratação de mercenários⁵.

³ Gordion havia sido a capital do reino frígio em sua época, mas já havia perdido muito de sua importância econômica e política, tendo se ruralizado. Próxima a essa cidade localiza-se Ancara, onde se situava um templo de cujas paredes foi possível recuperar a obra “*Res Gestae Divi Augusti*”. Este templo seria um exemplo de foco de peregrinos e comerciantes.

⁴ Aqui utiliza-se o conceito como proposto por Bhabha em *O Local da cultura* (1998). A exploração do conceito para a pesquisa é aprofundada no capítulo 2.

⁵ É importante perceber que embora a atividade mercenária envolva primariamente a porção masculina adulta da comunidade, sabe-se que o restante acompanhava aquela parcela se assentando em locais próximos (RANKIN, 1996).

É assim que populações celtas chegam à região convidadas por reis helenísticos. Embora seja vasto o debate sobre os pressupostos segundo os quais uma comunidade pode ou não ser denominada celta ou descendente de celtas por conta da recuperação e das releituras desta cultura no período moderno, entende-se aqui como tal aquelas comunidades residentes na região central do continente Europeu que se desenvolveram e deixaram vestígios identificados arqueologicamente como provenientes dos períodos hallsattiano e lateniano - e que a partir do IV século a.e.c. se dividiram em ondas de migrações. Estas populações celtas que migram para o leste da Europa são mencionadas nas fontes antigas como gálatas.

Segundo Voigt havia vantagens para as tribos recém-chegadas:

"Quando os Gálatas chegaram, encontraram uma paisagem que era, em alguns aspectos parecida com sua pátria europeia no IV e III séculos a.e.c.. Havia um monte alto e plano muito semelhante à topografia dos locais escolhidos para a construção dos *oppida* La Tèneianos (Cunliffe 1997). Ao sul deste monte havia uma área fechada correspondente a espaços utilizados para rituais La Tène europeus (Webster, 1995; ver também Bradley 20: 259)

Embora não seja possível recuperar como estas populações se sentiam por conta, sobretudo, da ausência de documentação própria, a similaridade entre os territórios pode de fato ter sido um fator positivo na adaptação das mesmas ao novo local. Os textos antigos⁶ que mencionam populações celtas e gálatas especificamente, além de não terem sido produzidos por populações celtas, são em sua maioria posteriores ao que relatam (Tito Lívio, Diodoro Siculus, Heródoto, Pausânias, Apiano, Plutarco, Josefo, Estrabão, César, Amianus Marcelino, Cicero e Virgílio). Verifica-se neles a presença de três denominações principais para as populações em questão que são comumente traduzidas como celtas, gauleses e gálatas. É possível perceber a correspondência destes termos entre si para se referir às populações oriundas da Europa central.

Identifica-se também adjetivos e descrições que se repetem nas menções às populações celtas apresentando-os de forma aparentemente indiferente, como inerentes ao território, ou como Outro enfatizando-se com frequência a superioridade greco-romana. A participação destas populações em atividades de guerra também é recorrente, associando por vezes as atividades de guerra às suas características essenciais.

A análise dos textos gregos e latinos permite reconstituir uma visão greco-romana sobre as populações celtas como Outro em maior ou menor grau de adaptação sempre com

⁶ Disponíveis em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/> Acessado em 10/12/2013 às 23:13.

relação à cultura greco-romana. Nos casos de maior grau de adaptação verifica-se a busca de semelhança entre ambos, e nos casos de menor adaptação, o contrário depreciando-os. As descrições de caráter mais indiferente aparecem como investigação curiosa diante de uma cultura que tem inegável grau de complexidade e insiste em apresentar-se e funcionar segundo uma lógica à parte.

Estes autores e, conseqüentemente seus textos, estão imersos em uma realidade social, temporal e geográfica que lhes garante um papel legitimador do discurso hegemônico cultural greco-romano apresentando uma clara tendência a relegar às regiões “periféricas” um papel marginal, primitivo em contraste com a “civilidade central”. Transparece, portanto, um discurso oficial dotado de uma noção de “barbarismo” e imutabilidade com relação a estas populações.

Assim, é preciso ter outros tipos de documentação antiga com os quais seja possível tecer um contraponto. Com isso não se pretende relegar a um ou a outro um papel secundário, assessorio; tampouco desqualificar a documentação literária antiga tendo em vista que diferentes tipos de indício apresentam diferentes características. No entanto, é preciso que cada documento seja problematizado de acordo com suas características. Desta forma, a numismática, por exemplo, apresenta uma necessidade metodológica específica e diferenciada da epigrafia, que da mesma forma se diferencia das fontes escritas e imagéticas. Pretende-se aqui, portanto, destacar o quão importante é a cooperação entre as disciplinas e a confluência de todos os tipos de indícios que sirvam para apontar rumo a uma melhor reconstituição da realidade material antiga em suas diversas esferas que se inter-relacionam.

Para investigação da Anatólia antiga, recorre-se com frequência à evidência onomástica, topográfica, epigráfica e arqueológica além de levar-se em conta os textos produzidos sobre a região durante a antiguidade. A partir destes sabe-se que era uma região de ocupação frígia sob influência política dos reinos helenísticos, mas que abrigava simultaneamente reinos independentes.

A Frígia havia sido um reino situado na parte central oeste da Anatólia. A população frígia teria se assentado na região por volta do século X a.e.c. estabelecendo um reino no século VIII a.e.c. Este reino foi devastado por invasores cimérios em 690 a.e.c., brevemente conquistado pela Lídia, território vizinho, passando também pelo domínio político do império de Ciro II da Pérsia. Após contato com o império de Alexandre e seus

sucessores, o território foi tomado pelo rei de Pérgamo, e posteriormente tornou-se parte do império romano. A língua frígia sobreviveu até o século VI e.c.

A partir do século III a.e.c., houve muitas mudanças nas fronteiras e nas afiliações políticas desta região estratégica. Por volta de 278, três populações celtas distintas, que falavam a mesma língua, atravessaram o Estreito do Bósforo e se estabeleceram nesta região. Sua presença seria de tal forma evidente para seus contemporâneos que a região que vieram a habitar recebeu então o nome de Galácia⁷ (FERREIRA, 2005:14). Seu povoamento na Ásia Menor começou de fato em 232 a.e.c. principalmente na região da atual cidade de Ancara.

Segundo Mitchell (1993), o início do assentamento celta se deu na região central da península a partir de uma aliança formada entre a tribo dos Tolistobogii e Ziaelas para que este segundo, em exílio na Armênia até a morte de Nicomedes I, assumisse a sucessão do reino de Bitínia e Pontus, regiões localizadas ao norte e leste. Ao fim do conflito, não havendo recebido o que lhe havia sido prometido por conta da interferência da população de Heracleia Pontica, este acabou por invadir e saquear o território. Tribos celtas teriam ainda lutado ao lado de Mitrídates, de Pontus, e Ariobarzanes, da Capadócia, para repelir forças ptolomaicas no Mar Negro, recebendo a região ao redor de Ancara como recompensa pelo sucesso. Eventualmente essa aliança expirou com o saque da região de Pontus, e novamente de Heracleia, por ocasião da ascensão de Mitridates II ao trono ainda criança.

É preciso ter em mente que a região em questão tratava-se de um conjunto de territórios independentes frente ao Império Helenístico em um momento no qual os diversos reinos se encontravam em concorrência (ver fig.3). O conflito entre Seleucidas e Ptolomeus, ao que se seguiu a “guerra dos irmãos”, entre Antíoco Hierax e Seleuco II, também ocasionou uma aliança entre Mitridates, de Pontus, Antíoco Hierax, e mercenários gálatas contra Seleuco II, que possibilitou a expulsão dos selêucidas da Anatólia.

⁷ Para um aprofundamento no estudo do nome dado a este conjunto de tribos e seus possíveis significados, ver BALLESTER, 2002.



Figura 3: Mapa - Reinos Helenísticos e principais cidades em 240 a.e.c. (Disponível em <http://classes.maxwell.syr.edu/his301-001/map09.jpg>)

Diante de tal demonstração de força, sabe-se que territórios independentes pagavam tributos às tribos celtas para evitar pilhagem e que o reino Atálida de Pérgamo, ocasionou a batalha que derrotou as tribos celtas ao se recusar a pagar o *stipendium*. Ao fazê-lo Átalo recebe o título de rei. Também fortalece seu território sem, no entanto, expulsar as tribos celtas ou confiscar os espólios que haviam acumulado. Sua força e imagem na região permanecem, portanto pouco alteradas.

As tribos que se fixaram na Ásia Menor são consideradas dissidentes de outras tribos que se fixaram nas proximidades da Grécia. As movimentações dessas populações oriundas da Europa central entre os anos 400 a.e.c. a 180 a.e.c. (ver fig.4) são entendidas como tendo sido impulsionadas por conflitos internos⁸. As pessoas teriam viajado por terra através de onde hoje se localizam as cidades de Çanakkale e Istanbul e chegado à península da Anatólia ocupando a região no III século a.e.c. (CUNLIFFE, 1997:178).

⁸ A questão das migrações não será discutida a fundo na atual pesquisa, para um aprofundamento no tema ver Ó HÓGÁIN, 2002; CUNLIFFE, 1997; SZABÓ, 1991.



Figura 4: Mapa - Migrações celtas (MITCHELL, 1993: 14)

Os celtas eram reconhecidos de forma geral por sua eficiência em batalha e crueldade com os inimigos, incluindo a prática de sacrifícios humanos. Isso é comprovado pelo fato das populações preferirem tirar a própria vida a serem capturados por estes povos (RANKIN, 1996: 189). Este pode ter sido o motivo das tribos nomeadas Tolistobogii, Trocni e Tectosages terem recebido de Nicomedes a proposta de atuar como mercenários na região e, posteriormente, acabaram por se fixar no território entre a Bitúnia e os territórios de Antíoco I servindo também como barreira de proteção (CUNLIFFE, 1997:178).

Alguns de seus aspectos continuam obscuros, no entanto, principalmente com relação ao pagamento desta atividade. Como as populações celtas não possuíam cunhagem própria em seus territórios admite-se que utilizavam moedas de outros povos para interação comercial com estrangeiros. Entretanto, não é possível saber o grau da monetarização da sociedade. De fato, o caráter rural da maioria das tribos e a economia de bens de prestígio (FRANKENSTEIN 1997 *passim*) vigente apontam para sociedades com um alto grau de

diferenciação, complexidade social e especialização. Todavia não é possível distinguir entre o botim de guerra e o pagamento dos soldados⁹ (SZABÓ, 1999).

A importância das batalhas na estrutura das tribos celtas é observada na análise que César (*De Bello Gallico*) faz dos povos denominados gauleses. O foco de interesse dessas populações residia no próprio botim, mas também no banquete e na honra que a guerra trazia aos indivíduos que se destacavam.

Corcoran (1970) entende este interesse por batalhas como fruto de uma interação entre povos celtas de períodos anteriores e o mundo clássico, de onde estes primeiros se sentiram estimulados a produzir bens de luxo desenvolvendo a arte e a metalurgia, e adotando práticas como o banquete. Por conta desta interação teriam surgido não só essas práticas, como também uma classe que pode ser chamada aristocrática no mundo celta (CORCORAN, 1970: 34).

De fato, não se pode excluir a possibilidade e o papel da interação entre as diversas comunidades desse período tendo em vista que o mundo céltico se estendeu por toda a Europa, Ilhas Britânicas e Ásia Menor durante um período cronológico extenso. Entretanto, a interpretação de Corcoran apresenta uma visão etnocêntrica e difusionista segundo a qual as populações celtas não teriam sido capazes de inovações criativas próprias, precisando sempre o contato para que estas acontecessem.

Em todo caso, esta similaridade entre as tribos assentadas na Anatólia central e europeias, a batalha, alimentou incursões às regiões circunvizinhas até o momento de sua derrota por Átalo I de Pérgamo. Os celtas serão então usados como mercenários nos exércitos selêucidas e ptolomaicos. Após a morte de Átalo I, em 197 a.e.c. as tribos voltam a dirigir ataques ao oeste até serem derrotados por Prúsias da Bítinia.

Admite-se aqui que a comparação entre as tribos celtas que migraram para a Ásia Menor e as tribos celtas européias descritas pelos autores antigos é possível pois, mesmo tratando-se de tribos diferentes, nota-se pontos culturais comuns. Entende-se que isto teria

⁹ Ao tratar de diversos casos de interação entre celtas e estrangeiros foram criados os conceitos de sistemas mundiais e economia de bens de prestígio, segundo os quais a interação entre as sociedades seria generalizada e ditada pelos interesses das sociedades “mais desenvolvidas”. Estas buscariam nas demais materiais importantes para si e, em troca, doariam bens com alto grau de sofisticação segundo suas concepções. Dietler (2005) tece interessantes críticas a ambas ao demonstrar que seu berço marxista foi incapaz de fazer com que seus trabalhos se afastassem de concepções eurocêntricas e etnocêntricas que entendem as sociedades “periféricas” como passivas em aceitar bens de prestígio de sociedades “centrais” e civilizadamente superiores dando em troca acesso a materiais brutos e tornando-se consequentemente vítimas dependentes deste ciclo. É preciso perceber que as relações entre as partes tem um caráter complexo e não binário que precisa ser analisado em cada contexto particular para que não sejam cometidas generalizações que sufoquem a realidade material de cada caso.

sido reconhecido de alguma forma por fontes antigas que por isso descrevem celtas, gauleses ou gálatas com certa unidade.

Tendo isso em mente é possível admitir para os gálatas alguns elementos do que se sabe sobre a estrutura religiosa dos celtas da Europa e que são comuns na maioria das regiões ocupadas por esses povos, ou seja, uma estrutura religiosa politeísta, com a presença de rituais executados por uma elite sacerdotal e que incluem o sacrifício humano, efetuado com maior ou menor frequência. Havia também, e principalmente, a concepção de que sua religião deveria ser passada adiante de forma oral¹⁰, motivo da ausência de vestígios escritos produzidos por estes povos.

Embora seja possível tecer linhas gerais sobre uma religiosidade que perpassasse as diversas tribos celtas, é preciso ter em mente que estas sociedades não eram politicamente, administrativamente ou socialmente unificadas. Para Kruta o conhecimento sobre a religiosidade celta é baseado em inferências a partir do que se tem de iconografia e uma análise comparativa com os registros das religiões indo-européias:

“Ao contrário a maioria das religiões antigas, a religião celta não pode ter constituído um conjunto consistente e imutável de crenças. Deve ter sido um panteão composto de deuses tribais, deuses locais (muitas vezes pré-célticos), e cultos pertencentes a classes sociais específicas, todos juntos em um sistema flexível, organizado em torno de um punhado de grandes deuses pan-célticos de um ‘poço’ mitológico comum¹¹.”(KRUTA, 1999: 533)

A cultura material se apresenta como indício importantíssimo para compreensão da realidade material antiga, sendo possível analisar casos como o de Gordion no qual verifica-se ausência de fontes escritas próprias ou contemporâneas aos relatos. Outra grande contribuição da cultura material para os estudos históricos é apresentar a perspectiva das classes produtoras, quase sempre invisíveis à documentação oficial.

O registro de nomes familiares desta região aponta para a união de famílias celtas, gregas, romanas e frígias por meio de alianças e casamentos. A inserção de nomes celtas na elite sacerdotal originalmente frígia também é verificada durante o período helenístico (MITCHELL, 1993: 48)

¹⁰ Para aprofundamento de estudos sobre a religiosidade das tribos celtas, ver GREEN, 1996 e KRUTA, 1999.

¹¹ “Unlike most ancient religions, Celtic religion cannot have comprised a consistent and unchanging set of beliefs. It must have been a composite pantheon of tribal gods, local deities (often pre-Celtic), and cults pertaining to specific social classes, all bundled together in a flexible system organized around a handful of major pan-Celtic gods from a common mythological ‘pool’” (KRUTA, 1999: 533).

Para Cunliffe (1997: 172, 178), os celtas que migraram para a região da Galácia não teriam sentido necessidade de fundamentar sua dominância por meio de elementos simbólicos como a religião, já que esta já era sentida política e culturalmente por eles mesmos e pelos demais povos da época, a exemplo da escolha do nome da região relativo aos celtas, não aos frígios.

Entretanto, segundo Mitchell, distinguem-se duas vertentes: uma que afirmaria a união entre as elites sacerdotais celta e frígia por conta das similaridades entre ambas as religiões, apesar de não haver registros oficiais dessa união até o II séc. e.c. E uma segunda, que entenderia a entrada celta nas elites sacerdotais frígias como uma manobra política para aquisição de poder por parte dos celtas (MITCHELL, 1993: 48).

Em primeiro lugar é preciso reformular a concepção de fusão completa de ambas as culturas por conta da evidência de nomes familiares. A possibilidade destes nomes e casamentos representarem alianças políticas soa altamente razoável, mas também não há indícios suficientes para interpretar tal processo como escolha estratégica das elites celtas. É preciso ter em mente também o caráter heterogêneo destas sociedades. Em segundo lugar é preciso perceber que a similaridade entre estruturas religiosas não é um fator decisivo no processo de comunicação entre culturas. Na sociedade contemporânea, por exemplo, há conflitos entre católicos e protestantes que se incluem em uma estrutura religiosa cristã e entre cristãos e muçulmanos que seguem estruturas religiosas monoteístas.

O caráter local e o sistema flexível da religiosidade celta, como entendido por Kruta (1999), parecem ter interagido com a sociedade frígia de uma forma tal que as fontes escritas permitem observar o resultado desta união, mas não analisar o processo. Sendo assim, não é possível saber se este era um aspecto importante demais para ser deixado de lado por uma das sociedades ou se houve uma questão estratégica.

A “pacificação” romana iniciada pelas batalhas de Manlius Vulso contra Antíoco III em 190 a.e.c. parece ter sido motivada por propósitos expansionistas romanos, mas também por uma certa ambição com relação ao botim celta. Após as batalhas iniciais firmou-se um acordo de paz entre Eumenes II, de Pérgamo, reino aliado a Roma, e as tribos celtas.

Em 168 a.e.c. há uma insurgência contra o domínio Atálida na qual se recorre mais uma vez à ajuda romana. Simultaneamente, Prusias da Bitínia se volta para Roma para reclamar o território gálata. Embora as fontes forneçam apenas informações sucintas, é

possível perceber o caráter conflituoso dos diversos reinos independentes na região, sua submissão a Roma e o interesse desta última na manutenção do *status quo*.

Em 131 a.e.c. a República romana transforma-se em um Império. O comércio, a busca por escravos e as guerras endêmicas já faziam parte do cotidiano de Roma nesta época e continuariam fazendo no período seguinte (MENDES, 2002). Sendo assim, o diálogo entre romanos e populações locais não causa surpresa, e a relação de ambos como concorrentes e vizinhos continua não só na forma de conflitos bélicos, mas também através de trocas comerciais que interligavam o mar Mediterrâneo ao atlântico por uma variedade de rotas terrestres e fluviais (CUNLIFFE, 1994) e de trocas de bens de prestígio (FRANKENSTEIN, 1997). Além de estimular a produção local, estas formas iniciais de interação também apresentavam uma cultura à outra, sendo fruto destes encontros os relatos sobre estas tribos como Outro, bárbaro.

Vulso transforma terras gálatas em *ager publicus*, o que vai iniciar um gradativo aumento da população romana na região. Em 25 a.e.c. Otaviano Augusto cria a *Provincia Galatia Romana*, unindo as três tribos que haviam migrado no III século: Trocmi, Tectosages e Tollistobogii. Apesar disso, em 21 a.e.c. Augusto divide a província em três regiões administrativas principais: Pessino, Ancira e Távio. Mitchell (1993) apresenta que havia uma interação político administrativa entre as três, mas cada tribo teria ocupado fisicamente uma região e sobre ela teria um determinado grau de autonomia política. Já na primeira metade do I século é observada uma intervenção na região por meio da criação de cidades centrais, de caráter romano.

A Galácia continuou sob o controle romano mesmo depois da divisão do império em 395 e.c. e, até certo ponto, depois do século VII, quando os árabes conquistaram vastas regiões de Bizâncio. Segundo Jerônimo, que viveu entre 347 e 420 e.c., em seu tempo os gálatas de Ancara ainda falavam uma língua semelhante à do povo de Trier, localizado no que é hoje a Renânia alemã (*Comm. In ep. Ad 3 Galatas 2. apud MITCHELL, 1993: 50*). O último rei da região, Amintas, morreu em 25 a.e.c., e foi durante o seu reinado como títiro do Império Romano, e posteriormente, que a região denominada Galácia foi ampliada para incluir partes da Licônia, da Pisídia, da Paflagônia, de Ponto e da Frígia.

As constantes interações culturais entre as comunidades locais e viajantes que por lá passavam se misturam ao conturbado cenário político no qual diversas culturas trocam de lugar na proeminência política de umas sobre as outras. Estes são fatores a mais que

direcionam a uma análise da região como tendo uma formação altamente heterogênea que precisa ser levada em consideração ao se tratar a bagagem étnico-cultural da mesma¹².

Embora a influência indireta romana e presença de traços culturais árabes sejam possibilidades muito próximas da realidade material da região, frígios e celtas são os grupos cuja presença na formação da cultura gálata é mais perceptível pela análise de vestígios arqueológicos em diversos níveis estratigráficos, incluindo os períodos helenístico (III séc. a 150 a.e.c.) e romano (I ao III séc.e.c.). Disso se depreende que estes povos estariam presentes em maior número, com maior proeminência política ou expressividade.

1.1 Celtas e Gálatas no I século a.e.c. e no I século e.c. em Gordion

Segundo Estrabão (12. 5. I), a Galácia, que possuía soberanos celtas desde o III séc. a.e.c., seria dotada de uma federação “*koinon galaton*”, segundo a qual cada população vivia sob uma tetrarquia. O autor também afirma que a unificação dos territórios das três tribos em uma instância política fora posteriormente incentivada pelos romanos. Assim, a documentação antiga aponta para um sistema administrativo comercial próprio havendo proeminência das estruturas tribais. No topo da hierarquia política estariam o tetrarca, um juiz (*dikastes*), um chefe militar e dois assistentes (*hypostratophylax*).

Ainda segundo ele, esta federação era governada por um conselho de 12 tetrarcas e uma assembléia de 300 pessoas que se reuniam em lugares sagrados. Houve, na Galácia, como com os celtas da Gália, um conselho que reuniu representantes das doze tetrarquias, 300 homens, em *Drunemetom*. Embora sua localização exata seja desconhecida, sabe-se que nestes lugares, discutiam-se questões de cunho judiciário (SZABÓ, 1991: 320 a 329 e MITCHELL, 1993: 27-30). No entanto, não existia então, como no mundo moderno, uma distinção entre os campos político, jurídico e religioso. Assim, quando se analisa a etimologia do termo, percebe-se que, *dru-* é o mesmo prefixo que se referiria aos sacerdotes/druidas e *nemetom* é um dos termos em língua celta para designar um lugar sagrado. Desta forma, o nome desta localidade sugere o controle deste conselho por autoridades de caráter também religioso¹³.

¹² O debate sobre o conceito de etnicidade é aprofundado no capítulo 2.

¹³ Para aprofundamento sobre *nemetom* ver Green (1996: 448).

O fato de se reunirem em um lugar sagrado parece demonstrar que estes gálatas se assemelham mais aos celtas da Gália descritos por César do que aos próprios helenos. No período romano, o sistema de administração estatal teria suas similaridades com o romano. Por outro lado, os soberanos encarregados da administração estatal da região eram gálatas, o que denota certa autonomia com relação ao Império. Apesar de a cidade de Gordion apresentar um caráter ruralizado durante a antiguidade, sabe-se que nesta época já havia uma rede viária que permitia comércio entre o Mediterrâneo e o Oriente e, portanto a interação entre pessoas e populações¹⁴.

A sociedade celta é considerada ágrafa por não ter produzido documentação escrita em sua própria língua, possuía, no entanto, uma língua própria reconhecida pelos demais povos. As populações frígias, de igual forma, possuíam uma língua própria. Apesar de não haver estudos sobre o processo de hibridização de ambas tendo em vista a dificuldade em acessar a língua das tribos celtas de forma geral, sabe-se que a língua grega foi incorporada para fins comerciais.

O nível de contato entre estes povos parece sinalizar uma gradativa hibridização entre celtas e frígios durante o momento inicial do contato entre ambos, ou seja, não se trata de pensar em termos de helenização/aculturação, nem tampouco de resistências ou heranças. Ao contrário, é preciso entender a formação de culturas híbridas e a variabilidade das práticas locais e regionais¹⁵. Há ali um processo de interação cultural no qual os diversos grupos em contato têm um papel ativo na construção e reconstrução constante de sua cultura, assim como no interior de uma sociedade os diversos grupos heterogêneos se recriam a partir do contato entre uns e outros (BHABHA, 1998). Após esse momento inicial entende-se aqui que forma-se um híbrido cultural entre ambas as populações de forma a não ser mais possível distinguir uma da outra.

A título de organização optou-se aqui por nomear as tribos em processo de migração e assentamento como celtas, as populações locais como frígios e este híbrido formado entre eles após o momento inicial como gálatas. Esta denominação é, no entanto, arbitrária e busca atender somente à necessidade de organização da presente pesquisa. Por isso, não exclui o caráter heterogêneo de cada grupo e as diversas especificidades existentes no processo, além de não se prender ao aspecto étnico e em como os indivíduos se entendiam.

¹⁴ Para mais informações sobre esta rede viária ver FRENCH, David H. *Roman Roads & milestones of Asia Minor*. British Institute at Ankara Electronic Monograph 2, vol. 3 Milestones Fasc. 3.2 Galatia, 2012.

¹⁵ O processo de “helenização” da região será aprofundado no capítulo 4.

Após este momento de assentamento e hibridização, inicia-se um processo histórico específico que faz com que outras populações ingressem neste diálogo de forma decisiva, o crescimento do Império Romano. Embora os dados históricos apontem um enorme impacto das regiões vizinhas ao Império e que foram incorporadas a ele neste momento, o caráter tardio e parcial da documentação greco-romana faz com que as inferências sobre este processo sejam pouco palpáveis. Portanto fez-se aqui a opção por traçar um panorama das sociedades estudadas, adotando uma perspectiva interdisciplinar na qual a análise de cultura material será utilizada em conjunto com a histórica.

Diversas escolas apresentam interesse na investigação arqueológica da região, dentre elas pode-se destacar o Instituto Britânico e o Museu da Pensilvânia. A bibliografia produzida sobre a Gordion e os artefatos ali encontrados se expande desde 1900 com uma expedição austríaca (GOLDMAN, 2000) até o presente.

Apesar de escavado desde o século XX (ver fig. 5 e tabela 1), os trabalhos sobre o sítio de Gordion davam clara ênfase aos períodos Alexandrino e Hitita em detrimento dos helenístico e romano, fases de ocupação das populações celtas oriundas da Europa mencionadas anteriormente. Nos anos 2000, no entanto, descobertas da equipe do Penn Museum da Universidade da Pensilvânia originaram publicações que permitem novas interpretações sobre o caráter e a ocupação da cidade por estas populações.

Nos relatórios preliminares de escavação diversos temas e tipos específicos de cultura material foram abordados como cerâmica, arquitetura, produção de tecidos, vidro, etc. De especial importância para a presente pesquisa foram as publicações de Voigt (2005 e 2012), Selinsky (2004 e 2005) e Goldman (2000 e 2005) por se tratarem do período helenístico e romano respectivamente possibilitando uma comparação entre ambos na qual se possa observar continuidades e mudanças.

Voigt e Selinsky abordam o período helenístico em seus trabalhos analisando um tipo específico de cultura material: esqueletos humanos. Embora depósitos de ossos humanos sejam correntemente interpretados como funerários, e esta interpretação não é absolutamente descartada para análise das ossadas de Gordion, o tratamento relegado a estes conjuntos permite perceber que eram produto da prática ritual específica da população de Gordion e simultaneamente a produziam. Através das ossadas é possível, portanto, estabelecer inferências sobre as práticas culturais que ali ocorriam. Neste sentido, as ossadas são entendidas como cultura material na medida em que é possível perceber um tratamento específico dos ossos que inclui preparação, posicionamento e deposição ou

enterramento metódicos e não aleatórios. A partir da observação destas ossadas e da análise osteológica das mesmas, levada a cabo por Selinsky, torna-se possível recuperar hábitos alimentares, práticas físicas e nível de estresse dos indivíduos.



Figura 5: Mapa: Gordion e suas fases de ocupação (Darbyshire e Pizzorno, Expedition Vol. 51, n. 2: 12 - 13)

Andrew Goldman (2000) elabora uma profunda análise do material encontrado no sítio durante o período romano abordando construções, numismática, cerâmica e enterramentos. Embora não tenha sido feita uma análise osteológica dos esqueletos encontrados neste período, percebe-se de igual forma um tratamento metódico da sociedade para com o indivíduo morto que inclui práticas funerárias específicas.

As operações de escavação desta equipe de pesquisadores trouxeram à superfície cultura material variada que, confrontada com a análise da documentação literária disponível permitiram a formulação e análise de um catálogo de espécimes específicos encontrados na região identificada por Selinsky como *Lower Town*, por Voigt como áreas A e B e por Goldman como cemitérios de Küçük Hüyük (ver fig.6).

Os espécimes analisados no presente trabalho foram escolhidos por serem oriundos da mesma região no sítio nos períodos helenístico e romano e por, conseqüentemente,

apresentarem comparativamente as continuidades e modificações buscadas entre os séculos I a.e.c. e I e.c., como mencionado anteriormente. Pretende-se a partir deles visualizar um processo de hibridização cultural expresso nas práticas rituais e sua modificação ao longo dos períodos de ocupação da região.

Tabela 1: Fases de ocupação do sítio de Gordion

YHSS Fases: ¹⁶			
YHSS	Período	Datas Aproximadas	Filiação Cultural
0	Moderno	Década de 1920	Turco
1	Medieval	Séculos X a XV e.c.	Desconhecido/Seljuk
2	Romano	I século a.e.c. – IV século e.c.	Romano
3A	Hellenístico tardio	260?-100 a.e.c.	Gálata
3B	Hellenístico anterior	330 - ?260 a.e.c.	Frígio/Grego
4	Frígio tardio	540-330 a.e.c.	Frígio/Persa
5	Frígio médio	800-540 a.e.c.	Frígio
6A-B	Frígio anterior	900-800 a.e.c.	Frígio
7	Idade do Ferro anterior	1100-900 a.e.c.	Frígio
9-8	Idade do Bronze tardia	1400-1200 a.e.c.	Hitita
10	Idade do Bronze média	1600-1400 a.e.c.	Hitita

No período helenístico verifica-se a presença de vestígios físicos de performance de sacrifícios humanos. Esta interpretação se dá por serem as ossadas formadas por ossos de seres humanos diferentes depositadas em conjunto com ossos de animais e posicionados metodicamente; por vezes há indícios de traumas como *causa mortis* do indivíduo; o esqueleto está frequentemente incompleto, mas não apresenta indícios de ter sido violado em períodos posteriores; são escolhidos ossos específicos e há frequentemente marcas do processo de remoção da carne dos indivíduos apontando para um processo mecânico, ou marcas de dentes de carnívoros posteriores à deposição. Os ossos animais não são, no entanto, identificados e analisados nos relatórios de escavação.

¹⁶ Cf. Voigt, 2012: 242.



Figura 6: Gordion - Escavações (GOLDMAN, 2000)

Em pleno contraste estão os espécimes romanos. No período romano o terreno é denominado necrópole e os vestígios são interpretados como oriundos de práticas funerárias por estarem os esqueletos predominantemente completos ainda que alguns tenham sido violados durante o período medieval ou posteriormente, por estarem em decúbito dorsal e com os braços dobrados sobre o peito com as pontas dos dedos tocando os ombros e por junto a eles terem sido depositados objetos.

Capítulo 2 – Teoria e Contato

Tendo em vista as fontes escolhidas para análise, faz-se necessário falar um pouco sobre seu caráter material a fim de costurar campos de estudo diversos que tenham a contribuir para a presente pesquisa. Esse exercício envolve o intercâmbio de fontes e métodos visando superar as limitações de cada campo para uma melhor compreensão das sociedades estudadas (SAUER, 2004). Para tal será tecido aqui um panorama do desenvolvimento da arqueologia.

Os estudos arqueológicos já se desenvolviam em conformidade com os métodos cientificistas em fins do século XVIII e início do XIX na Europa. Observa-se também seu desenvolvimento nos Estados Unidos como forma de promover a diferenciação entre a população norte-americana e os indígenas. Neste período, a publicação de *A Origem das Espécies* de Darwin é um dos marcos do interesse em observar a evolução em seus aspectos biológicos e isso acaba sendo importado para os estudos sociais que estão passando por um momento de afirmação de seu estatuto científico. Para a arqueologia especificamente, a evolução na criação de objetos é colocada em paralelo à evolução humana e atrelada a uma evolução social e moral (TRIGGER, 2004).

Durante o século XIX é perceptível uma continuação e aumento na prática arqueológica. Na década de 60 é estabelecido um diálogo entre arqueologia e antropologia e o método hipotético-dedutivo é importado das ciências exatas. Dá-se ênfase a cinco processos básicos capazes de explicar o funcionamento social de um objeto: procura, manufatura, uso (que inclui estocagem e transporte), manutenção e descarte (possível reciclagem/reutilização, deposição, recuperação e perturbação).

A partir de então, a contribuição do estruturalismo de Levi-Strauss e seu conceito de universais – estruturas mentais inconscientes que se encontram presentes em qualquer sociedade – tiveram reflexos no que tange à capacidade humana de ordenar. Passa-se a perceber que o pensamento ordenatório dá ao homem a possibilidade de classificar semelhanças e diferenças e isto cria a possibilidade da representação a partir de associações. Posteriormente, na década de 80, a representação foi ampliada como forma de comunicação ampliando também as possibilidades de leitura dos casos estudados.

As contribuições da teoria marxista para o campo nas décadas de 60 e 70 também foram inúmeras, entre elas a ênfase no processo histórico; concepção de práxis – o social definido a partir das ações humanas; visão do trabalho como fator fundamental no

desenvolvimento das sociedades (interação da atividade humana com a cultura material); predominância dos fatores econômicos; atenção a relações de infraestrutura (base econômica) e superestrutura (instituições sociais, políticas); ideia da consciência determinada a partir de fatores materiais; e a luta de classes como motor das modificações.

A partir da década de 80 o desenvolvimento da teoria pós-processual deu início a uma nova fase de estudos não tão marcada pelo difusionismo e evolucionismo taxonômicos anteriores. Desenvolve-se a teoria da Cultura Material que busca reconstituir o caminho que os objetos trilharam até sua deposição/abandono no local onde foram encontrados¹⁷.

A partir da análise dos processos sofridos por um objeto é possível compreender a razão de sua presença em um contexto ou reconstituir o comportamento que gerou sua presença naquele local. Para Ribeiro as circulações espacial e temporal de objetos são exemplos de releituras culturais que respondem a uma adaptação dos homens à sociedade. “... Os objetos são eles mesmos signos, e não instrumentos onde se projetam seus significados. Há uma relação de mão dupla entre os objetos e seus observadores na construção do significado.” (RIBEIRO, 2007:117)

Fundamental para tal desenvolvimento foi a contribuição de Ian Hodder e sua proposta contextual. A partir de então, o campo da arqueologia contribui para o diálogo por conta do caráter concreto do tratamento de sua documentação¹⁸. Toda inferência é feita via cultura material, e toda cultura material tem uma dimensão simbólica de forma que o relacionamento entre pessoas e coisas seja afetado, logo todo o trabalho de estudo de fontes arqueológicas com vistas à reconstituição de uma sociedade em seus aspectos econômico e social é afetado. “ (...) o objetivo é interpretar os significados subjetivos no sentido dos conceitos e ideias estruturantes que eram usados para organizar as práticas materiais recorrentes de grupos.”¹⁹ (HODDER, 1986:83)

¹⁷ “O encontro entre a Arqueologia e a História e seus debates teóricos se deu muito tardiamente e levou os arqueólogos a se confrontarem com conceitos formulados pela historiografia das décadas de 40 e 50 pela *École de l'Annales*. O lapso temporal fundado entre a Arqueologia e a Antropologia Social repete-se aqui: a Arqueologia dos anos 80 retoma os debates da Historiografia de 40 anos atrás.” (RIBEIRO, 2007: 91)

¹⁸ Sobre isso, Hodder afirma: “Although the evidence does not exist with any objectivity, it does nevertheless exist in the real world – it is tangible and it is there, like it or not. Whatever our perceptions or world view, we are constrained by the evidence, and brought up against its concreteness.” [Embora as evidências não existam com qualquer objetividade, elas existem de qualquer forma no mundo real – é tangível e está ali, querendo ou não. Quaisquer que sejam nossas percepções ou visões de mundo estamos limitados pela evidência e trazidos de encontro a sua concretude.] (HODDER, 1986:100)

¹⁹ (...)the aim is to interpret the subjective meanings in the sense of the structuring concepts and ideas which were used to organize the recurrent material practices of groups” (HODDER, 1986:83)

A maneira pela qual a cultura material age nas pessoas é social; a ação só pode existir em uma moldura social de crenças, conceitos e disposições e como foi produzida por seres humanos, não reflete passivamente a sociedade, mas ajuda a construí-la. Em outras palavras o ser humano se utiliza de uma série de meios, cultura material inclusive, para criar novos papéis, redefinir os existentes e negar a existência de outros.

A relação entre comportamento e cultura material depende das ações de indivíduos inseridos em contextos histórico-culturais específicos, por isso a importância do estudo do contexto²⁰ do objeto. Assim que o contexto de um objeto é descoberto, ele não expõe seu significado cultural, mas deixa de ser totalmente mudo.

A partir do desenvolvimento do método contextual de análise de Hodder na década de 80, admite-se que cada sociedade deve ser avaliada em seus próprios termos já que cada sequência cultural é única em algum sentido, podendo, no entanto, ser apreendida pela mente humana ainda que esta seja fruto de outra sociedade distante no tempo, no espaço e na própria dimensão cultural. “‘Culturas’, portanto, são componentes ou aspectos de contextos, mas não os definem” (HODDER, 1986: 144)²¹

Entende-se aqui os vestígios arqueológicos como produções humanas passadas que carregam uma bagagem cognitiva e simbólica da sociedade que os produziu além de concepções pelas quais aqueles indivíduos são cercados e se cercam simultaneamente (HODDER, 2001, *passim*).

Sendo assim, este tipo específico de fonte, a de caráter material, não poderia ser analisada sem a descrição pormenorizada do contexto em que os vestígios são encontrados, tendo em vista a importância não só dos elementos separadamente, mas também dos conjuntos ali formados, sua proximidade, seu posicionamento, relações de presença, ausência e maior ou menor frequência entre eles.

Neste aspecto a arqueologia contextual indica dois pontos de extrema importância. Em primeiro lugar a concepção de que é preciso estudar o objeto encontrado em conjunto com os demais artefatos dali oriundos de acordo com sua datação e com as estruturas aplicáveis àquela sociedade, ou seja, em seu contexto espaço-temporal. Da mesma forma, é preciso compreender o processo pelo qual a pesquisa arqueológica se dá tendo em vista que, nas palavras de Dyson (1995), o arqueólogo é o único leitor que precisa destruir seu

²⁰ Segundo Hodder a definição de contexto de um achado arqueológico seria “the connecting or interweaving of things in a particular situation or group of situations.” (1986: 123)

²¹ “‘Cultures’, therefore, are components or aspects of contexts, but they do not define them.” (HODDER, 1986: 144)

texto para lê-lo. Sendo assim, é importante perceber que sua prática demanda uma série de seleções constantes e um alto grau de inferência.

A tendência neohistoricista que perpassa os estudos arqueológicos atuais provocou uma série de mudanças na abordagem da cultura material. A “crítica do leitor responsável” e o desconstrucionismo também foram tendências de vital importância para a configuração atual da disciplina (DYSON, 1995). Enquanto a primeira salienta a complexa interação entre autor, texto e leitor; o último se baseia justamente no que não está presente no texto para elaborar suas conclusões, podendo este ser literário, imagético, ou material. Igualmente importante foi o trabalho de Foucault para perceber a construção ideológica e histórica existente nos conceitos.

A partir da contribuição destes trabalhos para as ciências humanas de forma geral tornou-se possível iniciar um debate no âmbito arqueológico sobre o caráter e propósito da disciplina e de seus métodos em vez de discutir e buscar seu estatuto científico. O desenvolvimento teórico metodológico consequente permitiu, entre diversas modificações, o alargamento da interdisciplinaridade na arqueologia, o que ainda é debatido atualmente.

Frente a isso, entende-se que o estudo de objetos em contexto nos trabalhos com cultura material engloba a análise do objeto encontrado, bem como o material utilizado em sua fabricação e o aspecto social ali inscrito. Questões como acessibilidade ao material e ao tipo de objeto, nível de complexidade de sua produção e design, função, etc. permitem produzir uma variedade de hipóteses sobre a população estudada.

Da mesma forma, os conjuntos de objetos encontrados precisam ser descritos e analisados em conjunto na medida em que a organização dos mesmos demonstra uma conexão psicológica da sociedade estudada entre objetos específicos que deve constar na análise dessa sociedade.

Tendo abordado seu aspecto material, faz-se necessário agora lançar um olhar sobre seu aspecto cultural. Como identidade, etnicidade e cultura são conceitos relacionados é preciso tecer algumas definições:

“Cultura é herança social, corresponde ao compartilhamento de tradições comuns, instituições comuns e uma forma de vida comum.”²² (CHILDE 1935:198–9)

O olhar difusionista presente no desenvolvimento do estudo arqueológico direcionou a interpretação da transmissão de traços culturais como relacionada ao nível de

²² “Culture is a social heritage; it corresponds to a community sharing common traditions, common institutions and a common way of life.” (Childe 1935:198–9)

interação entre indivíduos ou grupos, ao passo que discontinuidades são geralmente entendidas como resultantes de distância social ou física. Assim, torna-se possível distinguir e definir grupos étnicos a serem estudados e classificá-los segundo traços presentes nos vestígios materiais deixados por eles. Tal prática demonstra parecer haver uma correspondência direta entre pessoas e objetos por elas criados de forma que similaridades entre uns equivalham a interação e similaridades entre outros.

“Em arqueologia, portanto, há uma tendência recorrente a pressupor a existência de uma identidade de grupo a partir de variações espaciais na cultura material, de pressupor uma base étnica para tal e usá-la como ponto de partida para investigar a dinâmica étnica do passado.” (SWEENEY, 2009: 104)²³.

No entanto, identidade étnica não equivale à cultura na medida em que grupos podem compartilhar território, costumes e conceitos e ainda assim identificarem-se como pertencentes a grupos étnicos diferentes tendo em vista que a agência humana é dotada de um caráter cognitivo e situacional, ou seja, contextual e histórico.

“Identidade étnica, argumenta-se, envolve a manutenção ativa de fronteiras culturais no processo de interação cultural mais do que o reflexo passivo de normas culturais.”²⁴ (JONES, 1997: 28)

Sendo assim, algumas práticas são usadas de forma subjetiva, simbólica, emblemática na construção da diferença e apresentam então um grau de importância diferenciado com relação às outras.

É importante atentar, no entanto, para o fato de que estas fronteiras não são muralhas intransponíveis. Pelo contrário, da mesma forma que as zonas fronteiriças territoriais, são local de comunicação e interação entre comunidades. Comunicação esta que transforma a ambas em um processo dinâmico que dá origem a híbridos novos de forma contínua, ainda que por vezes esse processo não seja reconhecido pela comunidade.

Para entender este aspecto subjetivo da cultura material, a arqueologia sempre recorreu, em maior ou menor grau, a textos que orientem a escavação ou ajudem na interpretação da cultura material ali encontrada. Assim, a documentação escrita foi e continua sendo usada para estabelecer um significado para o autor dos relatórios de escavação e seu leitor. Da mesma forma, a interpretação dos grupos étnicos deriva da análise de fontes escritas. A lógica aqui estabelecida é que se a etnicidade estaria ligada às

²³ "In archaeology therefore, there is a recurring tendency to assume the existence of a group identity from spatial variations in material culture, to presuppose an ethnic basis for it, and then to use this as a starting position from which to investigate the ethnic dynamics of the past." (SWEENEY, 2009: 104)

²⁴ "Ethnic identity, it is argued, involves the active maintenance of cultural boundaries in the process of social interaction, rather than a passive reflection of cultural norms." (JONES, 1997: 28)

reflexões dos povos sobre suas identidades, então as fontes escritas seriam capazes de melhor revelar tais reflexões do que as materiais. Esta forma de pensar também cria um processo circular de autoafirmação já que as fontes escritas comprovariam as materiais e vice-versa.

Jones advoga que esta prática de reconhecer uma relação fixa de um para um entre estilos particulares de cultura material, os “marcadores étnicos”, e identidade não considera a complexidade dos processos envolvidos na construção de tais identidades, nem tampouco a heterogeneidade dos grupos sociais. “De fato, é pouco provável que a identidade de um grupo seja monolítica e homogênea, assim como não o são as crenças e práticas que participam dessa identidade” (JONES, 2005: 34). A relação entre a identidade e os tipos específicos de cultura material entendidos pelos pesquisadores como marcadores étnicos pode ter sido flúida e ambígua se modificando em diferentes contextos de interação social.

É preciso entender que fontes escritas constituem perspectivas parciais e fragmentadas do passado, representando “pontos de vista de setores particulares da sociedade, frequentemente o grupo dominante” (JONES, 2005: 31) embebidos em questões subjetivas como interesses, política e ideologia. Da mesma forma como a cultura material também é criada e interpretada não só pelo produtor como pelo pesquisador que dela se utiliza.

A segunda crítica à lógica que entende semelhança entre objetos como semelhança entre pessoas é o fato de esta ignorar as diferenças, ou seja, aqueles objetos que não são considerados marcadores, e entender mudanças em termos de assimilação e perda da identidade original, como se houvesse alguma.

Hoje sabe-se que a compreensão de traços culturais comuns como reflexo de uma cultura arqueológica possibilitando a identificação de grupos étnicos segue na linha do método iniciado por Kossinna e apropriado pelos projetos imperialistas do estado alemão para o período moderno. Este método apresenta um caráter seletivo e descritivo e entende a cultura e a etnia de forma essencialista traçando linhas retrospectivas rumo a sua origem pura.

Este método foi largamente criticado por isso, mas sua contribuição no sentido de iniciar o conceito de cultura arqueológica é inegável. Expandido e modificado com o desenvolver da disciplina arqueológica e seu diálogo com outras ciências sociais e humanas, adequa-se hoje à compreensão dinâmica e não essencialista de cultura em seu aspecto amplo e heterogêneo.

Ao definir etnicidade como uma série de fenômenos sociais e psicológicos associados à identificação de grupo, Jones (1997) entende identidade étnica em sua relação com a prática social cotidiana, ou seja, como um processo de identificação de si mesmo e do Outro que é continuamente reformulado por assumir um caráter dinâmico e situacional.

Imersas na vida social, é importante perceber que as diferenças étnicas estão geralmente inseridas em divisões de gênero e classe de forma complexa e, portanto, os estudos de caso precisam considerar essas interseções e as formas pelas quais se tornam institucionalizadas. Somente a partir deles é possível afirmar que a interação entre membros de grupos étnicos distintos não leva necessariamente à perda de diferenças culturais e que em algumas situações há uma relação utilitária com a identidade suprimindo-a ou aumentando-a dependendo da situação político-social e das vantagens e desvantagens que tal identidade pode acarretar.

A conclusão a que se chega é que o âmbito cultural exige participação de seus membros, não necessariamente sua partilha, similaridade, continuidade. E que a forma como as relações culturais e identitárias ocorrerão está intrinsecamente ligada ao contexto econômico e político. Por isso não se pode igualar culturas arqueológicas a identidades étnicas sumariamente.

Enfim, por volta de meados do século XX o modelo de pensamento moderno baseado em argumentos raciais e de determinismo ambiental que provia fundamento para argumentos de etnicidade foi finalmente posto de lado em nome de uma nova escola de caráter histórico-cultural que propunha o espaço e a noção de descendência como socialmente construídos.

A partir desta nova forma de observar a tradição como criativamente construída pelos membros das comunidades, foi possível perceber que sua função deriva do fato de que busca-se no passado uma legitimidade para a coesão social.

"Identidade de grupo (como outras formas de identidade social) é, portanto, uma forma de ideologia que deve ser ativamente criada, negociada e atribuída através da prática social. Tais práticas tanto agem de forma a produzir e, simultaneamente, são os produtos de um sentimento de "nós", e é só através dos vestígios arqueológicos dessas práticas que a identidade coletiva pode ser inferida." (SWEENEY, 2009: 105)²⁵

²⁵ "Group identity (like other forms of social identity) is therefore a form of ideology that must be actively created, negotiated and ascribed to through social practice. Such practices both act to produce and simultaneously are the products of a sense of 'us', and it is only through the archaeological traces of these practices that a collective identity can be inferred" (SWEENEY, 2009: 105)

Assim, como os estilos observáveis através da cultura material assumiram o papel também de símbolos da comunalidade de membros de um grupo, bem como marcadores da diferença entre o “nós” e o “Outro”, a etnicidade passou a ser vista como mais um fenômeno cultural flexível entre a realidade material e o socialmente construído, ou seja, em sua forma híbrida, através do encontro com o “Outro”.

O conceito de etnicidade também está relacionado a uma suposta descendência comum frequentemente utilizada por grupos sociais para justificar sua identidade e por arqueólogos para identificação de populações. É importante perceber, no entanto que essa descendência não necessariamente representa nenhuma conexão real com o passado, mas sim com o presente, tendo em vista que as comunidades são constantemente construídas e re-construídas de forma a atender suas demandas histórico-culturais²⁶.

É o caso das religiões *neopagãs* e do *Celtic Revival* mencionados na introdução que buscam uma conexão com um passado celta. É possível perceber nestes fenômenos a clara busca por uma religiosidade e prática ritual “verdadeiramente” celta que é tanto mais aceita quanto mais antiga ou menos estiver em contato com culturas outras, preservando assim sua pureza.

Ora, antiguidade e isolamento não podem ser entendidos como atestados de pureza étnico-cultural simplesmente por não existirem. Afirma-se isso na medida em que toda sociedade encontra-se em constante transformação motivada pela existência de grupos heterogêneos internos ainda que esteja em isolamento. Em segundo lugar esta ideia de isolamento não serve para a antiguidade mediterrânea por ser palco de interação entre culturas diversas em termos comerciais, populacionais e bélicos.

A pouca variedade e escassez de fontes sobre as populações celtas contribui para este processo de modelação do passado e invenção de tradições já que a falta de informação é complementada pelos interesses contextuais. Assim, possibilidades históricas e hipóteses arqueológicas são entendidas como dados e utilizados para criação de panteões, parafernália e prática ritual.

Embora tenha sido elaborado um método a ser seguido que limita as possibilidades interpretativas da documentação, há críticas a historiadores e arqueólogos como criadores de ficções verossímeis, dado o alto grau de inferência que sua documentação requer. Nesse sentido estes profissionais não seriam leitores de um texto, mas produtores já que seu

²⁶ Este fenômeno é estudado na forma de diversos casos históricos específicos por Hobsbawn (2008). Segundo o autor, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado, que não precisa ser remoto, e de forma artificial.

corpus é ativamente construído. Se para o historiador há uma seleção de documentação que passa por critérios de acessibilidade à mesma e interesse social na pesquisa, de igual forma o arqueólogo se vê limitado a políticas de incentivo ligadas à aceitação de público leigo.

O historiador tem um papel altamente criativo em seu trabalho na medida em que faz escolhas sobre o que incluir e o que não incluir em seu corpus documental. Da mesma forma, o arqueólogo constrói seu corpus duplamente, pois se não participa do processo de escavação, deve escolher o que incluir em seu relatório e o que não incluir; se participa da escavação, tem que delimitar o sítio baseando-se em premissas diversas. Também é preciso que se tenha em mente que o próprio sítio é construído em um nível pela população antiga de forma intencional e não intencional, mas sobre ele também atuam forças naturais como o desgaste temporal e intempéries.

É inegável a presença do contexto contemporâneo no trabalho destes profissionais, o que transparece em sua pesquisa na forma de seleção, organização e ênfase em dados específicos. A existência de um cânon de valores clássicos modelados por esquemas de pensamento colonialistas, machistas e opressores de classe é um destes elementos que se encontram presentes “no espaço branco do texto”. Estes precisam ser vistos, salientados e problematizados para que sejam removidos do caminho. Só então será possível produzir trabalhos novos que os identifiquem e recusem.

Em segundo lugar, é possível perceber a recorrência do argumento étnico para designar sociedades no meio arqueológico. Essa concepção precisa ser problematizada em razão de ter sido historicamente constituída podendo, por vezes, obscurecer em vez de elucidar questões concernentes às relações sociais que se dão de forma essencialmente local.

“Nem arqueólogos, nem historiadores podem continuar a aceitar as categorias étnicas representadas em fontes literárias como representações diretas de entidades étnicas homogêneas, com coordenadas espaciais e temporais singulares.” (JONES, 2005: 39)

Para este trabalho, portanto, a questão étnica das comunidades em processo de hibridização não é tão importante quanto a cultural. Entende-se aqui que as culturas possivelmente se entendiam como grupos étnicos diversos por apresentarem práticas diversas. A mudança para práticas comuns pode ser entendida como compreensão de participação de um grupo cultural comum ou progressivamente comum embora ainda haja heterogeneidades internas.

Questões relacionadas a como o desenvolvimento dos estudos de cultura material e de etnicidade interferem no caso aqui estudado serão aprofundadas no capítulo 4, bem como a forma pela qual os relatórios de escavação são permeados pelo contexto em que a escavação se insere.

2.1. O Outro e os estudos pós-coloniais

A vertente pós-processual de estudos arqueológicos desenvolvida a partir de trabalhos oriundos dos anos 80 cria uma forma de abordagem para a cultura material que a entende como social e historicamente produzida e, portanto, capaz de elucidar questões sobre estes âmbitos. Para tal foram criados métodos que assumem um caráter mais descritivo e menos classificatório tendo como objetivo a não ignorância da heterogeneidade social.

É preciso aqui retomar em parte o debate sobre as diferenças verificadas em cultura material proveniente de um mesmo sítio arqueológico e camada estratigráfica iniciados quando abordamos a questão dos objetos em contexto, a questão dos objetos não “marcadores”. Como explicado anteriormente, estes indícios eram interpretados como a presença de identidades étnicas e comunais diferenciadas. Recentemente, além da crítica de Jones (1997), o meio acadêmico foi apresentado com a possibilidade de ampliar esta questão enormemente por conta do desenvolvimento dos estudos pós-coloniais.

Baseados na identificação de um elemento contemporâneo presente no “espaço em branco” dos trabalhos acadêmicos produzidos recentemente, os “estudos subalternos” propõem uma análise do colonialismo como marco histórico. Esta corrente dos estudos de ciências humanas, voltada inicialmente para estudos literários, mas capaz de contribuir para inúmeros campos científicos, entende que a partir deste momento a sociedade desenvolve uma mentalidade imperialista e colonialista que persiste até a atualidade. Tendo isto em mente, estes estudos propõem uma ruptura com esta forma de pensamento a partir de uma análise diferenciada do embate entre colonizador e colonizado segundo a qual a ênfase do processo cultural se dá, nas palavras de Bhabha (1998), no “entre-lugar” ocupado pelos dois e por nenhum dos dois simultaneamente.

O caráter inovador desta vertente foi um dos fatores que acabou por ocasionar sua consequente marginalização no ambiente acadêmico, ambiente este que apresenta uma

tendência histórica a favorecer estudos que tenham um caráter tradicionalmente aceito em detrimento de abordagens inovadoras. Optou-se, aqui portanto por verificar as origens, formação e desenvolvimento destes estudos tecendo a eles críticas quando necessário.

Em 1951, em sua obra *Origens do Totalitarismo*, Arendt percebe a situação inédita da política mundial frente ao fenômeno do colonialismo e entende as colônias de então como extensão das nações que se tornam necessárias nesse momento por conta de “capital e população supérfluos”, termos seus, e que precisam ser investidos. Sua obra se destaca por afirmar o Imperialismo como momento de emancipação política da burguesia.

Posteriormente essa visão é altamente criticada por ignorar as diferentes políticas coloniais. Também passa-se a ver o imperialismo como contraditório à ideia de nacionalismo e de nação ideal de Arendt, um plebiscito diário. A ideologia racista burguesa que durante o regime nazista tornou a vida da filósofa - alemã, apátrida e por fim norte-americana - extremamente difícil é similar à que transparece em sua obra. Inédita nesses termos, Arendt age no sentido de flexibilizar a ideia de nação de acordo com os interesses imperialistas do século XIX.

Os problemas da rigidez de uma definição estrita de nação e nacionalismo são apontados por Hobsbawm (1991) em sua obra homônima. Trata-se de uma obra de sistematização na qual o autor concentrou o conteúdo proferido em quatro Conferências de Wiles que aconteceram na Universidade de Queen, em Belfast, em maio de 1985.

Nascido no Egito inglês, o autor demonstra a escassez de publicações metodologicamente apuradas sobre o tema e a necessidade de se levar em conta as particularidades de cada caso. Se por um lado uma definição rígida não contempla todas as possibilidades, por outro, uma definição subjetiva não é suficiente para explicar a materialidade do fenômeno.

Ironicamente, as ideias de nação e nacionalismo como comumente aceitos são largamente utilizadas para explicar outros fenômenos. Assim, a partir dos elementos objetivos comuns, Hobsbawm traça um apanhado cronológico do discurso produzido sobre o conceito nação no qual este é caracterizado por possuir alguma congruência entre unidade política e nacional, ser fenômeno historicamente datado do século XVIII, apresentar condições materiais específicas (econômicas, políticas...), ser construído verticalmente e desenvolver a consciência nacional primeiramente entre as elites, depois em um grupo de militantes e por último entre as massas.

A flexibilização ideológica desse conceito durante o período imperialista e colonial provocou mudanças simbólicas de ordem cultural que também foram sentidas no senso comum e que assumiram as mesmas proporções destes regimes políticos, mundiais. Por isso, o século XIX foi incapaz de produzir intelectuais relativistas a ponto de considerarem as populações colonizadas como não inferiores, porque a esfera intelectual deve corresponder à materialidade prática do contexto histórico de imperialismo mundial que exigia uma diferenciação racista para justificar a dominação.

Por outro lado, os períodos posteriores ao fim desta primeira fase de imperialismo colonialista direto foram inegavelmente afetados por ele. Não simplesmente porque a realidade havia mudado sobremaneira, mas porque a mentalidade mundial havia se adaptado, moldado, recriado de forma irreversível.

Considera-se o fim desta primeira fase como os momentos em que os territórios colonizados entraram em processo de independência, mas ainda há um amplo debate em meio acadêmico e político sobre se é possível considerar este processo como terminado tendo em vista suas diversas continuidades ao redor do mundo atualmente. Assim, algumas obras apresentam visões mais críticas do fenômeno.

É o caso de Fanon, produtor de uma literatura engajada, antilhano, negro e de ascendência africana que já em 1961 trabalha a ideia de intelectualidade "responsável" de Gramsci. O autor propõe a união entre as demandas populares e a produção intelectual de forma a escapar à realidade estrutural na qual os colonizados se encontram e entende a identidade nacional como a forma adequada de solução do problema gerado pela colonização (FANON, 1968).

A partir de meados do século XX, surgem obras no âmbito dos estudos culturais que abordam o tema do contato e interação entre populações em geral e do caso colonial especificamente. Dando continuidade e indo mais além nos estudos culturais de contato, Said (2007) apresenta a ideia da violência epistêmica existente no discurso sobre o Outro em sua obra "Orientalismo" publicada pela primeira vez em 1978.

O palestino-norte-americano o percebe a partir da observação do caráter hegemônico de superioridade européia do discurso elaborado sobre o Oriente. De acordo com este discurso, a criação da identidade nacional tende a expurgar alguns elementos e valorizar os tipos "puros".

Said entende os elementos de impureza coloniais como resistência ativa seguindo os passos de Foucault, segundo o qual "onde há poder há resistência". Sendo assim, seus

trabalhos são altamente historicizantes, pois pretendem uma análise que contemple as especificidades do contexto local sem perder de vista a amplitude dos fenômenos históricos que ali interferem.

Pratt, em 1992, ao estudar a aquisição de uma segunda língua por povos colonizados vê o colonialismo como negociação constante entre as elites coloniais e metropolitanas, mas não pacífica verificando resistência e movimentação ideológica. A autora discursa sobre os conceitos de zona de contato, anticonquista e transculturação. Estes conceitos são de extrema importância, pois permitem uma flexibilização da dicotomia “Colonizador opressor absoluto” Vs. “Colonizado vítima impotente” (PRATT, 1998).

Em sua obra há uma clara ênfase na experiência do emissor de discurso e seus conceitos podem ser lidos como pouco problematizados, atenuando o conflito e as relações de força. Todavia, o trabalho de Pratt tem sua inovação na medida em que aplica conceitos em expansão nos estudos culturais a um contexto colonial sem suprimir a materialidade da dominação e os conflitos ali existentes.

Investigando mais profundamente a pesquisa sobre a interação entre povos, Said publica *Cultura e Imperialismo*, em 1993, obra na qual o autor vai observar o neocolonialismo como uma negociação entre elites coloniais e metropolitanas na qual há, no entanto, um movimento ideológico que pode ser observado na elaboração de discurso sobre o outro e deve ser levado em consideração (SAID, 2011).

Assim, na área da análise de discurso surgem os chamados estudos pós-coloniais porque posteriores e contrários aos coloniais. Ainda que não se possa tecer uma generalização sobre eles, é inegável a contribuição de três autores principais: Said, Bhabha e Spivak.

Indiano professor de Inglês e Língua e Literatura Americana, Bhabha produz obras centrais para os estudos pós-coloniais. Através de seu discurso ricamente literário e repleto de erudição e ambiguidades, o autor elabora o conceito de *nationness* propondo uma construção cultural da nacionalidade.

Em seu livro *O Local da Cultura* (1998), questiona o caráter unitário das experiências de caráter social como classe, raça, grupo social, e aponta que essas seriam estratégias retóricas de coesão social. Para ele a tentativa de manter uma unidade como símbolo da modernidade só revela a heterogeneidade residente no caráter material das relações.

Trabalhando no âmbito do discurso tão somente, a conclusão a que chega é de que como o movimento de enunciação exige uma resposta, as noções assumem sempre um caráter processual e dialógico que precisa ser salientado já que a categorização pode limitar o entendimento das formas pelas quais as práticas culturais constroem seus próprios sistemas de significado e organização social.

Assim, é partidário da visão de que não há conceitos intelectuais que não atuem diretamente na vida prática. Fazendo referência ao trabalho de Fanon, Bhabha entende que o intelectual tem a responsabilidade de intervir em situações particulares de negociação política. Sobre isso, Spivak afirma que

“...a história da lógica do capital é a história do Ocidente, que o imperialismo estabelece a universalidade da narrativa do modo de produção, e que ignorar o subalterno hoje é – quer queira, quer não – continuar o projeto imperialista.” (SPIVAK, 2010: 97)

Enquanto Said se ocupa predominantemente do colonizador e Fanon, do colonizado – como se comportam em relação a seu estatuto, suas deficiências – Bhabha analisa as relações entre ambos.

“A análise do discurso colonial e a teoria pós-colonial são, portanto, críticas ao processo de produção de conhecimento sobre o Outro. Como tal, produzem formas de conhecimento elas mesmas, mas outro conhecimento, um conhecimento melhor, espera-se, em resposta à pergunta de Said: ‘Como podemos conhecer e respeitar o Outro?’”²⁷ (WILLIAMS e CHRISMAN, 1994: 8)

Em entrevista dada em 1990 sobre o conceito de Terceiro Espaço criado por Bhabha, o autor demonstra a existência da diferença cultural e da diversidade cultural que deve ser criada e contida. Sobre isso, Spivak escreve que “O universalismo que paradoxalmente permite a diversidade mascara normas etnocêntricas, valores e interesses.” (2010: 208)

A ideia de população nacional largamente aceita seria materialmente composta de identidades políticas potencialmente antagônicas. O multiculturalismo representa uma tentativa de corresponder e controlar o processo dinâmico de articulação da diferença cultural, administrando um consenso baseado em uma norma que propaga a diversidade

²⁷ "Colonial discourse analysis and post-colonial theory are thus critiques of the process of production of knowledge about the Other. As such, they produce forms of knowledge themselves, but other knowledge, better knowledge it is hoped, responsive to Said's central question: 'How can we know and respect the Other?'" (WILLIAMS e CHRISMAN, 1994: 8)

cultural. “O povo” existe sempre como uma forma múltipla de identificação, esperando para ser criada e desconstruída. Assim, “povo” é construído de diferença cultural e hibridismo.

Bhabha define o conceito de tradução cultural como uma atividade de deslocamento, ou seja, processo no qual para objetificar o significado cultural deve haver um processo de alienação e secundarização em relação a si mesmo. Isso só é possível porque todas as formas de cultura estão relacionadas já que são práticas interpelativas formadoras de símbolos e constituintes de sujeitos.

A conclusão a que se chega a partir desses conceitos é de que todas as culturas estão em um processo contínuo de hibridização e este é o terceiro espaço de onde outras posições podem surgir. Sendo assim, reafirma-se a crítica elaborada por Jones (1997) à equivalência entre cultura arqueológica e identidade étnica e ao mito da homogeneidade comunal.

2.2. Hibridização, Analogia e Cultura Material

A hibridização, geralmente se refere às formas novas, transculturais produzidas pelo contato e que não podem ser classificadas em uma única categoria. Este é exatamente o caso dos espécimes reunidos no catálogo elaborado neste trabalho. O conceito de Bhabha se difere dos termos antropológicos de aculturação, sincretismo, *bricolage* e criolização existentes porque resulta da profunda ambivalência inerente às situações coloniais e enfatiza a digestão de elementos prévios mais que a combinação de formas culturais distintas (LIEBMANN, 2008).

Atualmente, tratar de um caso datado do I século a.e.c. ao I século e.c. como um exemplo de colonialismo talvez não seja largamente aceito academicamente, sendo preferível para alguns autores o uso do termo *apoikiai* para o caso grego e *coloniae* para o romano. A utilização do vocabulário da época como constante lembrança das especificidades da sociedade em questão, em especial seu caráter anterior à modernidade, é válido em alguns sentidos, mas apresenta uma dimensão igualmente problemática em outros.

Se por um lado os conceitos de Imperialismo e colonialismo estão embebidos da carga emocional e político-ideológica das experiências do período moderno, por outro lado este é precisamente o motivo pelo qual o termo não deve ser abandonado. Ao abrir mão do processo de analogia (VERHOEVEN, 2005), entendendo colônia e *coloniae* como absolutamente desconexos, a investigação histórica teria um caráter completamente diferente do que assume.

Embora o estatuto das Ciências Sociais como um todo seja frequentemente questionado e busque-se justificativas cada vez mais “científicas” para os mesmos, as justificativas sociais não podem ser esquecidas. Ao definir conceitos que possam ser aplicados a diferentes períodos atentando para suas especificidades contextuais o pesquisador só tem a ganhar. Abre-se um leque de possibilidades comparativas novas que permitem determinar quais características específicas originam as diferenças observadas.

Escolhe-se aqui, portanto, as definições dos termos Imperialismo e Colonialismo como apresentadas por Dietler (2005):

“...minha referência pragmática própria é reservar a palavra ‘imperialismo’ para indicar uma ideologia ou discurso que motiva e legitima práticas de dominação expansionista de uma sociedade sobre outra (o que pode ser igualmente denominado discurso colonial).”²⁸ (p. 53)

“... Escolho usar o termo ‘colonização’ para indicar o ato de impor dominação política sobre território e população estrangeiros, (...) Finalmente, por ‘colonialismo’ quero dizer os projetos e práticas de controle dirigidas em interações entre sociedades ligadas em relações assimétricas de poder, e processos de transformação social e cultural resultantes dessas práticas.”²⁹ (p.54)

Se se tem em mente o que foi dito anteriormente sobre a formação dos estudos pós-coloniais dentro destas definições amplas, torna-se possível utilizá-lo para o estudo de sociedades antigas. O híbrido, no caso de Gordion, por exemplo, seria então o terceiro lugar formado a partir do deslocamento das identidades das populações locais gerado pelo contato com outras sociedades portadoras de um programa definido que legitima suas práticas de contato baseadas em relações assimétricas de poder.

²⁸ “...my own pragmatic reference is to reserve the word 'imperialism' to indicate an ideology or discourse that motivates and legitimizes practices of expansionary domination by one society over another (what might equally be called 'colonial discourse').” (p. 53)

²⁹ “...I choose to use 'colonization' to indicate the act of imposing political domination over foreign territory and people, (...). Finally, by 'colonialism' I mean the projects and practices of control marshaled in interactions between societies linked in asymmetrical relations of power, and the processes of social and cultural transformation resulting from those practices.” (p.54)

Este terceiro lugar entre indígenas e sociedade em expansão não é, no entanto, uma identidade. De fato, Bhabha tece uma crítica à esquerda por não ser capaz de lidar com a incerteza e a fluidez da identidade política e as implicações disso. Entende-a como possuidora de um esquema mental conservador e tradicional e introduz a ideia de negociação constante como resposta, podendo acontecer de diversas formas em situações de conflito.

Spivak é a terceira autora integrante da chamada “tríade sagrada” dos estudos pós-coloniais ao lado de Bhabha e Said. Indiana-inglesa que trabalha com estudos literários, possui diversas obras sobre o tema³⁰ mas ficou conhecida por conta de seu artigo *Pode o Subalterno Falar?*³¹ que, devido a sua repercussão, acabou por ser editado e publicado na forma de livro posteriormente (2010).

No livro, a autora faz uma crítica aos intelectuais ocidentais, em especial Deleuze e Foucault, para discutir sobre a prática discursiva do intelectual pós-colonial. Sobre isso afirma que “...a produção intelectual ocidental é, de muitas maneiras, cúmplice dos interesses econômicos internacionais do Ocidente.” (SPIVAK, 2010: 20)

Também elabora uma auto-crítica sobre o grupo de *estudos subalternos* do qual faz parte. O grupo propõe o estudo de temas inspirados pela formulação do teórico italiano Gramsci sobre as classes subalternas como uma categoria alijada do poder como forma de intervenção social.

Se por um lado “seu intento é principalmente pensar a teoria como uma prática intervencionista, engajada e contestadora.” (ALMEIDA in SPIVAK, 2010: 8), por outro a autora critica a ênfase de Gramsci na autonomia do sujeito subalterno preocupando-se em revelar a heterogeneidade dessa categoria, pois “o *sujeito* subalterno colonizado é irremediavelmente heterogêneo.” (SPIVAK, 2010: 57)

A autora prova ser isso verdadeiro, por exemplo, para a construção ideológica de gênero que mantém a dominação masculina. Sendo assim “a mesma classe ou elemento que era dominante em uma área (...) poderia estar entre os dominados em outra” (GUHA.

³⁰ Por exemplo - *The Post Colonial Critique: Interviews, Strategies, Dialogs* (1990); *A Critique of Post Colonial Reason: Towards a History of the Vanishing Present* (1999); a autora também introduz *A Companion to Post colonial Studies*.

³¹ Publicado primeiramente em 1985, no periódico *Wedge*, com o subtítulo: “*Especulação sobre o sacrifício das viúvas*” e republicado em 1998, na coletânea de artigos intitulada “*Marxism and the Interpretation of culture*”. Outra versão do texto foi publicada em *A Critique of Post Colonial Reason: Towards a History of the Vanishing Present* (1999). Uma versão do texto também está presente na obra *The Post colonial Reader* editada por Ashcroft, Griffiths e Tiffins em 1995 reunindo textos principais sobre o tema.

Subaltern Studies I: Writing on South Asian History and Society, p.8 *apud* SPIVAK, 2010: 58)

Ela defende que na real acepção do termo como formulado por Gramsci, a categoria de subalterno seria restrita àquele cuja voz não pode ser ouvida em vez de aberta a todo e qualquer sujeito marginalizado. Acrescenta que há também um equívoco quanto à responsabilidade social do intelectual, pois falar pelo subalterno continua sendo uma forma de mantê-lo calado. Segundo ela, o papel do intelectual não deve ser esse, e sim abrir canais para que o subalterno possa ser ouvido quando falar (ALMEIDA in SPIVAK, 2010: 14).

“...os oprimidos, se tiverem a oportunidade (o problema da representação não pode ser ignorado aqui), e por meio da solidariedade através de uma política de alianças (uma temática marxista em funcionamento neste caso), podem falar e reconhecer suas condições.” (SPIVAK, 2010: 54)

A autora analisa o método desconstrucionista utilizado por Derrida segundo o qual o que é analisado seria o que não está claramente dito, a “parte em branco do texto” que, mesmo em branco, ainda está contida no texto. Isso se torna importante para seu trabalho por conta da conclusão a que chega de que “Nunca se encontra o testemunho da voz-consciência das mulheres.” (SPIVAK, 2010: 94), portanto o subalterno não pode falar.

A crítica elaborada pela autora é extremamente válida para as ciências humanas como um todo no sentido de atentar o pesquisador para o lugar de fala de suas fontes, estimulando a busca de novas fontes que possam contornar a exclusão de alguns aspectos importantes da análise da vida social. No entanto, sua conclusão final é dotada de um caráter absoluto que acaba por imobilizar a pesquisa em vez de estimulá-la uma vez que entende que há graus de subalternidade simplesmente inacessíveis.

Partindo desse princípio seria impossível analisar contextos de escravidão, por exemplo, e mesmo casos coloniais como o de Gordion. Na hierarquia social do mundo antigo a voz de “bárbaros” que colonizam uns aos outros antes de enfim ascenderem à cidadania romana seria totalmente silenciada e irrecuperável.

Outra das importantes críticas aos autores mencionados anteriormente como carro chefe dos estudos pós-coloniais é feita por Benita Parry. A autora aponta que estes não observam a materialidade das relações, pois atuam no campo da análise literária, não histórica. Assim, a resistência material acaba por perder a importância já que a resistência cultural já está presente na ambiguidade existente no texto sobre o outro ainda que este seja elaborado pelo dominante e apenas mimetizado pelo dominado.

Parry critica Bhabha por relegar a resistência nativa a um aspecto do olhar dos disciplinados e entende a contribuição do trabalho de Spivak no sentido de expor as criações e exclusões presentes nos arquivos desafiando a autoridade do registro histórico e restaurando os sinais apagados pela consciência nativa. No entanto ela demonstra autores que se utilizam de métodos alternativos ao silêncio do subalterno e afirma que os estudos não libertam o Outro de sua condição de colonizado no qual a heterogeneidade é reprimida nas figuras e estereótipos monolíticos da representação colonialista.

Sobre a violência epistêmica de Said:

"...teóricos do discurso colonial terão que buscar conexões entre "violência epistêmica" e agressão material, e revelar as relações entre o seu endereçamento ideológico para os mundos colonial e metropolitano."³² (PARRY, 2004: 36)

O aspecto histórico que Parry apresenta traz a superfície o fato de que embora haja todo um campo discursivo e subjetivo, há também um campo material que não pode ser negligenciado. Nesse sentido a análise da cultura material pode garantir uma via profícua de acesso, ainda que dentro de suas limitações, à realidade material de situações coloniais como a de Gordion.

Ao avaliar os estudos pós-coloniais, Parry tece uma crítica ao ramo por ter adquirido um aspecto reconciliador quando a “violência discursiva” passou a ter precedência sobre a violência prática do encontro, o que passou a ser entendido em termos de diálogo, cumplicidade e transculturação. Os estudos acabam por servir, portanto, para encobrir a trajetória capitalista do projeto imperial moderno e a natureza capitalista da globalização contemporânea ainda que sejam usados em outros contextos por conta da capacidade humana de conceber analogias, como demonstrado acima.

"Em jogo está se o projeto imperial é historicizado dentro da instância determinante da trajetória mundial do capitalismo, ou arrancado de seu solo material e re-situado como um fenômeno cultural cuja inteligibilidade e funcionamento podem ser recuperados a partir de leituras tendenciosas de textos." (PARRY, 2004: 8)³³

Parry indica que esse colapso do social para dentro do textual, ou seja, a busca pela análise completa do mundo social concomitante a uma falta de consciência histórica e política, se dão pelo fato de os estudos se desenvolverem simultaneamente à virada

³² "... theorists of colonial discourse will need to pursue the connections between ‘epistemic violence’ and material aggression, and disclose the relationships between its ideological address to the colonial and metropolitan worlds." (PARRY, 2004: 36)

³³ “At stake is whether the imperial project is historicized within the determining instance of capitalism’s global trajectory, or uprooted from its material ground and resituated as a cultural phenomenon whose intelligibility and functioning can be recuperated from tendentious readings of texts.” (PARRY, 2004: 8)

linguística, o que influenciou os estudos culturais a abandonar seus princípios materialistas. Assim, a análise marxista do colonialismo é evitada e há um compromisso inicial com os movimentos de libertação anticoloniais.

Parry inicia a ideia de diferentes formas de interação nos processos de hibridização dependentes das circunstâncias materiais desse encontro. Ela aponta como maior problema da análise do discurso colonial a homogeneização de momentos distintos por se prender aos processos de “*othering*” separadamente das práticas discursivas do projeto imperial.

Ao observar as críticas destas autoras e entende-las como extremamente pertinentes propõe-se aqui a utilização do conceito de hibridização cultural, ou seja, o conceito de Bhabha em sua forma dinâmica e contínua, como proposto por Gosden (2001), atentando para o fato de que há um silêncio no que diz respeito aos subalternos mencionados por Spivak (2010) além de uma hierarquia de níveis diferenciados de subalternidade que se entrecruzam.

Propõe-se, portanto, a observação deste processo de hibridização cultural por meio da análise de cultura material como forma de se aproximar um pouco mais destes subalternos ao se chocar com a concretude das evidências deixadas por eles, como atentou Hodder (1986). Além disso, se as culturas coloniais se definem a partir de representações estereotipadas do outro colonizado, através de discursos essencialistas e controlando os modos dominantes de representação, a representação do passado inclusive, então o estudo da cultura material pode auxiliar na desconstrução dos discursos coloniais usados para subjugar populações subalternas.

Historicamente é possível perceber que disciplinas como a antropologia e a arqueologia foram largamente utilizadas como meios de conhecer e catalogar o Outro colonial, não só o Outro antigo. Ambas se fiavam em sua pesquisa para estabelecer níveis civilizatórios e estágios pelos quais grupos humanos deveriam passar atribuindo a inovação a grupos externos em outros níveis que teriam a responsabilidade de exportar materiais e técnicas para grupos em níveis inferiores, numa perspectiva claramente difusionista. Assim, o discurso científico corroborava o discurso político apresentando uma suposta neutralidade investigativa.

Somente a partir da década de 50 do séc XX começaram a surgir teorias de desenvolvimento independentes de interação entre populações como o tempo axial de Momigliano. Apoiando-se nas teorias de Jaspers, o autor verificava semelhanças no grau de desenvolvimento de culturas independentes que se ignoravam (CHEVITARESE, 2007).

A contribuição atual dos estudos pós-coloniais diante deste debate é justamente a de inserir nos estudos de cultura material a questão colonial.

O mito do vácuo social e político, como denominado por Liebmann, (2008: 6 - 8) ainda precisa ser expurgado da academia, pois esta pretensa imparcialidade tem a simples função de negligenciar as necessidades dos subalternos de Gramsci e Spivak. Portanto, é preciso formular interpretações para mudança na cultura material que não passem pela classificação da população estudada segundo níveis e sim definição e redefinição de um Outro sempre presente e sempre necessário para tal.

A abordagem proposta é, portanto, igualmente importante no sentido de ajudar arqueólogos a compreender que apesar da influência científica que costumava guiar a disciplina, ela não funciona em um vácuo social e político (LIEBMANN, 2008: 6 - 8).

Apesar de alvo de críticas, e somente reconstruída a partir delas, a teoria de Bhabha apresenta uma alternativa às dicotomias vigentes ao explorar o “entre-lugar”, o “quase, mas não exatamente”. Sua análise do encontro sob uma perspectiva social aponta não para a difusão, incorporação do novo por parte do menos evoluído, e sim a criação de algo novo, híbrido a partir do encontro entre culturas.

O entendimento do caráter irreversível e contínuo deste processo também é um avanço com relação aos estudos antropológicos anteriores que exploravam o contato entre culturas. A percepção de que o processo de hibridização é incessante entre os diversos círculos sociais dentro de uma mesma sociedade, tendo em vista seu complexo grau de heterogeneidade ajuda a apontar para uma análise que se aproxime mais da realidade material das comunidades.

Assim, os estudos pós-coloniais buscam a produção de um discurso que revele a agência dos diversos grupos envolvidos no processo de encontro em vez de privilegiar a parte dominadora ou dominada por entender a impossibilidade de elaborar um discurso cientificamente imparcial. No entanto, os trabalhos listados acima se debruçam sobre documentação literária limitando-se ao âmbito do discurso e por vezes negligenciando a realidade material do momento histórico de encontro e posterior processo de hibridização entre as populações.

Gosden (2001) afirma que a arqueologia tem muito a ganhar a partir do diálogo com a teoria pós-colonial. De igual forma, a teoria pós-colonial teria muito a ganhar a partir do diálogo com a arqueologia e a história na medida em que essas disciplinas seriam

capazes de lhe garantir o aspecto material que é apenas tangencialmente tocado nos trabalhos pós-coloniais principais.

Para a presente pesquisa, a realidade material do encontro entre populações distintas pode ser analisada através da cultura material deixada pela mesma, os esqueletos de Gordion, o que supera algumas limitações e apresenta outras, como explicado anteriormente. Entende-se o encontro entre as culturas frígia e celta como um processo de hibridização inicial que se intensifica ainda mais quando Roma se insere em um projeto expansionista imperialista e colonial (DIETLER, 2005).

Após a contribuição teórica dos estudos de analogia, cultura material e estudos pós-coloniais e a constatação da mudança no padrão dos vestígios, é possível perceber que este processo constante de hibridização interferiu nos padrões rituais das populações em questão. Tendo isso em mente, faz-se necessário entender no que consistem rituais e como podem ser acessados via cultura material, o que será abordado no capítulo seguinte.

Capítulo 3 – Ritual e arqueologia

A religiosidade antiga tem sido revisitada como tema exótico para a atualidade. Em museus, livros e filmes constrói-se a imagem do Outro antigo como diametralmente oposto ao moderno e contemporâneo em alguns sentidos e, simultaneamente, avançado em outros, assim cria-se uma visão romantizada da realidade antiga que não necessariamente se aproxima do que a reconstituição histórica apresenta.

Uma boa exemplificação desta romantização é proposta por Dyson (1995) a partir da imagem que se tem sobre a sociedade grega. Por conta do amplo espectro de fontes escritas e materiais advindos dessa sociedade e explorado por historiadores e arqueólogos, o público leigo, e especialistas também, ainda que em parte, imaginam uma Grécia limpa e agradável onde homens belos e bons filosofam sobre a “Verdade” nas ruas.

Estas imagens mentais criadas sobre o Outro antigo são reflexo de construções do período moderno que viu na antiguidade clássica aspectos específicos que poderiam oferecer uma alternativa ao modelo medieval. A antiguidade foi então apropriada de acordo com interesses contextuais modernos e a memória sobre ela foi ativamente moldada de forma a salientar tais aspectos como a racionalização e a suposta “civilidade”. A investigação histórica, por sua vez, traz à vista outra realidade na qual as ruas são lotadas, a maior parte da população é rural e não tem condições de existência amenas o suficiente para que sejam considerados belos e bons, tampouco filosofar pelas ruas.

Se no campo cotidiano essas construções são criadas, fica claro que há, de fato, muito a ganhar com a quebra de paradigmas que a visualização de outras possibilidades provoca. Em tempos de conflitos religiosos, aumento de formas de religiosidade intolerantes e tentativa de negociação social que torne a convivência entre os diversos grupos religiosos existentes respeitosamente possível, a análise crítica de aspectos ligados à religiosidade torna-se imprescindível.

Entretanto é necessário perceber as limitações que o contexto histórico impõe às possibilidades de cada período. Se o momento atual é de criação, adesão e desenvolvimento de igrejas *neopentecostais*, grupos *neopagãos*, tentativa de flexibilização de religiões como o catolicismo, dentre outros, somente para citar alguns exemplos de fenômenos atuais ligados a religiosidade, na antiguidade encontra-se um cenário diferente.

Bendlin (2000) explora o trabalho de Härtung e Wissowa sobre a religiosidade romana. O primeiro segue a ideia de que divindades e cultos são determinados por seu ambiente. O segundo julgava que os romanos se distanciaram de suas raízes étnico-religiosas, foram contaminados pelas culturas dos demais povos e, por isso, degeneraram. Também para Wissowa, o objetivo da pesquisa é a reconstrução da *Volksreligion* e do *Staatskultus*.

Estes autores estavam influenciados pela tradição filosófica de Herder e Hegel. Ambos baseiam-se em uma ideia cientificista de pureza étnica que motiva alcançar o original e viam o cristianismo como resposta conveniente à suposta crise do declínio republicano. Tendo mencionado longamente os problemas dessa concepção de identidade étnica e “pureza” no capítulo anterior, não se faz necessário aqui repetir toda a crítica. É suficiente dizer que os trabalhos desses autores demonstram, ainda que veladamente, a apropriação instrumental da antiguidade e, simultaneamente, sua função naquele momento e legado para os dias atuais: difusão e naturalização de um modelo de pensamento Ocidental e judaico-cristão.

Friedrich Schleiermacher, teólogo e filósofo de fins do século XVIII e início do XIX, é um terceiro exemplo de união entre o protestantismo alemão e o estudo da antiguidade. O autor elabora uma definição de religião como uma experiência sentimental e privada de dependência espiritual com relação à divindade. Como um sistema de crença internalizado, esta visão não permite um entendimento da religiosidade como um fenômeno de comunicação social além de ser convenientemente compatível com a noção de fé e salvação individuais presentes no cristianismo.

A concepção de um âmbito político separado do religioso é proveniente do período moderno, portanto não pode ser transportada para a antiguidade de forma anacrônica. Da mesma forma, elementos da teologia cristã conforme elaborados e continuamente reconstruídos também não podem ser transportados para a antiguidade pelo mesmo motivo. A análise de documentação demonstra que a visão schleiermacheriana pode ser considerada adequada para a Idade Média, no entanto, para a antiguidade romana o cristianismo era um movimento extremamente marginalizado e as esferas política e religiosa se mesclavam em um mesmo meio cultural.

Pretende-se com isso estabelecer a especificidade do tema da presente pesquisa que se insere em ambos os campos tratados acima: religiosidade e antiguidade. Os esqueletos de Gordion datados entre os séculos I a.e.c. e I e.c. são oriundos de sociedades antigas

absolutamente heterogêneas, provinciais e “bárbaras” e em constante processo de hibridização. Os três principais grandes grupos em interação que podem ser incluídos nesse intervalo temporal e extensão regional são frígios, gregos, celtas e romanos. Faz-se necessário, portanto, discorrer, ainda que brevemente, sobre aspectos dessas sociedades no que tange a religiosidade.

A religiosidade grega se manifestava de forma muito diversificada, apresentando narrativas que alimentavam esperanças em uma vida paradisíaca além túmulo para alguns, como no caso dos heróis de Homero, bem como aquelas que, como em Platão, acreditavam no julgamento após a morte, quando os justos seriam separados dos ímpios. Abarcava assim desde as práticas religiosas heterogêneas e locais, não dotadas de um discurso elaborado sobre as mesmas até as requintadas especulações dos filósofos. Durante o século VIII a VI difundiram-se formas dessa religiosidade que ainda permeiam o imaginário popular atual como os rituais dionisíacos, as bacantes, as religiões de mistérios de eleusis, o oráculo de Apolo em delfos.

No período helenístico e greco-romano, recorte cronológico da presente pesquisa, as conquistas de Alexandre, o Grande, facilitaram o intercâmbio entre as diversas mitologias mediterrâneas. Assim é que foram incorporadas à religião helênica a deusa frígia Cibele e os deuses egípcios Ísis e Serápis.

A religiosidade frígia é pouco documentada em aspectos gerais, repetem-se estudos principalmente sobre a deusa mãe dos deuses Cibele por sua apropriação grega e sobre o mitraísmo e suas comparações com os ensinamentos dos cristianismos primitivos. Isso claramente se dá pela tradicional preferência aos estudos sobre as estruturas gregas e romanas e o entendimento destas como "berço da civilização", mas esse cenário tem se modificado atualmente com o surgimento de estudos coloniais, provinciais, subalternos, "periféricos", "de baixo pra cima", etc.

O estudo da cultura material e arquitetura de templos locais ainda tem muito a dizer sobre as similaridades entre a religiosidade frígia e greco-romana em expansão e também sobre as especificidades regionais por conta das cidades gregas estabelecidas na costa da península da Anatólia (Cf. ROLLER, 1991), mas o que pode-se afirmar certamente sobre a religiosidade frígia no período de interesse desta pesquisa, ou seja, de expansão greco-romana, é que partilhava de aspectos do tronco cultural mediterrâneo, com um panteão politeísta de deuses antropomórficos dotados de atributos específicos.

Havia também a prática da magia em diversas formas como amuletos apotropaicos, oráculos e sacrifícios, algo também similar à cultura greco-romana que além destas também incluía outras práticas religiosas como as preces, banhos, libações, procissões, competições e adivinhações por intermédio de oráculos. Em nível local, a paisagem repleta de pontos sagrados e monumentos reflete estas práticas rituais³⁴.

Os sistemas da filosofia helenística, como o Estoicismo e o Epicurismo, ofereceram uma alternativa à religião tradicional ainda que seu impacto fosse, em grande parte, limitado às elites educadas. O culto a governantes também era comum. Ele já existia no período grego foi especialmente utilizado no período romano como forma de propaganda política. A participação dos cidadãos nesses rituais, ainda que esse grupo fosse limitado ao menos inicialmente, era obrigatória e sua ausência era passível de punições.

Com a chegada das tribos de origem celta à região inicia-se uma interação contínua e prolongada entre todas essas formas de religiosidade. A religiosidade dessas tribos de origem celta assumia uma forma especificamente local que estava em constante recriação durante sua migração pela Europa até sua chegada à região, sendo assim, diversas divindades e mitos teriam sido agregados em um sistema religioso flexível (KRUTA, 1999: 533) que incluía a prática de sacrifícios humanos e que acabou por se unir à estrutura local anatólica trazendo à luz uma forma de religiosidade específica gálata heterogênea e composta pela constante hibridização de elementos culturais e religiosos.

Embora não se possa generalizar muitos elementos sobre a religiosidade celta, há alguns traços comuns observados em diversas tribos e em diversos momentos na forma de similaridades estruturais como o simbolismo solar, ciclos lunares, tumbas megalíticas, círculos e alinhamentos entre o III e II milênios a.e.c. e deposição de itens de valor no solo, em rios, nascentes e pântanos, o que foi intensificado no I milênio a.e.c. Havia também, um culto guerreiro centrado nas cabeças cortadas de seus inimigos (CUNLIFFE, 1997).

As tribos da Idade do Bronze tardio não construía templos, mas mantinham altares e locais dedicados a adoração. Diversas estruturas de templos já foram encontradas em regiões célticas e depois das conquistas de Roma sobre partes das regiões ocupadas por tribos celtas, um tipo distinto híbrido de templo celto-romano se desenvolveu.

³⁴Por exemplo, muitas estátuas de ninfas foram encontradas perto e em torno de nascentes, e figuras estilizadas de Hermes poderiam ser frequentemente encontradas nas esquinas. Em todo o mundo helênico pessoas frequentemente consultavam os oráculos, e usavam amuletos e estatuetas para deter feitiços ou lançá-los.

Os ritos funerários celtas são verificados por toda Europa predominando a prática de enterramento com rico mobiliário (alguns desses objetos eram claramente de prestígio). Também existem funerais na forma de cremações em conjunto ou não com os objetos de prestígio acima mencionados (WAIT, 1995: 489- 511).

Os druidas são descritos por César (*De Bello Gallico*) como elite intelectual recrutada entre os nobres e que gozava de privilégios como isenção no pagamento de tributos e não obrigatoriedade em lutar. O autor afirma que a formação destes tinha caráter oral e durava duas décadas. Apesar de saberem escrever e de se utilizarem do grego para fins práticos (MITCHELL, 1993), não registravam seus ensinamentos, o que faz com que as populações celtas sejam consideradas ágrafas.

Tertuliano (*De Anima* 57.10), que escreve por volta do II séc. a.e.c., afirma sobre as populações da Ásia Menor que, como outras populações, os celtas teriam o costume de pernoitar próximo às tumbas de seus homens famosos para receber oráculos especiais (FREEMAN, 2002: 35). Isso somado às práticas funerárias pode indicar uma crença na imortalidade da alma, ainda que seja extremamente improvável que esta crença se desse da mesma forma entre as variadas tribos e desde a Idade do Bronze até a expansão romana.

Cássio, Justino, Estrabão e Tácito mencionam sacrifícios humanos celtas, mas as evidências trazidas pela cultura material parecem indicar que estas práticas aconteciam em contextos eventuais. Sabe-se por Pompônio Mela (*Chorograf.* III, 2) que na Gália, cerca de 40 e.c., os druidas faziam correr apenas um pouco de sangue das suas "vítimas", o que pode ser entendido como uma nova forma de praticar tais ritos.

O trabalho de inferência e comparação com outras tribos é prática comum aos estudos celtas como forma de superar a dificuldade que a ausência de fontes escritas elaboradas por eles próprios apresenta. Trata-se não de uma tradição de pesquisa que compreenda a existência de uma sociedade celta unificada em toda a Idade do Ferro, mas da prática do método arqueológico tradicional que pressupõe a análise comparativa dos dados em nível local, regional e intercultural em um mesmo recorte temporal. Assim, os achados do período helenístico-gálata são interpretados a partir de uma comparação com dados de outros povos celtas, e com achados das Ilhas Britânicas com as quais verifica-se inúmeras similaridades.

De fato, no que diz respeito a sacrifícios humanos em comunidades europeias, os vestígios mais estudados e divulgados são referentes à cultura material proveniente das

Ilhas Britânicas³⁵. Trata-se predominantemente de corpos que apresentam sinais de violência ante-mortem e pós-mortem e que encontram-se em estado mais ou menos bem preservados por conta do ambiente e clima em que foram depositados. Nestes depósitos os esqueletos humanos também são encontrados, por vezes, associados a ossos de animais diversos.

A presença de práticas rituais similares em localizações tão distantes como a Galácia e as Ilhas Britânicas indica a existência do que Cunliffe (1997) denomina uma cultura compartilhada, que é fruto dos contatos cumulativos entre o continente e as Ilhas (Cf. CUNLIFFE 2003). As semelhanças verificadas nas práticas em ambas as regiões são também ressaltadas por Selinsky (2005).

Para o caso em questão, entende-se que ainda que as populações não se definissem como "celtas" ou qualquer outra forma identitária não-fluida até o séc III a.e.c., esta realidade foi modificada com o contato com a estrutura político-social romana em expansão no continente europeu.

Esse processo é explicado por Peter Wells (2001) a partir da noção de "tribalização". Segundo ele, agentes de sociedades de estrutura estatal em expansão encorajam a criação de estruturas tribais em sociedades com instituições fluidas de forma que seus membros, território e líderes sejam bem definidos garantindo os mecanismos necessários para uma interação efetiva.

Entende-se, pois, que a partir desse contato entre Roma e as diversas populações europeias inicia-se um processo de tribalização das mesmas no qual suas estruturas políticas se modificam de forma que em 278 a.e.c., momento em que algumas populações migram para a Ásia Menor, tratam-se sim de três tribos reconhecidas como celtas e que partilhavam em algum nível daquele substrato cultural das demais populações célticas europeias. Prova disso é que as práticas rituais observadas no período helenístico, que é o período de assentamento dos Trocmi, Tolistobogii e Tectosages, se mostram compatíveis com práticas rituais de populações da Europa e Ilhas Britânicas. Assim, a presença de sacrifícios humanos até o I século e.c., os indícios de nomes familiares, a descrição espacial do sítio de Gordion e os relatos de autores antigos indicam a existência de práticas semelhantes àquelas das populações celtas originárias da Europa.

A formação de alianças e a presença em batalhas na forma de atividade mercenária em conflitos bélicos entre outras sociedades é outra característica que marca as sociedades

³⁵ Cf. BROTHWELL, *The Bog Man and the Archaeology of People*. London: British Museum Press, 1992.

celtas européias a partir do séc. IV a.e.c., prática também comum às tribos que se assentaram na Ásia Menor.

Com a expansão romana, novos elementos foram inseridos neste “caldeirão híbrido”. No século I a.e.c. a relação política de Roma com a região se dava através de alianças com os reinos helenísticos locais. No entanto, com a anexação da *Provincia Galatia Romana* o culto a Roma e Augusto, por exemplo, foi inserido nas práticas locais, o que pode ser verificado pela transformação do templo de Ankara que anteriormente era dedicado às divindades Men e Cibele que foram substituídas respectivamente por Augusto e Roma.

Esta junção entre política e religião era fundamental na autoafirmação das elites romanas. Os “indivíduos” estão imersos no social, assim como sua religião é ao mesmo tempo produtora e produto deste âmbito social. As elites detinham o controle do poder político e também faziam a mediação entre as divindades e o restante da sociedade. Assim, o comportamento cívico e religioso se reafirmavam. “Ao transgredir as fronteiras entre senadores e o restante dos cidadãos romanos, ao celebrar rituais conjuntamente, prodígios e sua expiação eram um meio de definir a identidade romana”³⁶ (RÜPKE, 2007: 296).

Para as tribos que migraram para a Anatólia, o processo de hibridização com as demais culturas locais envolveu a inserção das elites celtas nas práticas religiosas locais. Exemplo disso é a inscrição epigráfica com os nomes de duas gerações de nobres gálatas e suas contribuições para o templo de Augusto: "Albiorix filho de Ateporix financiou dois banquetes públicos (23/24, 26/27 e.c.)" e "Aristocles filho de Albiorix financiou um banquete público (34/35 e.c.)" (Cf. FREEMAN, 2002: 44).

Se por um lado é importante afastar-se deste berço iluminista em que o ser humano moderno está imerso e que separa política de religião, percebe-se que é, no entanto, muitas vezes impossível reconstruir a face individual do sistema de crenças da Roma antiga, pois o conceito de indivíduo ainda não havia se concretizado como no período moderno. As escolhas religiosas seriam, portanto, perpassadas por expectativas sociais sem se tornar por isso inferiores ou superiores a elas. O mito tinha seu papel complementar na ação ritual antiga, mas a performance correta era central (SCHEID, 2010: 734).

Em Roma, havia sim um âmbito não público, cada cidadão era membro de uma família e por isso submisso ao *pater familias*, além de poder fazer parte de outras

³⁶ "By transgressing the boundaries between senators and the rest of the Roman citizens, by celebrating ritual together, prodigies and their expiation were a means of defining Roman identity." (RÜPKE, 2007: 296)

associações de caráter privado como as profissionais que possuíam seus deuses e cultos próprios e eram geridas da mesma forma que o público. Contudo, a concepção de “privado” era muito particular, o que explica, por exemplo, por que os pretores da cidade não podiam interferir na vida religiosa privada³⁷.

Sheid (2010) explica metaforicamente que os romanos consideram as divindades parte do corpo de cidadãos da cidade, sua crença sendo submissa à necessidade do rito e não o contrário. Da mesma forma, o não cumprimento das obrigações religiosas de forma voluntária ou involuntária deveria ser expiado da *res publica* e da comunidade pelas autoridades, assim, o culpado era imediatamente excluído da vida religiosa e cívica.

Cada cidade possuía seus costumes próprios “e depois de 212, quando todos os homens livres se tornaram cidadãos romanos, continuou a haver uma grande negociação entre os costumes romanos e os das comunidades locais” (SHEID, 2010: 727).³⁸ A permissividade com relação aos costumes religiosos locais decorre, portanto de uma concepção de público, privado e também estrangeiro distinta da moderna, não do caráter politeísta da religião.

“A extraordinária expansão da concepção particular romana de *ciuitas* e *res publica* e sua admissão liberal à cidadania, naturalmente resultou em uma forma igualmente curiosa de ‘religião romana’: não a religião do território da cidade, mas dos cidadãos da cidade.”³⁹ (CANKIK e CANKIK-LINDEMAIER, 1994 *apud* RUPKE, 2006: 9)

Em vez de decorrentes de sua degeneração, entende-se, hoje, esta flexibilização na aceitação de costumes e mesmo as modificações que isso origina na prática ritual como provenientes do dinamismo que é parte da própria prática ritual. Este possibilita criações, abandonos, adaptações e modificações fundamentais para sua conservação ao longo do tempo.

³⁷ No que toca o estudo da religiosidade romana antiga, o momento atual é de crescimento de documentação arqueológica e epigráfica, em especial no que tange ao período republicano. No entanto, somente a combinação da revisão de trabalhos anteriores e a exploração de novas descobertas pode levar ao progresso da pesquisa (BENDLIN, 2000: 115).

³⁸ “Et après 212, quand tous les hommes libres devinrent citoyens romains, il continuait à y avoir un grand jeu entre les coutumes romaines et celles des communautés locales” (SHEID, 2010: 727).

³⁹ “The extraordinary expansiveness of Rome’s particular conception of *ciuitas* and *res publica* and its liberal admission to citizenship, naturally resulted in a likewise striking conception of ‘Roman religion’: not the religion of the territory of the city, but of the city’s citizens.” (CANKIK e CANKIK-LINDEMAIER, 1994 *apud* RUPKE, 2006: 9)

3.1 Prática Ritual

Para a Antiguidade, quando se observa identificações religiosas percebe-se serem estas derivadas de uma identificação social, de grupo, comunal em vez de pessoal como na atualidade. É importante também ter em mente que nem sempre essa identificação é visível e com muito menos frequência é ela relevante para o estudioso.

Embora o conceito de religiosidade tenha se mostrado mais amplo para a antiguidade do que a proposta de Schleiermacher, como discutido anteriormente, o estudo do mesmo apresenta, muitas vezes, dificuldades no que diz respeito ao caráter controverso das fontes escritas que não documentam igualmente todos os diversos segmentos sociais (DYSON, 1995).

Por outro lado, se a religiosidade não deixa traços físicos claros, ou é retratada em documentos parciais; sua prática ritual pode ser analisada através da cultura material (FOGELIN, 2007). Em outras palavras, enquanto o sentimento religioso individual interior tem um caráter praticamente inacessível porque interiorizado, a ritualização é um fenômeno passível de observação e estudo.

Após o estabelecimento desta breve distinção entre religiosidade e ritualização, inicia-se a exploração da última. Ao fazer um levantamento sobre a teoria ritual, Bell (1992: 6) demonstra a transformação no juízo sobre o conceito de “ritual” transparente na própria modificação terminológica: “... a palavra ritual substituiu termos como ‘liturgia’ versus ‘mágica’, que eram usados para distinguir alta religião de superstição primitiva ou nosso ritual do deles.”⁴⁰ (BELL, 1992: 6)

Como características principais da ação ritualizada estão um tradicionalismo e formalismo estáticos e que são reproduzidos através da mímese. Estes mecanismos teriam a função de estabelecer e exercer autoridade através da construção de algo a ser reconhecido de forma equivocada como consenso, ausência de conflito. Para estas práticas ritualizadas haveria um corpo de regras que comandariam a performance (BELL, 1992).

O ritual poderia ser definido como forma de ação humana que se diferencia das demais através de aspectos específicos. Embora esta seja sua definição primordial, o mesmo também teria papéis secundários como promover ordem social e ideologias, ou

⁴⁰ “...ritual has replaced terms such as ‘liturgy’ versus ‘magic’, which were used to distinguish high religion from primitive superstition or our ritual from theirs.” (BELL, 1992: 6)

seja, o desenvolvimento de relacionamentos de poder; além de expor significados simbólicos para a comunidade como um todo de forma mais ou menos pedagógica.

Se para Bradley (2005 *apud* FOGELIN, 2007) mais do que classificar rituais como religiosos ou seculares, é necessário estudar a área cinza entre ambos; Bell (1992) observa a possibilidade de ritualização estratégica de contextos seculares, mas os diferencia de contextos sacralizados por conta de fatores específicos oriundos da demanda coletiva por algo tradicional que atenda às necessidades atuais.

O caráter simbólico e transcendental das ações ritualizadas no contexto sagrado se mescla a um tradicionalismo inovador porque as práticas rituais em contexto sagrado devem atender às necessidades da época sob o risco de tornarem-se obsoletas e serem abandonadas. Assim a ritualização tem um caráter altamente dinâmico na medida em que constrói, cria e modifica crenças religiosas (BELL, 1992, 1997; HUMPHREY & LAIDLAW 1994 *apud* FOGELIN 2007). As práticas rituais teriam um caráter atemporal e autônomo e posteriormente a elas seriam criadas regras e explicações míticas por parte das elites sacerdotais.

O trabalho de Bell salienta também o papel de agente, desempenhado pelos espectadores dos rituais, em especial na atenção que dispensa ao corpo. Este é entendido como um limitador da ritualização da mesma forma que a prática ritual teria a capacidade de “*moldar o corpo*”, isto é, percebe-se a presença da sociedade no corpo físico através da performance e da modificação deste. Da mesma forma, o comportamento corporal adequado é também uma forma de participação pessoal dos agentes espectadores que não fazem parte da elite sacerdotal.

O estudo da religiosidade de uma sociedade através da concepção desta em seus aspectos práticos, ou seja, a performance do ritual, sua parafernália, seu caráter público ou privado e a dimensão do mesmo, tem muito a contribuir aos estudos acadêmicos. Por um lado, esta abordagem representa um avanço científico na medida em que proporciona uma melhor compreensão da sociedade estudada, por outro, busca uma clara desinteriorização dos estudos sobre religiosidade por focar em aspectos práticos e físicos. Essa desinteriorização permite uma análise capaz de traçar paralelos entre sociedades de forma menos suscetível a anacronismos.

Para o estudo dos esqueletos de Gordion especificamente, está claro que são resultado de atividade ritual por seu tratamento e posicionamento metódicos. No entanto, as diferenças entre os espécimes oriundos do período helenístico e os do romano

demonstram uma modificação nesta performance, o que pode sugerir uma modificação na esfera religiosa da sociedade estudada como um todo.

No período romano os esqueletos são oriundos de rituais funerários similares aos executados em Roma, o que indica um interesse local em se identificar com o Império. No período helenístico, no entanto, o tratamento dado aos esqueletos se assemelha à prática de sacrifícios humanos verificada na Europa central por sociedades de origem celta.

3.1 Visões dos Sacrifícios: Violência e Assassinato

Falar sobre sacrifícios, em especial sobre sacrifícios humanos costuma ser um tema de alta visibilidade por seu caráter exótico entre o público leigo que, como lembra Dyson (1995), não pode ser ignorado. O caráter dito “não civilizado” da prática, no entanto, exige algum tipo de diferenciação que transforme o interesse em curiosidade antropológica e, como tal, aceitável. Assim, Green (1998) afirma que o homem moderno está permeado por preceitos humanistas ausentes no homem antigo, o que tornaria o sacrifício humano algo menos escandalizante para aquela sociedade.

Esta visão não fundamenta o presente trabalho. Sacrifícios humanos são entendidos aqui como apresentando o mesmo padrão que os sacrifícios animais e de objetos. E a permanência dos três até a atualidade é verificada ainda que em grupos minoritários, o que parece indicar mais uma característica humana e social que é moldada por contextos culturais específicos do que uma diferença entre o homem moderno e antigo (PARKER PEARSON, 1999: 18-21).

Em contexto religioso, a prática sacrificial apresenta como padrão a destruição ou remoção de algo de seu contexto original terreno em busca de benefícios específicos. Esta separação é crucial para a ritualização sacrificial, na medida em que a sacralidade do que é oferecido reside em sua separação com relação ao mundo comum, cotidiano. Assim a origem da palavra remete à remoção do sacrifício ou oferenda de forma ritual como ato de tornar algo (*facere*) sagrado (*sacer*).

A compreensão do caráter doloroso desta separação, em especial para alguns casos específicos onde são escolhidos os melhores em um grupo (gado, colheita, objetos refinados, prole...), que é o que gera a concepção atual da palavra, leva naturalmente ao

questionamento da motivação de tais práticas. Sobre isso, Insoll (2011: 151) propõe que enquanto a religião garante a explicação da base fundamental do sacrifício, as intenções que motivam sua prática podem variar entre expiação, homenagem, súplica, agradecimento, comunhão ou comunicação.

Para Bourdillon e Fortes (1980: 16 *apud* INSOLL, 2011), mais importante é perceber o caráter especial desta prática ritual frente às demais para estabelecer ou modificar um relacionamento de mutualidade entre os doadores, sejam estes o indivíduo ou a comunidade como um todo, e o recipiente, no caso, a divindade.

É possível observar padrões nas práticas religiosas sacrificiais que acabam por auxiliar na investigação das sociedades que os praticam, no entanto é preciso entender que o caráter dinâmico da prática religiosa não permite que estes padrões se tornem regras, portanto há sempre exceções. Henninger (2005 *apud* INSOLL, 2011) verifica a existência de sacrifícios regulares, que seriam capazes até mesmo de indicar o regime e grau de sazonalidade da comunidade estudada. Simultaneamente haveria sacrifícios extraordinários, anômalos, fruto de condições específicas.

A questão da violência proferida no momento do sacrifício não é algo regular entre as diversas formas religiosas antigas ou contemporâneas. Verifica-se, portanto, a existência de culturas nas quais a violência praticada no momento do sacrifício é entendida como capaz de transferir-se para o objeto a ser sacrificado propiciando no processo a “catarse” social. Esta é a visão de Henri Hubert (1981 *apud* BELL, 1992) e Marcel Mauss (1973 *apud* BELL, 1992), que entendem haver uma ambivalência do elemento sacrificado: "Porque a vítima é sagrada é criminoso matá-la – mas a vítima é sagrada somente porque será morta."⁴¹(GIRARD, 1989: 1).

Girard verifica uma tendência a buscar substitutos mais subordinados quando o real objeto de violência é inalcançável, voltando-se para animais ou indivíduos exteriores ou marginais, como verificado em diversas populações celtas por exemplo. Para ele a existência de um certo mal-entendido sobre o sacrifício torna-se pré-requisito para que o ato sacrificial seja aceito pela comunidade e possa então reforçar o tecido social. O sacrifício seria para ele a violência permitida.

“Medeia, como Ajax, recorda-nos de uma verdade fundamental sobre a violência; Se não aplacada, a violência se acumula até que transborda de seus limites e inunda a área em torno. O papel do sacrifício é conter esta onda crescente de substituições

⁴¹ “Because the victim is sacred, it is criminal to kill him—but the victim is sacred only because he is to be killed” (GIRARD, 1989: 1)”

indiscriminadas e redirecionar a violência em canais "adequados". (...). Estritamente falando, não existe nenhuma diferença essencial entre o sacrifício dos animais e o sacrifício humano e, em muitos casos, um é substituído pelo outro.” (GIRARD, 1989: 10)⁴²

Para Girard o sacrifício teria um privilégio sobre as demais formas de violência porque já que não é percebido como tal, não geraria o que a “violência profana” é capaz de gerar: o desejo de vingança. Esta é indesejada pela comunidade por tornar-se um processo infinitamente repetitivo ameaçando, em algum momento comprometer todo o corpo social.

Ora, se por um lado esta soa como uma teoria extremamente conveniente para se trabalhar o Outro, primitivo, intrinsecamente violento, nunca a si próprio, por outro lado leva a concluir que as sociedades praticantes de sacrifícios religiosos teriam um caráter mais pacífico ou menos violento do que as não praticantes por terem um canal para “extravasar” esta violência intrínseca ao ser humano. Como esta conclusão não é verificada na realidade material, há de ter algo de errado com sua premissa. Ao contrário de Green e Girard que entendem o ser humano antigo como apresentando capacidade mental, potencialidades e consciência diferentes do ser humano contemporâneo, procura-se transmitir aqui a possibilidade de um ser humano antigo que, como o atual, é limitado apenas por seu contexto histórico e local.

Ao estudar o desenvolvimento e institucionalização da violência na pré-história, Armit (2011) percebe um encorajamento da mesma, em especial quando direcionada a membros exteriores à comunidade. Para ele, isso está relacionado à vingança e ao estabelecimento de fronteiras entre comunidades por meio, sobretudo, da objetificação dos alvos da violência, enquanto o conflito bélico, por sua vez, gira predominantemente em torno de escassez de recursos.

Bell (1992: 173) elabora uma crítica a esta dualidade entre “ritual” (cultura) X “violência” (natureza). Ao entender esta teoria da prática ritual “repressora” da ação natural como ultrapassada para os estudos de teoria ritual, Bell opta por outra abordagem na qual inclui Geertz, Luke, Turner e Douglas. Segundo ela a prática ritual define a realidade ao invés de controlá-la. Desta forma a ritualização seria capaz de modelar

⁴² "Medea, like Ajax, reminds us of a fundamental truth about violence; if left unappeased, violence will accumulate until it overflows its confines and floods the surrounding area. The role of sacrifice is to stem this rising tide of indiscriminate substitutions and redirect violence into "proper" channels.(...)Strictly speaking, there is no essential difference between animal sacrifice and human sacrifice, and in many cases one is substituted for the other." (GIRARD, 1989: 10)

relações sociais e estruturas de valores, ao mesmo tempo em que possibilita sua interiorização e ratificação.

A complexidade da estrutura social e suas nuances em termos de hierarquia social, cultura e práticas nem sempre são compreendidas claramente, tampouco passadas adiante de forma racional. O ritual teria como um de seus aspectos, portanto, a encenação de todas essas estruturas de forma participativa mesmo para espectadores.

Tratando do período romano histórico especificamente, isto é, de 250 a.e.c. em diante, Shultz (2010) opta pelo termo “assassinato ritual” (*ritual murder*) para a gama de rituais que requerem a morte de um ser humano. Nas palavras da autora, “o assassinato ritual é a morte de um ser humano com propósitos religiosos, repetido em circunstâncias específicas de uma forma prescrita que a difere do assassinato profano”⁴³(SHULTZ, 2010: 518).

Para Shultz (2010), a definição geral de sacrifício como remoção de algo do mundo profano obscurece o fato de que existe uma variedade de formas e propósitos para a morte em um contexto religioso, sendo o sacrifício apenas uma delas; entende-se aqui que outras possibilidades como assassinato ou execução punitiva não são mutuamente excludentes ao contexto sacrificial, ao passo que a motivação religiosa o é. Assim, como no contexto antigo verifica-se um entrelaçamento dos âmbitos jurídico, pessoal e religioso, não há evidências de que na prática ritual estes âmbitos também não pudessem se relacionar.

Verifica-se a existência e recorrência de sacrifícios humanos extraordinários em momentos específicos. Embora tenham sido eventualmente abandonados e proibidos no mundo romano, sua possível continuidade em pequena escala e constante presença no âmbito mítico revelam aspectos sobre a religiosidade das sociedades que os praticam.

No caso de Gordion especificamente, os esqueletos oriundos do período helenístico são entendidos como resultado de atividade ritual sacrificial pela identificação de causa mortis traumática e/ou posicionamento metódico (ex.: conjuntos 2, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12). A localização dos vestígios em um território levemente elevado com relação ao assentamento permitia a visualização dos mesmos como um constante lembrete da performance que os gerou.

⁴³ “*ritual murder is the killing of a human being for religious purposes, repeated in specific circumstances in a prescribed fashion that marks it off from profane killing.*” (SHULTZ, 2010: 518)

3.2 Enterramentos x Sacrifícios?

É importante ressaltar que populações celtas europeias apresentam práticas funerárias elaboradas e específicas bem como sacrifícios humanos. Ambas são práticas distintas e reconhecíveis na cultura material deixada por estas populações (WAIT, 1995: 492 – 509). Da mesma forma, as populações frígias apresentam práticas funerárias próprias e reconhecíveis (KELP, 2013). No entanto, não há indícios de práticas funerárias em Gordion durante todo o período helenístico. Não são encontrados vestígios de corpos ou de funerais no registro arqueológico e estas práticas também não são descritas na documentação textual antiga sobre a região embora conflitos bélicos e mortes sejam mencionados. Isso leva a concluir que os únicos ossos humanos preservados em Gordion neste período eram aqueles reservados à prática ritual, enquanto os demais eram descartados.

Para os esqueletos de Gordion datados do período romano, verifica-se que se tratam de enterramentos formais no padrão funerário romano. O ritual destinado a esses esqueletos é dotado de características específicas que o diferem do ritual de sacrifício. Uma das mais importantes é que a morte do indivíduo não é parte integrante do ritual e sim anterior a este. Nesse sentido, o conceito de assassinato ritual não pode ser utilizado para estes esqueletos.

Embora seus corpos sejam removidos da vivência cotidiana, o rito funerário não busca realizar o mesmo que o sacrifício. Há uma entrega à divindade e uma sacralização, mas estes processos não removem o caráter pessoal do indivíduo na sociedade. Ao contrário, o que pode ser verificado através dos conjuntos de mobiliário funerário encontrados em rituais funerários verificados em outras regiões durante a antiguidade é o reforço e a demarcação de identidade dos indivíduos sepultados. Isso não acontece no rito de sacrifício, onde é possível perceber uma despersonalização do indivíduo e sua união com ossos de outros indivíduos e até mesmo animais (ex: conjuntos 12 e 10).

Em resumo, a atividade funerária tem o papel principal de desligar o corpo do indivíduo já morto do corpo social de forma a manter a estabilidade social. Cria-se então uma imagem do morto inserindo-o no conjunto de ancestrais e, por isso, na memória coletiva. O sacrifício, por sua vez, tem outras funções e significados próprios ligados à formação de identidade grupal, comunidade.

No caso de Gordion, os conjuntos datados do período helenístico foram interpretados por Voigt (2012: 264) como tendo a função de primeiramente subjugar as populações locais e em um segundo momento recorrer a ajuda sobrenatural frente a um conflito bélico iminente. Ambas as situações são compreendidas pela autora como momentos de insegurança política nos quais os sacrifícios humanos se faziam necessários de forma subjetiva.

Uma compreensão social destes momentos poderia entendê-los como períodos em que a recriação da identidade é crucial para manter o equilíbrio das sociedades em questão. Primeiramente era preciso reestabelecer os vínculos abalados pelas migrações e chegada em novos territórios bem como criar vínculos com a população local. Estes vínculos entre as sociedades celta e frígia, que já se relacionava com viajantes e comerciantes gregos, poderiam passar por relações assimétricas de poder e, portanto pela aterrorização, como proposto por Voigt. No entanto, a incorporação de nomes celtas às elites religiosas frígias ao longo do I século a.e.c. (MITCHELL, 1993) parece indicar que este processo de hibridização cultural pode ter ocorrido de forma menos confrontativa.

No segundo período em que o conflito bélico com a sociedade romana em expansão era iminente torna-se igualmente necessário mais uma vez essa criação e reinstalação de vínculos entre os membros da sociedade gálata. Neste momento é possível que um nível diferenciado de interação social tenha se desenvolvido por conta do processo contínuo de hibridização entre estas populações. Não se detecta mais, então, celtas ou frígios, e sim gálatas.

Após a anexação do território como província romana são estabelecidas relações administrativas, políticas e sociais novas. Ainda que o contato com Roma já existisse, a crescente presença de população de origem romana na região faz com que as relações sociais sejam modificadas novamente de forma a incluir esta população recém-chegada e, certamente, as relações assimétricas de poder aí existentes são sim visíveis e indiscutíveis dado o projeto imperialista romano. Diante disso, pode-se interpretar a modificação das práticas rituais como reflexo da crescente importância de uma identidade individual. Se antes era necessário extrair da consciência de grupo forças para o estabelecimento na região e para conflitos bélicos, a “pacificação” romana dá origem a um processo de demarcação de identidade pessoal e nuclear, familiar.

Nesse contexto a fusão do indivíduo com outros e com animais não atenderia às crescentes necessidades sociais, era necessário um ritual que condissesse com esta

formação de identidades pessoais, nucleares e familiares. Necessidades estas que o ritual de enterramento romano parecia atender. Além disso, o enterramento também é um processo de inserção do morto no conjunto de ancestrais inserindo novamente o âmbito pessoal, nuclear e familiar no comunal de forma a manter a estabilidade social.

A compreensão de ambas as práticas os rituais como dotadas de motivação religiosa e que apresentam como uma de suas características o reforço da identidade grupal as retira dos polos estabelecidos em “sacrifícios” Vs. “enterramentos”. Esta concepção é crucial para que a modificação dos sacrifícios e gradual adoção de enterramentos deixem de ser entendidos como decorrentes de abandono do território e chegada de outra população ou como marco para identificação da população local como amplamente “romanizada”.

Em resumo, acredita-se aqui que o processo de romanização, cristianização (que não será abordado aqui. Cf. Mitchell, 1993 vol. 2) e as migrações ocorridas precisam ser estudados em suas especificidades locais. Sem dúvida estes processos foram sentidos pela população residente em Gordion, mas a cultura material deixada por ela na forma de sacrifícios humanos e enterramentos parece indicar um processo gradual de hibridização cultural no qual práticas religiosas em princípio caracteristicamente celtas foram modificadas gradualmente inserindo-se no conjunto de práticas religiosas gálatas.

Em outras palavras, a compreensão da hibridização cultural entre as populações locais indica que ainda que apresentem similaridades com práticas romanas, não há indícios de que as práticas de enterramento gálatas tivessem significados diametralmente opostos às práticas rituais do período helenístico para a população gálata.

Capítulo 4 – O caso de Górdion

Estabelecidos os conceitos de hibridização cultural, prática ritual e sacrifício humano é possível agora tratar especificamente da cidade de Gordion na qual estes conceitos podem ser estudados praticamente. Como dito anteriormente, ela encontra-se no centro da região que teria sido ocupada pela tribo celta dos tolistobogii (MITCHELL, 1993 map. 4b) no que viria a se tornar a província romana da Galácia, na península da Anatólia.

A análise arqueológica do sítio de Gordion não apresenta grandes conflitos em relação à visão já estabelecida sobre a região pelos autores que se utilizam de fontes literárias. O pesquisador Rodney Young (1968), pioneiro no estudo do sítio, teria descrito a Gordion gálata como uma aldeia por se tratar de um assentamento murado, similar a um *oppidum*⁴⁴. Young (1968: 19) também teria encontrado, em suas escavações, um nome celta (Kant[x]uix) presente em uma inscrição, além de uma fíbula lateniana ambos datados do período helenístico.

Há um consenso geral entre literatura antiga e cultura material apontando para o fato de que o processo de assentamento das tribos celtas na Galácia trata-se de um período relativamente longo e conturbado por conta da constante participação das mesmas nos conflitos bélicos da região na forma de mercenários compondo os exércitos dos reinos locais ou de forma independente em busca de botim, território e honra.

Entende-se aqui que a sociedade residente em Gordion durante o período helenístico já passava por diversas transformações oriundas do processo de hibridização que pode ser definido como interno e pelo qual passam todas as sociedades. Este processo envolve a construção constante da identidade por conta das interações entre os diversos grupos do corpo social heterogêneo por natureza.

Em outras palavras, as populações de origem celta e frígia lá formavam uma cultura híbrida que interagia também com viajantes e comerciantes gregos que transitavam pela região. Ainda que houvesse grupos que se identificassem de alguma forma com cada uma dessas culturas, as práticas tidas como tradicionais já se encontravam hibridizadas por conta dessas interações, isto é, não podemos mais continuar a conceber a existência de culturas “essenciais” e “puras” em oposição no momento do contato. Da mesma forma, a

⁴⁴ Os *oppida* seriam, segundo a historiografia tradicional, as primeiras cidades celtas fortificadas encontradas até mesmo no sudoeste asiático. Esses assentamentos seriam densamente populosos, socialmente estratificados e atravessados por redes de comércio e trocas estabelecidas por todo o mundo antigo (HAMILTON, 2003: 20-25).

sociedade também seria modificada, no período romano, pelo crescimento político e econômico de Roma culminando com a anexação do território e a incursão de Manlius Vulso. No entanto, entende-se aqui que a materialidade destes encontros é diferenciada. Isto porque frígios são considerados população local que permaneceu na região após a queda do Império Hitita, passando por um breve período de domínio político persa, enquanto que gregos estão presentes na região por razões comerciais e pela colonização das cidades costeiras.

É importante destacar que os templos frígios na região da Galácia continuaram a ser usados durante o período helenístico após o assentamento das tribos celtas na região verificando-se, inclusive, a presença de sacerdotes celtas nos mesmos (MITCHELL, 1993). Com isto pretende-se dizer que não foram erigidos templos celtas e os nomes dos deuses se mantiveram frígios e gregos como Men e Cybele, portanto, a única forma de religiosidade oficial era a local na qual as populações originalmente celtas acabaram por se inserir. No período romano, por sua vez, estes templos e deuses continuaram existindo embora sob a forma de Augusto e Roma

Vale ainda ressaltar que, ao contrário do que tradicionalmente se estabelece, o longo contato entre frígios, persas e gregos na região (desde o período arcaico até o helenístico), faz com que já não houvesse mais uma “cultura frígia” e uma “cultura grega” distintas na região, mas sim uma cultura da Anatólia central fruto dessas interações.

Por outro lado, também é preciso observar que os movimentos que promoveram o contato entre essas sociedades tiveram um caráter muito menos agressivo, intencional e organizado do que a expansão romana; essa sim entendida como imperialista e colonialista como explicado anteriormente, contando até mesmo com uma incursão militar.

Por isso entende-se aqui o processo de hibridização gálata como dotado de duas fases. Um momento inicial que corresponde ao período helenístico, mas também um segundo momento de romanização. Ambos serão explorados em suas especificidades através da análise comparativa dos vestígios do período gálata e romano como segue.

4.1 Período Helenístico

A cidade de Gordion (ver fig. 7) tem muito a oferecer no que diz respeito à análise de um espectro variado de elementos provenientes da cultura material da população gálata, que habitava o sítio durante o período helenístico, ou seja, 330 a 100 a.e.c..

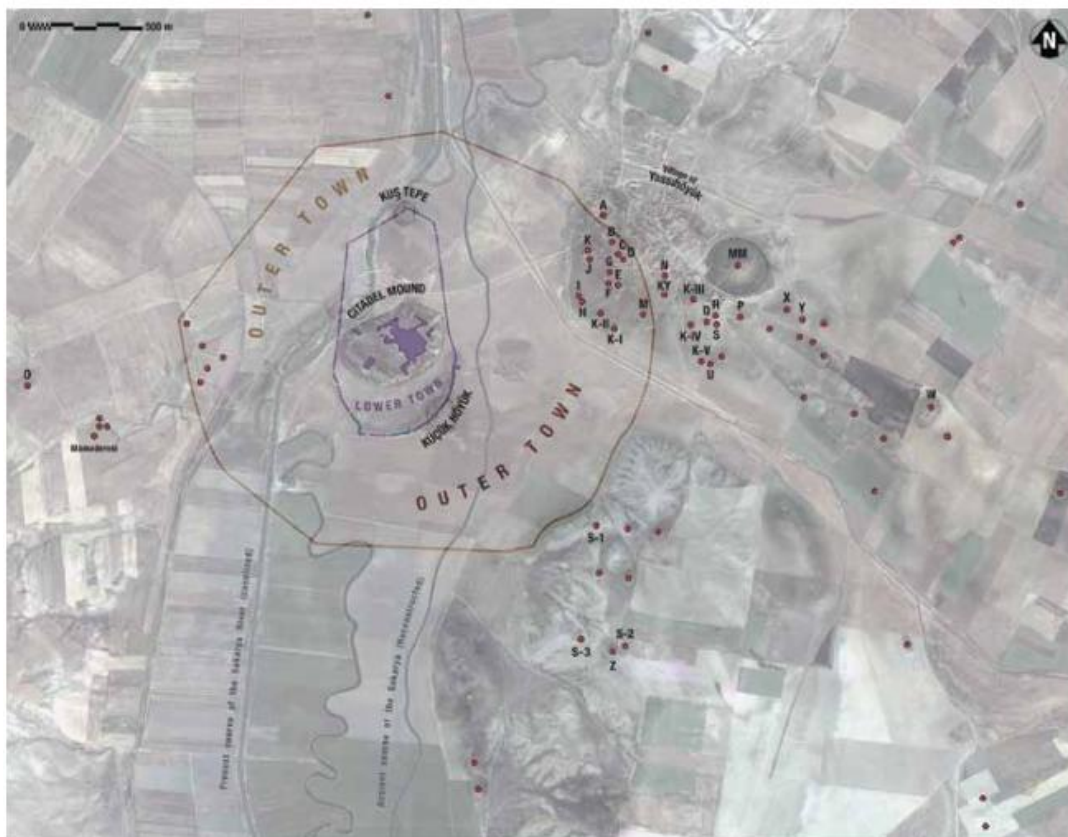


Figura 7: Mapa do sítio arqueológico de Gordion destacando os tumuli como pontos vermelhos (DARBYSHIRE e PIZZORNO, Expedition, vol.51, n. 2: 14)

Nos anos 2000, descobertas da equipe do Penn Museum da Universidade da Pensilvânia originaram publicações que permitem novas interpretações sobre o caráter e a ocupação da cidade por estas populações. Nos relatórios de escavação disponíveis sobre o sítio arqueológico de Gordion hoje são classificados um primeiro ciclo de escavações no qual havia um interesse principal nos vestígios provenientes do período alexandrino e um novo ciclo de escavações, iniciado nos anos noventa, dando ênfase às mudanças ocorridas em Gordion ao longo de seus períodos de ocupação.

Com o avanço das pesquisas e o desenvolvimento teórico e metodológico da arqueologia e das ciências humanas, os dados coletados passam a ser analisados de forma

interdisciplinar. Isso explica as mudanças no foco das pesquisas arqueológicas que ali acontecem e também constitui um grande avanço para o estudo do sítio.

A cidade é identificada por Selinsky (2005) como o local onde ocorriam rituais de sacrifícios humanos durante o período helenístico. A autora chega a essa conclusão através da observação de patologias traumáticas presentes em ossos humanos que sugerem violência interpessoal como *causa mortis* ou que ocorreram próximo a morte do indivíduo (ver fig. 8 e 9) (SELINSKY, 2005: 121).



Figura 8: Trauma *peri mortem* no fêmur encontrado no conjunto 11 (Selinsky, 2004: 39)



Figura 9: trauma *causa mortis* no crânio encontrado no conjunto 5 (Selinsky, 2004: 39)

Os trabalhos sobre o sítio de Gordion desde os anos noventa até 2012 formaram uma coleção de esqueletos datados do séc. XVII a.e.c. ao IV séc. e.c.. Um dos ciclos de

escavação, entre 1993 e 1995, sob coordenação de Mary M. Voigt, deu origem à primeira publicação que interpretava determinados vestígios como indícios de sacrifícios humanos oriundos do período helenístico tardio.

Para caracterizá-los como fruto de ritualização é importante salientar que os esqueletos foram frequentemente encontrados em posturas atípicas, parecendo ter sido cuidadosamente posicionados, por vezes misturados a ossos de animais, além disso diversos depósitos consistiam nos restos de mais de um indivíduo. (DANDOY et al. 2002 e VOIGT et al 1997; SELINSKY, 2005: 121)

Estes tipos de depósitos têm paralelos com sítios da Idade do Ferro na Europa e foram interpretados como resultado de atividade ritual (CUNLIFFE, 1997). Provenientes do período helenístico tardio, ou seja, do período de assentamento das tribos celtas de Trocmi, Tolistobogii e Tectosages que migraram da Europa para a Anatólia, e similares a outros vestígios deixados por outras tribos na Europa e Ilhas Britânicas. Assim, foram interpretados como indícios da prática de sacrifícios humanos. A similaridade na cultura material destas populações costuma ser interpretada como permanências culturais ou heranças guardadas pela tradição. Aqui propõe-se o abandono destas concepções e a flexibilização da noção de tradição que é aqui entendida como continuamente criada e recriada no processo da prática ritual (BELL, 1992).

Assim, com as fontes de que se dispõe atualmente, não há como recuperar o quanto estas práticas teriam sido ressignificadas durante os períodos de migração e assentamento dos Tolistobogii em Gordion. O que é possível dizer é que a prática de sacrifícios humanos entre os Tolistobogii de Gordion se deu de forma mais ou menos regular no período helenístico e era dotada de alguns padrões principais.

Observou-se nos relatórios de escavação e nos trabalhos sobre a cultura material do sítio de Gordion durante o período helenístico uma ênfase clara dos escavadores nos esqueletos humanos e sua disposição em detrimento dos demais objetos em conjunto não constando por vezes a identificação dos ossos animais ou dos objetos encontrados. A área A, por exemplo, foi caracterizada como uma superfície desnivelada coberta por pequenas porções do que foi interpretado como lixo pelos pesquisadores do sítio, no entanto, não há informações sobre esse lixo ou sobre o que embasou uma tal interpretação, o que constitui um problema já que este material dificilmente será acessado novamente.

Enquanto esta área apresenta majoritariamente esqueletos completos, à exceção de uma junção de esqueletos parciais, a área B é descrita como dotada de “*bone clusters*”, ou

seja e tal como vemos na figura 10, aglomerados de ossos diversos pertencentes a diferentes indivíduos e cuidadosamente unidos e depositados no local apresentando também ossos de animais em conjunto. Estes conjuntos haviam sido inicialmente interpretados como vestígios de banquetes, mas sua interpretação mudou ao perceber-se ali a presença também de esqueletos humanos ainda que parciais como na ilustração do conjunto 9 presente na figura 10 (VOIGT, DANDOY e SELINSKY, 2002).

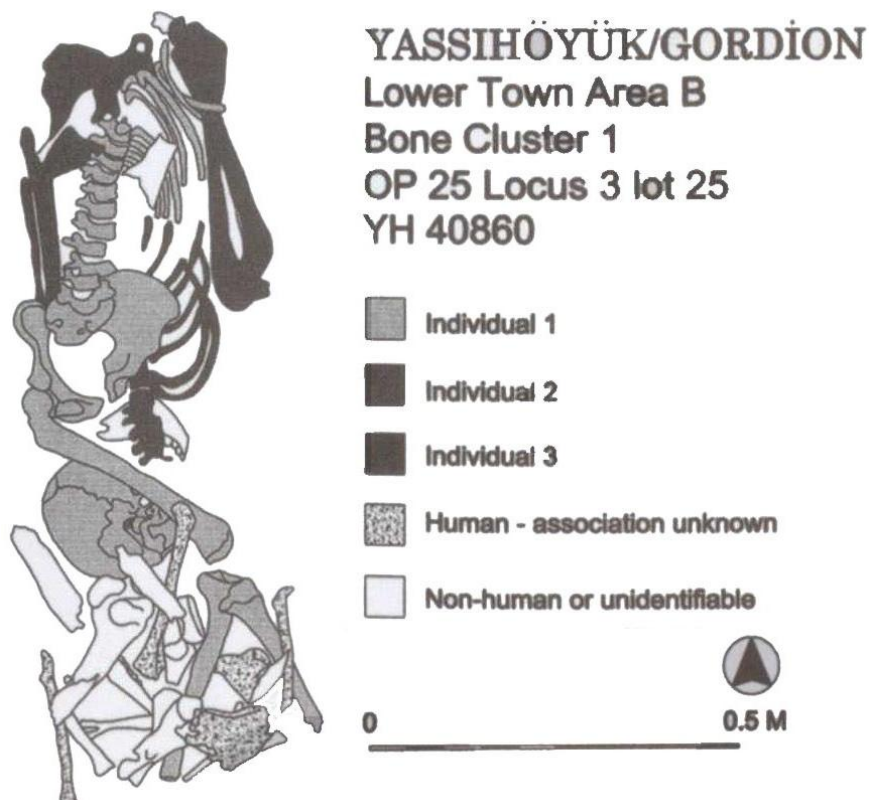


Figura 10: Conjunto 9 (VOIGT, 2012: 269)

Não se verifica uma predileção de gênero ou idade entre os indivíduos encontrados nos conjuntos de ambas as áreas. Há um conjunto em que deformações congênitas se tornariam visíveis para o grupo social na forma de dificuldade de locomoção do indivíduo devido a dor nas articulações, mas sua baixa ocorrência, apenas um conjunto, parece indicar que este não seria um dos fatores preponderantes na escolha dos indivíduos a serem sacrificados. Também não há marcadores que demonstrem que os indivíduos teriam um status social determinado apesar de fontes escritas relatarem o sacrifício de prisioneiros (CUNLIFFE, 1997).

Tampouco há uma relação entre o local dos depósitos e uma zona específica da cidade – comércio, cultivo, pastoreio, centro político - que pudesse indicar sua motivação.

A localização do território utilizado para os depósitos parece ter sido feita pela ausência ali de inundações e de vegetação densa, além de tratar-se de uma suave elevação, o que permitiria a clara visualização do terreno pela cidade e preservaria o contexto de depósito. Isso faria com que a prática ritual perdurasse, pois esta seria iniciada no momento de produção e depósito do conjunto e teria sua memória prolongada pela visualização constante, como lembrete frequente do ritual.

Embora haja similares entre si, o tratamento dado às ossadas encontradas neste período demonstra que as práticas rituais de Gordion apresentam especificidades que transparecem na análise da cultura material selecionada.

A escolha de ossos específicos, por exemplo, parece indicar uma rede de significados particulares para cada ritual no qual cada osso era dotado de uma função ritual específica que transcendia a importância do indivíduo em si. Isso explicaria a utilização de ossos e indivíduos diversos e a não utilização frequente de indivíduos inteiros. Isto quer dizer que, o fato de serem estes ossos provenientes de indivíduos de sexo e idade diferentes e cuja proporcionalidade não aparenta nenhum tipo de predileção parece indicar que os ossos e os rituais teriam uma importância maior do que o indivíduo utilizado.

Embora o catálogo demonstre que nem todos os indivíduos eram vítimas de "assassinato ritual" (INSOLL, 2011), esta prática ocorria em alguns casos mencionados anteriormente (ex.: conjuntos 2, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12). Esta prática poderia, portanto, estar ligada a objetivos rituais específicos que não é possível recuperar através da análise de cultura material disponível.

A excarnação anterior à deposição era uma prática frequente, o que pode ser depreendido de marcas nos ossos. Esta prática também poderia estar relacionada a determinadas mortes naturais específicas como acidentes, ou fatalidades; mas estas últimas não são detectadas na análise osteológica dos conjuntos. Havia, no entanto, diferentes tratamentos para os ossos após a remoção da carne, o que lhes garante graus variados de deterioração.

Os conjuntos ficavam expostos para que fossem vistos pela comunidade embora estivessem fora da cidade em si, por isso a escolha de uma localização um pouco elevada com relação ao assentamento.

Estas premissas apontam para a aparente existência de um "banco de ossos" no qual esqueletos são mantidos até que seja necessário utilizá-los em práticas rituais. Isso não exclui a prática do "assassinato ritual" (INSOLL, 2011) e explica a existência dos

aglomerados de ossos encontrados na forma como foram produzidos. Seu significado e propósito, no entanto, se mantém uma incógnita. Não é possível tecer inferências mais profundas a partir da documentação apresentada.

4.2 Período Romano

Recentemente passou-se a explorar melhor o período o romano, o que Andrew Goldman (2005 *passim*) julga fruto do aumento do número e da qualidade de estudos que se voltam para a dinâmica provincial romana e os impactos da Romanização na região da Galácia rural, além de padrões e rotas de comércio.

Goldman divide o período romano em Gordion, conforme documentação proveniente do sítio, em quatro fases principais de acordo com as construções encontradas e cruzando os achados com os registros literários existentes. Em suas palavras, a análise das duas primeiras fases está em curso e apesar de sua datação ainda ser incerta, juntas somam do ano 0 a 75 e.c., mas “muito trabalho ainda deve ser feito na investigação da Gordion romana”⁴⁵ (GOLDMAN, 2005: 67).

Goldman, elabora uma profunda análise do material encontrado no sítio abordando construções, numismática, cerâmica e enterramentos. Embora não tenha sido feita uma análise osteológica dos esqueletos encontrados, percebe-se, da mesma forma que nos esqueletos descritos por Selinsky (2004), um tratamento metódico da sociedade para com o indivíduo, que nesse caso, inclui práticas funerárias específicas.

Nos relatórios e artigos publicados sobre o período romano foi possível perceber por parte dos pesquisadores a identificação de um padrão rígido que dispensaria descrições individuais pormenorizadas (EDWARDS, 1963). Sendo assim os corpos são descritos de forma generalizada como enterramentos simples em câmaras retangulares escavadas no solo e orientadas para o norte (ver fig. 11).

⁴⁵ “*much work remains in our investigation of roman Gordion.*” (GOLDMAN, 2005: 67)

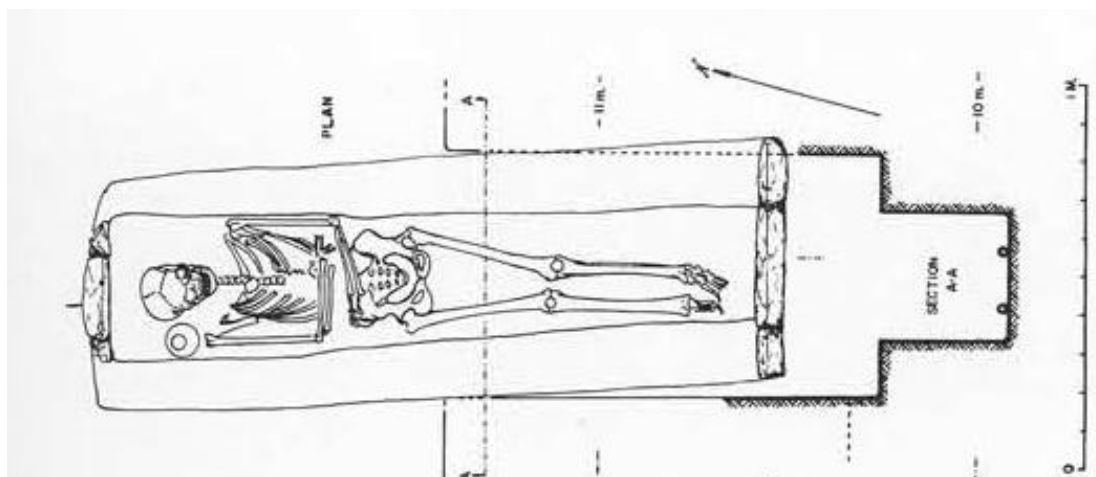


Figura 11: Exemplo de enterramento romano encontrado em Gordion (Goldman, 2000: 641)

Edwards (1963) leva em conta alguns objetos encontrados nos túmulos e faz descrições dos mesmos ao elaborar um artigo descritivo sobre a coleção exposta no museu do sítio arqueológico de Gordion. Goldman (2000) estuda as necrópoles encontradas na região do sítio apresentando três variações principais nos túmulos em um catálogo no qual apresenta cada um separadamente.

A não existência de um método comum aos diversos estudos produzidos faz com que não seja possível por meio das informações dispostas cruzar os dados de Goldman e Edwards com o trabalho de análise osteológica produzido por Selinsky (2004). Todavia, optou-se aqui por entender ambos como conjuntos diferentes e listá-los no catálogo de forma independente.

Os esqueletos provenientes do período romano foram descritos e interpretados como 34 indivíduos datados entre o século I e II e.c.. Sobre estes, Selinsky afirma que “ a area da *Lower Town* estava sendo usada como terreno de enterramentos formal”⁴⁶ (SELINSKY, 2005: 117).

Apesar de ser considerada uma necrópole, há algumas diferenças com relação às práticas funerárias greco-romanas. Apesar da inumação ser praticada regularmente na cultura greco-romana, não há registro nos catálogos estudados de vestígios da procissão funeral, lápides, esculturas, libações ou oferendas posteriores à inumação.

Isso indica que as práticas funerárias observadas nas necrópoles de Gordion se aproximavam das práticas greco-romanas, mas guardavam elementos próprios

⁴⁶ “... the *Lower Town* area was being used as a formal burial ground.” (SELINSKY, 2005: 117).

relacionados, por exemplo, ao caráter predominantemente rural do sítio. Sua não proeminência política se comparado a outras cidades próximas como Ankara e Pessinus também pode ser entendido como um fator relevante para que monumentos e estelas não fossem erigidos. Nas cidades mencionadas acima, pelo contrário, foram encontrados monumentos funerários entendidos como frígio-romanos a partir do I século e.c. (KELP, 2013).

Entende-se aqui, portanto, que no período romano embora a região anteriormente entendida como *Lower Town* ainda seja dotada de um caráter ritual, o tratamento relegado a ela é diferente. O terreno é utilizado para enterramentos formais consonantes com as práticas rituais greco-romanas, ou seja, com os corpos estendidos com as cabeças voltadas para o Norte, em tumbas cavadas no solo que apresentam alguns tipos especiais descritos por Goldman (2000) e ilustrados por Edwards (1963) (ver fig. 12).

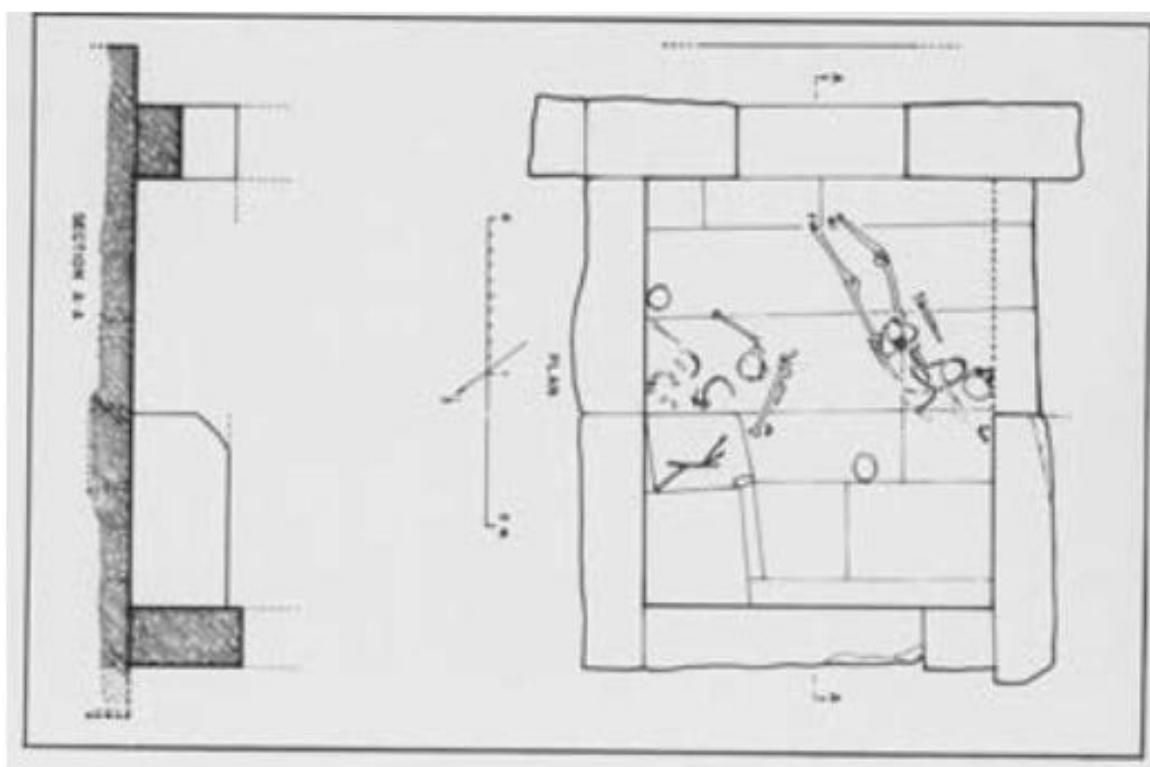


Figura 12: Câmara funerária encontrada em Gordion (EDWARDS, 1963)

Estes tipos incluem a deposição do corpo diretamente no solo não havendo presença de um caixão. Por vezes é construída uma câmara de madeira, pedra ou tijolos de barro para que o corpo seja ali depositado (ver fig. 13). É também frequente a presença de

uma câmara menor no fundo da câmara maior onde eram depositados objetos como garrafas de vidro, botas, joias, etc.

A mudança no uso do terreno da *Lower Town* ou cemitério de Kuçuk Hoyuk é entendida aqui como parte de uma série de mudanças ocorridas no período e relacionadas à mudança na postura romana com relação à cidade de Gordion. Esta mudança de postura motivou a incursão de Manlius Vulso à região, criação de vias e estabelecimentos e modificação do Templo de Ankara, ações que são compreendidas como parte da política de romanização da nova província.

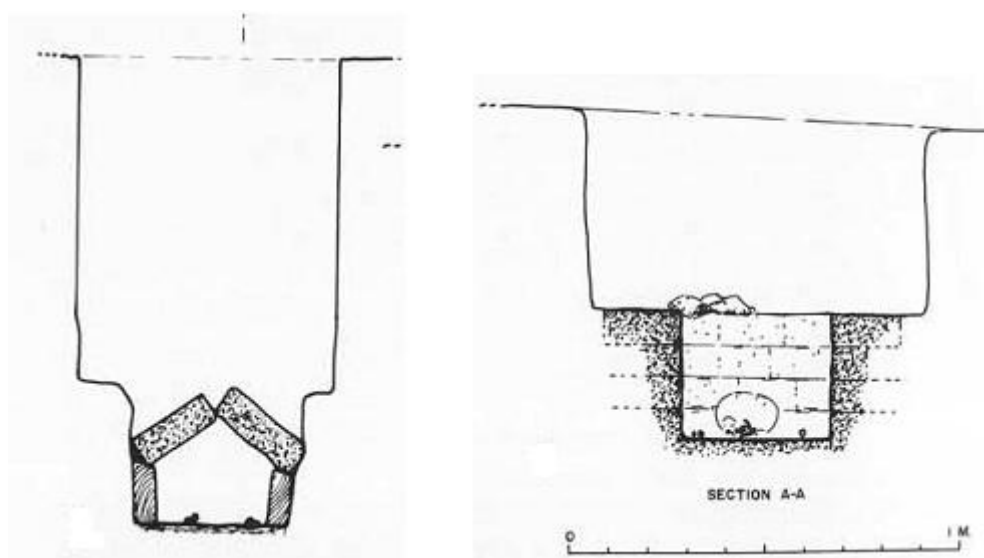


Figura 13: Sepulturas encontradas em Gordion (EDWARDS, 1963)

Goldman (2000) aponta os perigos do uso do termo romanização de forma generalizada e a necessidade de observar sempre as especificidades locais e contextuais de forma a questionar paradigmas estabelecidos e compreender melhor o caso estudado. Como o autor, entende-se aqui as especificidades de Gordion.

Observa-se aqui um processo de hibridização contínuo e específico no qual o papel das elites locais gálatas não pode ser visto como o de “vítimas” da política expansionista romana já que sua relação com Roma foi fator primordial para possibilitar o estabelecimento de tal política.

As elites políticas da Anatólia se tratavam de reinos helenísticos independentes e chefias das tribos gálatas. Sua relação com Roma durante o I século a.e.c. se dava de forma diplomática envolvendo inclusive a concessão de controle por parte de Roma sobre

territórios na Ásia Menor. Roma atuava, portanto, como árbitro na solução de conflitos da Península concedendo mais poder a seus aliados de forma a diminuir a força de seus inimigos (MITCHELL, 1993: 29-41 *passim*). Neste processo foram formados vínculos comerciais, militares e até mesmo pessoais entre romanos “ilustres” e chefias gálatas como demonstra a documentação escrita (Cf. Cicero, *Fam.* 2, 12; Caesar, *Bell. Alex.* 34, 41, 70).

Esta relação já assumia um caráter parcialmente assimétrico durante o I século a.e.c. na medida em que o poderio romano em expansão era um fator a ser levado em conta pelas chefias gálatas e reinos helenísticos independentes na tomada de decisões. No entanto, verifica-se uma mudança da postura romana fazendo com que estas relações abandonem seu caráter diplomático. A incursão de Manlius Vulso e anexação da Galácia como província podem ser entendidos como indicadores desta mudança.

4.3 Hibridização cultural

É possível perceber que a utilização do terreno foi profundamente modificada entre os períodos helenístico tardio e romano (VOIGT et.al. 1997) e “por comparação, os esqueletos romanos são resultado de práticas de enterramento convencionais e mais provavelmente refletem a estrutura populacional”⁴⁷ (SELINSKY, 2005: 123).

É possível identificar entre os conjuntos encontrados em ambos os períodos, seu sexo, idade e alguns padrões, como vemos nas tabelas abaixo:

Localização/ Período	Quantidade	Sexo	Idade
Área A/ Helenístico	2	Feminino	Menos de 20 anos
	2	Feminino	Mais de 20 anos
	3	Masculino	Menos de 20 anos
	1	Não identificado	Menos de 20 anos
Área B/Helenístico	2	Feminino	Menos de 20 anos
	2	Feminino	Mais de 20 anos
	4	Masculino	Menos de 20 anos
	6	Não identificado	Menos de 20 anos
Romano	3	Feminino	Mais de 20 anos
	4	Masculino	Mais de 20 anos
	1	Masculino	Menos de 20 anos
	15	Não identificado	Menos de 20 anos
	3	Não identificado	Mais de 20 anos

Tabela 2 – Sexo e Idade dos conjuntos

⁴⁷ "by comparison, the Roman skeletons are the result of conventional burial practices and more likely reflect the population structure." (SELINSKY, 2005: 123).

Marcadores	Ocorrências		
	Área A/ helenístico	Área B / helenístico	Romano
Deformações/ dificuldade de locomoção	Conjunto 2		Conjunto 28
crânios/ trauma nas áreas de crânio e pescoço	Conjuntos 2, 3 e 5	Conjuntos 9, 10, 11 e 12	
Deposição em nível abaixo dos demais	Conjuntos 3, 5 e 8	Conjuntos 9 e 15	
Junções de esqueletos parciais	Conjunto 7	Conjunto 9	
pernas	Conjunto 7	Conjunto 9, 11 e 12	
animais		Conjunto 9, 10 e 11	

Tabela 3 – Indicadores de sacrifício

Sobre a interpretação da motivação desta mudança de práticas, é importante observar também outros vestígios. Voigt publicou em 2012 um estudo sobre a cultura material de uma área ocupada do sítio dando ênfase ao período helenístico e helenístico tardio. As camadas estratigráficas que correspondem aos períodos em questão são denominadas YHSS3A:1 - chegada das tribos celtas; YHSS3A:2 - incursão de Manlius Vulso ("pacificação romana"); e YHSS3A:3 – reocupação.

Na primeira há vestígios de construções residenciais e profissionais, produção de cerâmica, além de indícios de uso e abandono do terreno. Isso parece indicar o centro comercial e residencial da cidade onde habitariam os governantes e as elites. Esta interpretação tem base na comparação com a organização espacial das comunidades das demais populações locais.

Voigt interpreta um período de abandono desta parte do assentamento, ao verificar a cultura material disponível após a incursão romana, como sendo seguido por uma reocupação por uma população não praticante de sacrifícios humanos (VOIGT, 2012: 243). No caso, pode-se tratar inclusive da mesma população cuja identidade foi profundamente alterada nos processos de hibridização ali ocorridos.

Após esse período de suposto abandono de parte do território verifica-se a reocupação e produção de cultura material diferenciada da anterior:

“A cultura material deste novo grupo, que difere em praticamente todos os aspectos de YHSS 3B, inicia uma tradição que continua até o segundo século, um período no qual a presença gálata não é refutada. Eu argumentaria, portanto, que o complexo de elite de YHSS 3A:1 representa um assentamento inicial de gálatas em Gordion.”⁴⁸(VOIGT, 2012: 262)

⁴⁸ “The material culture of this new group, which differs in almost every aspect from that of YHSS 3B, begins a tradition that continues into the 2nd century, a period no one disputes a Galatian presence. I would

“O retorno dos governantes da Galácia e colonos está documentado pela nova construção no início do YHSS 3A: 2. (...) A maioria do restante da população de Gordion era composta de gálatas que retornaram ou de pessoas que adotaram formas de cultura material utilizada pela elite então vigente e, talvez, também sua etnia (ver De Vries 1990: 404-5)⁴⁹”(VOIGT, 2012: 263).

As palavras da autora parecem definir grupos bem definidos e diferenciados de celtas em 3A:1 e 2 que se transformam em gálatas em 3A:3 e 3B. Se entendermos a hibridização cultural como um processo dinâmico e contínuo é possível perceber que a partir do momento de sua chegada estas mudanças já haviam iniciado intensificando-se com o passar do tempo e a interação contínua. A partir de fins do I século a.e.c. a interação entre a cultura gálata e a romana assume um caráter mais agressivo e conflituoso, por conta da modificação na postura romana anteriormente diplomática e, então, imperialista e colonial.

Segundo Voigt, é possível observar momentos específicos nos quais os sacrifícios humanos se faziam necessários ou não:

“Trabalhando a partir dessa premissa, podemos isolar quatro momentos no tempo em que os governantes da Galácia de Gordion poderiam ter realizado rituais destinados a garantir o sucesso político ou militar: (1) a sua chegada ao local, (2) a partida dos governantes no final da ocupação inicial da Galácia, (3) o reassentamento do local no final do III século, e (4) o momento em que Vulso e suas tropas estavam se aproximando do local em 189 a.e.c. Nos três primeiros momentos, o propósito dos rituais teria sido para subjugar, humilhar, ou aterrorizar a população indígena. No quarto caso, o objetivo seria presumivelmente um engajamento de forças sobrenaturais que podem evitar um desastre, o objetivo também poderia ter sido aplicado em qualquer ponto durante a ocupação inicial por conta da insegurança política”⁵⁰(VOIGT, 2012: 264)

Não é possível hoje saber se a evacuação da cidade na primeira parte do período helenístico tardio e reocupação na segunda é de fato um abandono da mesma em caráter de

therefore argue that the elite complex of YHSS 3A:1 represents an initial settlement of Gordion by Galatians.” (VOIGT, 2012: 262)

⁴⁹ “The return of Galatian rulers and settlers is documented by new construction at the start of YHSS 3A:2. (...)Most of the remainder of the population of Gordion was made up of returning Galatians or of people who had adopted forms of material culture used by the ruling elite and perhaps their ethnicity as well. (VOIGT, 2012: 263)

⁵⁰ Working from this assumption, we can isolate four moments in time when the Galatian rulers of Gordion might have performed rituals designed to insure political or military success: (1) their arrival at the site; (2) the flight of the rulers at the end of the initial Galatian occupation; (3) the resettlement of the site in the late 3rd century; and (4) the time when Vulso and his troops were approaching the site in 189 b.c.e. In the first three moments, the purpose of rituals would have been to subdue, humiliate, or terrorize the indigenous population. In the fourth case, the goal would presumably be an engagement of supernatural forces that might prevent disaster; this goal might also have applied at any point during the initial occupation with its attendant and political insecurity.” (VOIGT, 2012: 264)

fuga como descrito por Voigt (2012) ou se caracteriza-se como ação evasiva de recuada temporária ou mesmo de resistência gálata à incursão romana.

Ver o período de desocupação como resistência não soa absolutamente absurdo quando se considera a chegada das tribos celtas à região algum tempo antes. A atividade mercenária foi o que motivou a ida à Anatólia e as incursões constantes a territórios vizinhos já durante o assentamento na península demonstra que trata-se de populações nas quais a mobilidade territorial era uma constante.

Voigt parece entender a mudança de práticas culturais verificáveis após o retorno na segunda parte do período helenístico como uma ruptura, uma descontinuidade, um marco que separa duas populações e etnias distintas: celtas e gálatas, ainda que os primeiros tenham se tornado os últimos. Em suas próprias palavras a comparação entre os períodos demonstra uma modificação na cultura material e, portanto, nas práticas, o que seria fruto de uma mudança na identidade da população em geral.

Este paralelo direto entre cultura material e estruturas étnicas ou mentais é questionado neste trabalho por entender-se que para o catálogo aqui produzido é possível que tenha ocorrido o exato oposto. Há uma clara ruptura entre práticas, mas isto não significa necessariamente uma mudança de mentalidades ou etnias, ao menos não de forma automática.

Entende-se aqui que a modificação no uso ritual do terreno de Kuçuk Hoyuk em Gordion se deve ao processo de hibridização entre as diversas sociedades em convívio, mas também a um processo de romanização específico da região que se divide em dois momentos: se anteriormente a região era controlada através de alianças entre Roma e os reinos helenísticos locais, em 189 a.e.c. Roma destaca a expedição de Manlius Vulso para invasão militar da região sob a proposta de pacificação dos conflitos bélicos locais.

As modificações nas ações romanas podem ser interpretadas, portanto, como reflexo de um caráter anteriormente clientelista e progressivamente intervencionista, imperialista e colonial decorrentes da própria expansão político-econômica romana. Entende-se a romanização aqui, portanto, como o imperialismo romano em suas diversas formas específicas para cada província, mas que pauta-se na base principal de estabelecer relações assimétricas de poder com territórios inicialmente estrangeiros.

Este caráter transparece na documentação literária na forma de um discurso de barbarismo e depreciação da população celta em geral, gálata e da região, e também

encontra eco na documentação iconográfica, a exemplo do monumento de Pergamo com as famosas representações do “gaulês moribundo” e do “suicídio dos gauleses” encomendado por Atalo I. Cria-se, portanto, um discurso correspondente às representações da alteridade, da mesma forma como Said (2007, 2011) demonstra ser o discurso sobre o Oriente durante o período moderno. Sua presença na cultura material na forma da ruptura percebida por Voigt não causa espanto, portanto.

Conclusões

Além de geograficamente entre a Ásia, o mundo grego e o oriente, a Anatólia é constituída por áreas comerciais e rurais habitadas por populações diversas, além de viajantes e migrantes. Este caráter proporciona a formação contínua de novas identidades a partir do contato constante entre grupos heterogêneos. Sendo assim, a Península da Anatólia é um "entre-lugar" por excelência no qual culturas variadas convivem e dialogam de forma criativa formando-se híbridos continuamente.

Ainda que a abordagem arqueológica corrente dê ênfase a ideias de identidade grupal e etnicidade que podem nunca ter existido em larga escala na região, sua riqueza e variedade cultural são inegáveis. Indícios dessa complexa interação entre populações diversas podem ser verificadas através de esculturas (ver ROLLER, 1991), inscrições de nomes celtas com caracteres romanos (YOUNG, 1968: 19) e também pela cultura material de Gordion.

Entende-se aqui que as identidades precisam se reinventar e recriar constantemente não só em situações de conflito aberto, mas também em momentos de pós-conflito e de normalização. A mudança no uso do terreno da *Lower Town* desta cidade foi caso escolhido aqui para observação deste processo de hibridização cultural provocado pela interação entre culturas já que o caráter religioso do terreno se manteve apesar de as práticas sacrificiais terem sido substituídas por práticas funerárias.

Para este estudo de caso, observa-se três períodos principais. Em um primeiro momento houve a migração de populações vindas da Europa central para a região. Sua chegada dá início a um processo de hibridização entre as populações que ali estavam e as chegadas. São praticados então rituais religiosos de sacrifícios humanos similares aos verificados na Europa e Ilhas Britânicas.

Em seguida observa-se a expansão romana como fator que vem a modificar mais uma vez o caráter da região em termos políticos, econômicos e sociais. Nesse momento, a incursão romana de Manlius Vulso a Gordion está presente na cultura material do sítio na forma da evacuação temporária da cidade. Esta e diversas outras medidas implementadas no processo de anexação da *Provincia Galatia Romana* ao Império, como o recolhimento de impostos, a criação de vias, distribuição de *ager publicus* e modificação do templo de Ankara, aumentam a quantidade de romanos na região.

É importante perceber que a chegada romana na região difere da chegada de populações celtas na medida em que há uma estrutura estatal muito mais complexa que sustenta um projeto ideológico romano para a região, o que não existia durante a chegada das tribos celtas convidadas para participar de atividade mercenária nos conflitos entre os reinos helenísticos independentes da região. Este projeto ideológico romano é entendido aqui como colonial por incluir relações assimétricas de poder entre as culturas em interação.

Após a incursão de Manlius Vulso em 189 a.e.c. e evacuação temporária da cidade de Gordion, verifica-se a reocupação da mesma pelo que se entende ser a mesma população ou seus descendentes e a utilização, então, da área da *Lower Town* novamente para fins religiosos. Em vez de práticas de sacrifícios humanos, no entanto, a área é usada para enterramentos formais similares às práticas funerárias romanas.

A reocupação do território pode ser compreendida como momento de “normalização” das relações na medida em que não há conflito bélico, mas negociação política entre elites locais e elites romanas. É importante salientar, no entanto que esses momentos não podem ainda ser caracterizados como momentos não conflituosos nos quais não há confronto ou resistência.

A modificação nas práticas religiosas da *Lower Town* se apresenta como um dos aspectos desta negociação. Sacrifícios humanos já não eram mais praticados em Roma e sua desaprovação crescente culmina com a lei contra o *immolatio* no fim do I século a.e.c. Antes disso, no entanto, já é verificada a proibição do druidismo e a perseguição de druidas por César. A importância político-religiosa destas elites sacerdotais certamente foi percebida como inadequada para que o projeto ideológico romano fosse levado a cabo, o mesmo pode ter acontecido para a prática de sacrifícios humanos pelas populações celtas tendo em vista seu papel como criador de identidade grupal. Assim, embora as crenças que motivavam a prática de sacrifícios humanos tenham persistido em solo romano através de mitos e representações, sua prática tornou-se incompatível com o projeto ideológico romano.

A mudança nas práticas religiosas que aconteciam na *Lower Town* não precisa ser entendida como reflexo de uma adoção do modo romano de forma automática. Também não parece ser reflexo da cristianização ou judaização da região a partir de meados do I século como afirmam os comentários bíblicos sobre a epístola de Paulo aos Gálatas.

Ao contrário, a mimetização de práticas romanas pode constituir uma resistência à cultura romana. Em diversas situações coloniais observa-se esse processo de recriação das práticas através da mímese. Embora esta resistência não se dê de forma belicosa, seu caráter cotidiano permite sua continuidade sem baixas para o corpo social.

Entende-se aqui o termo resistência, quando se refere a situações de encontro cultural, como abrangendo desde o conflito bélico em busca de relações não assimétricas de poder até a convivência pacífica quando nela é verificada a criação de práticas híbridas que visem o equilíbrio entre as culturas em interação. Nesse sentido a hibridização cultural pode ser entendida como resistência por contemplar grupos heterogêneos inseridos em relações assimétricas de poder rumo ao equilíbrio social. A compreensão do processo de hibridização cultural nestes termos enfatiza seu aspecto ativo da criação destas práticas híbridas.

Pretende-se com isso afirmar que tanto em situações de conflito bélico como em momentos pacíficos, as práticas podem ser mantidas havendo uma releitura constante da tradição, ou de suas motivações, o que pode ser caracterizado como uma forma de resistência pacífica. Da mesma forma pode ocorrer o inverso, ou seja, a alteração das práticas mantendo-se o que antes lhes motivava.

Para as mudanças nas práticas rituais em Gordion, nada impede que tenha se dado um processo no qual as mesmas crenças persistam. Há um impeditivo às práticas anteriores à dominação romana: a presença crescente de romanos e de tropas romanas na Anatólia. No entanto, apesar de as populações estarem coagidas a abandonar suas práticas, a evacuação do território e interrupção de práticas não podem ser entendidos como abandono ou mudança de identidade. De fato, isso abriria precedentes particularmente complexos para os casos da diáspora africana ou judaica.

No caso de Gordion, o contato entre Roma e gálatas tem um caráter imperialista e colonial no qual são formadas relações assimétricas de poder. Frente a isso, a população local, uma cultura também híbrida e, como todas as demais, tendendo sempre à formação de novos híbridos a partir do contato com o Outro, manteve suas práticas rituais de sacrifícios humanos entre os primeiros séculos a.e.c.

No entanto, no período seguinte, as práticas não podiam mais ser toleradas pelas elites romana e local por não condizerem com os projetos ideológicos externos e internos, já que a interação comercial, militar e pessoal demonstram determinado nível de cooptação das elites locais ao projeto ideológico romano. Por conta disso, os rituais religiosos

praticados na *Lower Town* foram modificados de forma fundamental para que se tornassem compatíveis com o projeto colonial.

O impacto de um novo esquema de poder sempre foi sentido pelas comunidades locais ainda que mantivessem um elevado grau de complexidade social interno. Mesmo quando estes não interferem diretamente de forma político-militar nas comunidades menores, sua relevância ainda é considerável pelo fato de todas estas comunidades estarem ligadas em maior ou menor grau e de forma mais ou menos oficial principalmente por conexões comerciais. Para o caso das elites especialmente, as conexões diplomáticas, militares e pessoais também são fatores importantes na constituição destes esquemas de poder.

A crescente presença romana por conta da distribuição do *ager publicus*, a hibridização ocorrida entre as culturas celta e frígia e o término do conflito direto com Roma são fatores que podem ter tornado os rituais de sacrifícios humanos menos necessários do que anteriormente e talvez até tenham ocasionado seu gradual desaparecimento, como afirma Voigt (2012). Todavia, estas (des)motivações não podem obscurecer o fato de que sacrifícios humanos, que já haviam sido uma prática da sociedade romana, tornaram-se práticas abomináveis e características de povos “bárbaros”, o que culmina com a criação de uma lei contra o *immolatio* em 97 a.e.c.

Essa mudança de perspectiva sobre a prática ritual pode se inserir no conjunto de preceitos do projeto político romano utilizados para a construção de um discurso de “barbarização” das populações provinciais e que, neste processo, justificam a institucionalização da violência contra as mesmas, a exemplo do que defende Armit (2011). Esse discurso de barbarismo transforma as populações em questão em seres “exóticos”, promovendo uma diferenciação e hierarquização destas, legitimando assim sua subjugação ao Império romano .

Os conjuntos encontrados na *Lower Town* de Gordion são de extrema importância para compreensão das práticas rituais de sacrifícios humanos ali ocorridas. Através deles é possível entender aspectos religiosos daquela sociedade, ainda que de forma circunscrita. Outra contribuição reside nas possibilidades comparativas que abrem, em especial com práticas similares observadas no Continente e nas Ilhas Britânicas.

Nestes lugares também são verificados vestígios sacrificiais que apontam para a existência de um banco de ossos ao qual se recorria em momentos nos quais os rituais fossem necessários. As condições diferenciadas para ambas em termos principalmente de

disponibilidade de materiais podem possibilitar a identificação de padrões e também de valores e crenças ali presentes.

Se, por exemplo, verifica-se nas Ilhas Britânicas a utilização de animais diferentes dos utilizados em Gordion, por conta da existência de uma fauna distinta, talvez seja possível perceber aspectos comuns entre os animais escolhidos permitindo formular hipóteses sobre estas escolhas. Por outro lado, se em Gordion não é possível perceber uma predileção entre as vítimas sacrificiais com relação a sexo, status ou idade, nas Ilhas Britânicas a existência desta predileção pode apontar para estruturas menos fluidas, ou ainda uma complexidade e hierarquias sociais mais elaboradas ou mais fixas do que as encontradas na Anatólia central.

Em resumo, a similaridade entre práticas observadas em territórios tão distantes pode elucidar processos característicos do substrato cultural que permeava as diversas populações identificadas como celtas. Simultaneamente, suas especificidades locais apontam para o nível situacional e local em que a religiosidade e as relações sociais se dão. Em outras palavras, a hibridização cultural na Anatólia transformou uma prática que era tida como caracteristicamente céltica. Os sacrifícios encontrados em Gordion indicam a existência desse substrato cultural comum céltico, porém enfatizam as especificidades locais, demonstrando haver ali uma cultura distinta e híbrida.

A utilização da abordagem pós-colonial para a antiguidade também contribui para a compreensão de encontros culturais e interação prolongada em termos de imperialismo e colonização que costumam ser evitados por sua polemicidade. Entender as interações culturais em termos de hibridização constante em vez de helenização e romanização garante um papel mais ativo às populações locais salientando sua cultura, práticas e percurso histórico.

Embora ainda não tenha sido criado um recurso metodológico capaz de identificar a fala do “subalterno” como proposto por Spivak, tê-lo em mente como uma das preocupações de pesquisa constitui uma contribuição para o conhecimento desse “subalterno”. De fato, conceber a hibridização cultural nos termos aqui defendidos permite romper com as noções de imobilidade e imutabilidade dessas populações e, ao mesmo tempo, refutar as críticas do materialismo histórico aos estudos pós-coloniais. Isto porque ao analisar vestígios arqueológicos dá-se conta não apenas do discurso colonial, mas sobretudo da materialidade dos processos de interação cultural e produção de relações assimétricas de poder.

Bibliografia

Sites:

- <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>

Fontes escritas:

César - *De Bello Gallico e Belo. Alexandrino*

Pausanias - *Description of Greece*

Políbio - *Histories*

Augusto - *Res Gestae Divi Augusti*

Jerônimo - *Commentarius. In ep. Ad 3 Galatas*

Estrabão - *Geographica*

Cícero - *Epistulae ad Familiares*

Heródoto - *Histories*

Tito Lívio - *The History of Rome*

Diodoro Siculus - *Library*

Apiano – *Mithridatic Wars e Syrian Wars*

Plutarco - *De Stoicorum repugnantiis; Mulierum virtutes; Caius Marius*

Josefo - *Antiquities of the Jews*

Tertuliano - *De Anima*

Pompónio Mela – *De Chorografia*

Obras:

- ARMIT, Ian. *Violence and Society in the Deep Human Past*. British Journal of Criminology vol. 51, 2011, p. 499–517.
- ARENDT, Hannah. *The Origins of Totalitarianism*, New York: Harcourt Brace and Company, 1979. Disponível em : <http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/Livros/ORIGEM%20DO%20TOTALITARISMO%20-%20Hannah%20Arendt.pdf>. Acessado em 2012-07-13.
- BALLESTER, Xaverio *Sobre el etnónimo de los gálatas (y de los celtas)*. Gerion vol.20 núm. 1; 2002.
- BARDIN, Laurence. *Análise De Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

- BELL, Catherine. *Ritual Theory, Ritual Practice*. NY: Oxford University Press, 1992.
- BENDLIN, A. *Looking beyond the civic pluralism*. In: BISPHAM, E; SMITH, C. *Religion in Archaic and Republican Rome and Italy*. UK: Edinburgh University Press, 2000.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CHEVITARESE, André L. e CORNELLI, Gabrielle. *Judaísmo Cristianismo e Helenismo*, São Paulo: Annablume, 2007.
- CHILDE, V. G. *Evolução social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1961.
- COLLIS, John. *The Celts - Origins, Myths and Inventions*. Gloucestershire: Tempus, 2003.
- _____ *Celtic Myths*. *Antiquity* 71, 1997. p. 195-201
- CORCORAN, J.X.W.P. *The Origins of the Celts: The Archaeological Evidence* IN: CHADWICK, Nora. *The Celts*. London: Penguin Books, 1970.
- CUNLIFFE, Barry. *The Ancient Celts*. New York: Oxford, 1997.
- _____ *The Celts – A Very Short Introduction*. New York: Oxford, 2003.
- _____ (ed.) *The Oxford Illustrated History Of Prehistoric Europe*. New York: Oxford, 1994.
- DANDOY J., SELINSKY P, VOIGT M. *Celtic Sacrifice*. *Archaeology* vol. 55, num. 1, January/February 2002.
- DARBYSHIRE, Gareth, Stephen MITCHELL, and Levent VARDAR. “The Galatian Settlement in Asia Minor.” *Anatolian Studies* 50 (2000): pp. 75 – 97.
- DARBYSHIRE, Gareth, and Gabriel PIZZORNO. “Gordion in History.” *Expedition* 51 n 2, no. Penn Museum: 11 – 22.
- DIETLER, Michael. “The Archaeology of Colonial Encounters - Comparative Perspectives.” In *The Archaeology of Colonization and the Colonization of Archaeology - Theoretical Challenges from an Ancient Mediterranean Colonial Encounter*, 33–68. Santa Fe: School of American Research Press, 2005.
- DYSON, Stephen. *Is There a Text in This Site*. In *Methods in the Mediterranean*, 25 – 44. Leiden, 1995.
- EDWARDS, R. *Gordion: 1962*. *Expedition* vol. 5, num. 3, Spring, 1963.

- FANON, Frantz. *Os Condenados Da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas, a Perícope da Abertura de Fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2005.
- FOGELIN, Lars. *The Archaeology of Religious Ritual. The Annual Review of Anthropology*, 2007 (p.55 - 71).
- FRANKENSTEIN, S. *Arqueología del Colonialismo*. Barcelona: Crítica, 1997.
- FRENCH, David H. *Roman Roads & milestones of Asia Minor*. British Institute at Ankara Electronic Monograph 2, vol. 3 Milestones Fasc. 3.2 Galatia, 2012
- FREEMAN, Philip. *War, Women and Druids. Eyewitness Reports and Early Accounts of the Ancient Celts*. Austin: University of Texas Press, 2002.
- GIRARD, René. *Violence and the Sacred*. London: The John Hopkins University Press, 1989.
- GOLDMAN, A. *The Roman-period settlement at Gordion, Turkey*. ProQuest Dissertations and Theses; 2000.
- _____ *A Roman Cemetery at Gordion, Turkey*. Expedition vol 43, num 2, 2001.
- _____ *From Phrygian Capital to Rural Fort: New Evidence for the Roman Military at Gordion, Turkey*. Expedition vol 49, num 3, 2007.
- _____ *Research notes: A Rare Roman Trio – Octagonal Gemstones Excavated at Gordion* Expedition vol 44, num 3, 2002.
- _____ *Reconstructing the Roman-period Town at Gordion* In: KEALHOFER, Lisa. (org.) *The Archaeology of Midas and the Phrygians: Recent Work at Gordion*. 2005.
- GOSDEN, Chris. “Postcolonial Archaeology. Issues of Culture, Identity, and Knowledge.” In *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, 2001.
- GREEN, Miranda. *Dying for the Gods - Human Sacrifice in Iron Age and Roman Britain*. UK: Tempus, 2001.
- _____ *Humans as Ritual Victims In The Later Prehistory Of Western Europe*. Oxford Journal of Archaeology vol. 17, num. 2, 1998.
- GREEN, Miranda, ed. *The Celtic World*. London: Routledge, 1996.
- GREEN, Miranda. *Animals in Celtic Life and Myth*. NY: Routledge, 1992.

- HAMILTON, Elizabeth. *The Celts and Urbanization – The Enduring Puzzle of the Oppida*. Expedition vol. 45, num. 1, 2003.
- HOBBSAWN, E. *A Invenção das Tradições*, São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____ *Nações e Nacionalismo Desde 1780 - Programa, Mito e Realidade*. Brasil: Paz e Terra, 1991.
- HODDER, Ian. *Reading the past: Current Approaches to Interpretation in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- _____ *Archaeological Theory Today*. UK: Polity Press, 2001 (p.1-12).
- INSOLL, T. *Sacrifice*. In *Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*, INSOLL, T. (ed.) 151-165. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- _____ *Ritual and Religion in Archaeological Perspective*. In *Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*, INSOLL, T. (ed.) 1-5. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- JAMES, Simon. *Celts, politics and motivation in archaeology*. *Antiquity* 72, 1998. p. 200-209
- JONES, Sian. *Discourses of identity in the interpretation of the past*. In *The Archaeology of Identities: A Reader*, INSOLL, T. (ed.), 44-58. London: Taylor and Francis, 2007.
- JONES, Siân. *Categorias Históricas e a Práxis da Identidade: A interpretação da etnicidade na arqueologia histórica*. In: FUNARI, Pedro Paulo. ORSER Jr, Charles E. e SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira (org.) *Identidades, discurso e poder: Estudos da arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2005.
- JONES, Siân. *The Archaeology of Ethnicity - Constructing Identities in the Past and Present*. London: Routledge, 1997.
- KELP, Ute. *Grave Monuments and Local Identities in Roman Phrygia* In: THONEMANN, Peter. *Roman Phrygia. Culture and Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- KING, John. *KINGDOMS of the Celts: A History and a Guide*. London: Blandford, 2000.
- KOCH, John, ed. *Celtic Culture - A Historical Encyclopedia*. USA: ABC Clio, 2006.

- KRUTA, V. *Celtic Religion* e MAC CANA. *Celtic Heroic Tradition*. In KRUTA, V. (ed.) *The Celts*. New York: Rizzoli, 1999.
- LIEBMANN, Matthew e RIZVI, Uzma (ed.). *Archaeology and the Postcolonial Critique*. Archaeology in Society. UK: AltaMira Press, 2008.
- LLOYD, Seton. *A Cosmopolitan Culture: Hellenism in Asia Minor*. In: *Ancient Turkey. A Traveler's History of Anatolia*, 147 – 156. USA: University of California Press, 1989.
- MALINA, B. *Social-Scientific Criticism – Rhetorical Criticism and Social-Scientific Criticism: Why won't Romanticism Leave us Alone?* In: NEYVREY, H. e STEWART, E. (ed.) *The Social World of the New Testament – Insights and Models*, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2008
- MCEVOY, Brian; RICHARDS, Martin; FOSTER, Peter e BRADLEY, Daniel. *The Longue Durée of Genetic Ancestry: Multiple Genetic Marker Systems and Celtic Origins on the Atlantic Facade of Europe*. *American Journal of Human Genetics* 75, 2004. p. 693 - 702.
- MEGAW, J.V.S. e MEGAW, M.R. *Ancient Celts and modern ethnicity*. *Antiquity* 70, 1996. p. 175-81.
- _____ *'The mechanism of (Celtic) dreams?: a partial response to our critics*. *Antiquity* 72, 1998. p. 432-5
- MELLINK, Machteld J. *Archaeology in Asia Minor*. *American Journal of Archaeology* vol. 84, num. 4, Archaeological Institute of America, October 1980. P. 501 – 518.
- _____ *Archaeology in Anatolia*. *American Journal of Archaeology* vol. 95, num. 1, Archaeological Institute of America, January 1991. P. 123–153.
- MENDES, Norma Musco. *Sistema político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- MITCHELL, Stephen. *Anatolia: Land, Men, and Gods in Asia Minor*. Oxford: Clarendon Press, 1993. Vol. 1 e 2.
- _____ *The Inscriptions of North Galatia*. In: *Regional Epigraphic Catalogues of Asia Minor II - The Ankara District.*, 13 – 17 & 25 – 27. BAR International Series. BIAA, 1982.

- MOMIGLIANO, A. *os limites da civilização- A interação cultural das civilizações grega, Romana, Céltica, Judaica e Persa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1991.
- MURPHY-O'CONNOR, Paulo, *Biografia Crítica*. São Paulo: Loyola, 1996.
- Ó HÓGÁIN, Dáithí, *The Celts: A History*. UK: The Collins Press, 2002.
- PARKER PEARSON, Mike. *The Archaeology of Death and Burial*. Gloucestershire: Texas A&M University Press College Station, 1999.
- PARRY, Benita. *Post Colonial Studies, A Materialist Critique*. London? Routledge, 2004. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/62766267/Benita-Parry-Post-Colonial-Studies-A-Materialist-Critique>.
- PRATT, Mary Louise. *Crítica Na Zona De Contato*. In: *Os Olhos Do Império, Relatos De Viagem e Transculturização*, 23–38. Bauru: EDUSC, 1998.
- RANKIN, David. *Celts and the Classical World*. London: Routledge, 1996.
- RIBEIRO, M. *Arqueologia Das Práticas Mortuárias - Uma Abordagem Historiográfica*. São Paulo: Alameda, 2007.
- ROLLER, Lynn E. 1991. *The Great Mother at Gordion: The Hellenization of an Anatolian Cult*. The Journal of Hellenic Studies vol. 111, The Society for the Promotion of Hellenic Studies. P. 128 – 143. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/631891>
- RÜPKE, Jörg. *A Companion to Roman Religion*. UK: Blackwell Publishers, 2007.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- _____ *Orientalismo - O Oriente Como Invenção Do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- SAUER, Eberhard W. *The Disunited Subject - Human history's split into 'history' and 'archaeology'*. In: SAUER, E. W. (ed.) *Archaeology and ancient history - breaking down the boundaries*. London: Routledge, 2004.
- SCHEID, J. *La cité, l'individu, la religion*. Cours. In: _____. *Religion, institutions et société de la Rome antique*. L'annuaire de Collège de France vol. 109, 2010. Disponível em: <http://annuaire-cdf.revues.org>
- SCHULTZ, Celia E. *The Romans and Ritual Murder*. Journal of the American Academy of Religion vol. 78, num. 2, June 2010. pp. 516–541 doi:10.1093/jaarel/lfq002
Downloaded from at Universidade Federal Fluminense on March 12, 2013
<http://jaar.oxfordjournals.org/>

- SELINSKY, Page. *A Preliminary Report on the Human Skeletal Material from Gordion's Lower Town Area*. In: *The Archaeology of Midas and the Phrygians Recent Work at Gordion*. University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2005.
- _____ . *An Osteological Analysis of Human Skeletal Material from Gordion, Turkey*. MA Thesis: University of Pennsylvania, 2004.
- SIMS-WILLIAMS, Patrick. *Genetics, linguistics, and prehistory: thinking big and thinking straight*. *Antiquity* 72, 1998. p. 505-27.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- STONES, G., B. Graziosi, and Vanusia, P. (eds.) *The Oxford Handbook of Hellenic Studies*. NY: Oxford University Press, 2009.
- SZABÓ, Miklós. *Mercenary Activity*. In: KRUTA, V. (ed.) *The Celts*. New York: Rizzoli, 1999.
- SWEENEY, Naoise Mac. *Beyond Ethnicity The Overlooked Diversity of Group Identities*. *Journal of Mediterranean Archaeology* vol. 22, num. 1, 2009. P. 101 - 126
- TRIGGER, Bruce. *História do pensamento Arqueológico*. Odysseus, 2004.
- VERHOEVEN, Marc. "Ethnoarchaeology, Analogy and Ancient Society." In *Archaeologies of the Middle East. Critical Perspectives*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- VOIGT, M. *Celts at Gordion - The Late Hellenistic Settlement*. *Expedition* vol. 45, num. 1, 2003. p. 14 – 19.
- ———. *Human and Animal Sacrifice at Galatian Gordion: The Uses of Ritual in a Multiethnic Community*. In *Sacred Killing: The Archaeology of Sacrifice in the Ancient Near East*. USA: Eisenbrauns, 2012.
- ———. *Old Problems New Solutions - Recent Excavation at Gordion*. In: *The Archaeology of Midas and the Phrygians Recent Work at Gordion*. University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2005.
- WAIT, Gerald. *Burial and the Otherworld*. In: GREEN, Miranda.(ed.) *The Celtic World*. London: Routledge, 1995.
- WELLS, P. *Beyond Celts, Germans and Scythians- Archaeology and Identity in Iron Age Europe*. London: Gerald Duckworth & Co., 2001.

- WILLIAMS, Patrick, and CHRISMAN, Laura. *Colonial Discourse and Postcolonial Theory: a Reader*. NY: Columbia University Press, 1994. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_arendt_origens_totalitarismo.pdf
- YOUNG, Rodney. *Operation Gordion*. Expedition vol. 11, num. 1, Fall 1968. P. 16 – 19. Disponível em: <http://www.penn.museum/documents/publications/Expedition%20PDFs/11-1/Operation.pdf>

Catálogo de Análise de Cultura Material:

O catálogo que segue tem por objetivo reunir as informações compiladas dos diversos relatórios de escavação e catálogos elaborados pelas fontes trabalhadas ao longo do texto. Quando foi possível recuperar imagens, desenhos ou mapas, estes também foram incluídos nas fichas. Sua observação permite visualizar as interpretações propostas sobretudo no capítulo 4, no qual os espécimes são comparados e os marcadores de hibridização são contabilizados e expostos.

Na guia “localidade” delimita-se a área do sítio em que o conjunto foi escavado. Em “operações de escavação” lista-se as empreitadas da equipe em que o conjunto foi escavado quando há registro. Em “data” expõe-se a datação atribuída ao conjunto. Sexo e idade do(s) indivíduo(s) constam na ficha quando é possível defini-los bem como imagens, quando há. A guia “nomenclatura” destina-se ao código atribuído a este conjunto ou às partes dele por autores anteriores listados na guia “bibliografia/referências” enquanto em “objetos em contexto” lista-se a eventual presença de artefatos.

Elaborou-se uma tabela com alguns tópicos recorrentes principais, de forma a facilitar esse processo comparativo ao longo do período estudado:

Data	Conjunto	Presença de objetos em	Presença de esqueletos	Presença de esqueletos	Presença de ossos de	Presença de ossos de	Presença de ossos de	Presença de ossos de	Presença de Traumas	Presença de ossos de animais
Período Helenístico: 260?-100 a.e.c.	1	P	S	N	S	N	S	N	N	N
	2	P	S	N	S	N	S	N	S	N
	3	S	S	N	N	S	N	S	P	N
	4	P	S	N	N	S	S	N	N	N
	5	P	S	N	N	S	S	N	S	N
	6	P	S	N	N	S	N	S	P	N
	7	P	S	S	?	?	N	S	N	N
	8	P	N	S	S	N	S	N	N	N

	9	N	S	S	S	S	S	S	N	S
	10	P	N	S	S	N	S	N	N	S
	11	N	N	S	S	S	S	S	S	S
	12	N	N	S	S	N	S	S	S	S
	13	?	?	?	N	N	N	S	?	?
	14	?	?	?	N	N	N	S	?	?
	15	S	S	N	N	S	N	S	N	N
Período Romano I século a.e.c. – IV século e.c.	16	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	17	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	18	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	19	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	20	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	21	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	22	?	S	N	N	S	S	N	N	N
	23	?	S	N	N	S	S	S	N	N
	24	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	25	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	26	?	S	N	N	N	S	N	N	N
	27	?	S	N	S	N	S	N	N	N
	28	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	29	?	S	N	S	N	N	S	N	N
	30	?	S	N	S	N	S	N	N	N
	31	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	32	?	S	N	S	N	S	N	N	N
	33	?	S	N	N	N	N	S	N	N
	34	?	S	N	N	S	S	N	N	N
	35	?	S	S	N	N	S	N	N	N
36	?	S	N	N	N	N	S	N	N	

37	?	S	N	N	N	S	N	N	N
38	?	S	N	S	N	S	N	N	N
39	?	S	N	N	N	N	N	N	N
40	S	S	N	?	?	?	?	?	N
41	S	S	N	?	?	N	S	?	N
42	N	S	N	?	?	?	?	?	N
43	S	S	N	?	?	S	S	?	N
44	N	S	N	?	?	?	?	?	S
45	N	S	N	?	?	?	?	?	N
46	S	S	N	?	?	?	?	?	N
47	S	S	N	?	?	?	?	?	S
48	N	S	N	?	?	?	?	?	N
49	N	S	N	?	?	?	?	?	N

Tabela 4: Cronologia do Catálogo

Período Helenístico:

Os vestígios aqui listados e descritos são datados do período helenístico ou gálata como definido pela equipe de escavação do Penn Museum. Este período estende-se entre aproximadamente 260 e 100 a.e.c. O catálogo foi dividido em áreas A e B conforme denominação de Voigt (2005 e 2012). Estas são secções escavadas da *Lower Town Area*, denominação de Selinsky (2004).

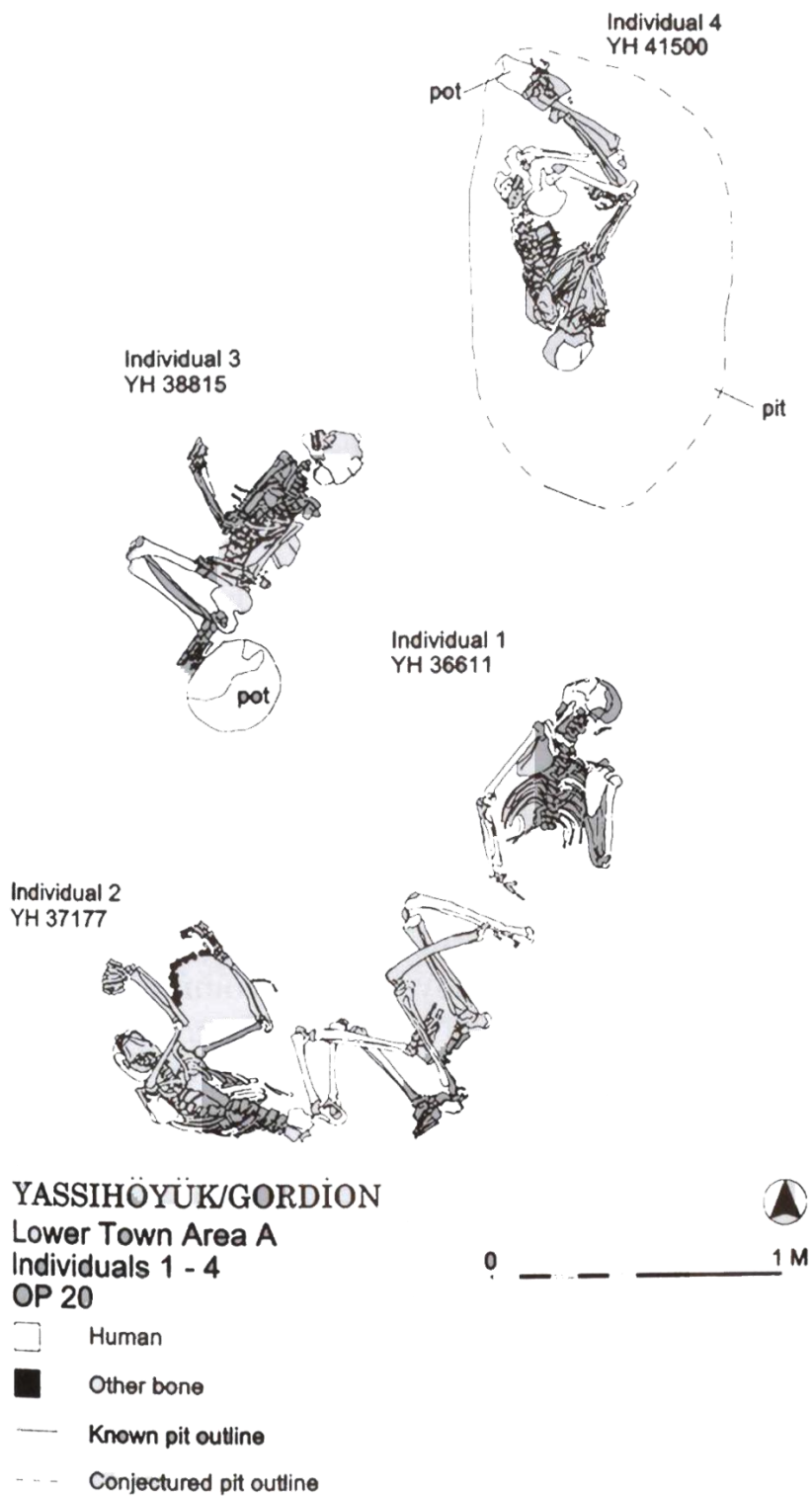
O carácter dos vestígios encontrados dificulta a identificação de indivíduos ou espécimes, por isso optou-se pela descrição de conjuntos em cada ficha. Os conjuntos podem incluir um esqueleto completo, partes de um esqueleto, mais de um esqueleto completo ou mais de uma parte de esqueletos diferentes incompletos acompanhados ou não de ossos de animais ou artefatos.

De um modo geral observa-se um grau de conservação razoável e a não interferência nos conjuntos em momentos posteriores à deposição dos mesmos. Outras informações que podem ser de interesse como essa estão listadas nas guias de “descrição”, “observações” e “comentários”, sendo a segunda destinada ao que os autores que trataram do conjunto observaram sobre o mesmo e a terceira, a interpretações próprias.

Area A

Total: 9 indivíduos.

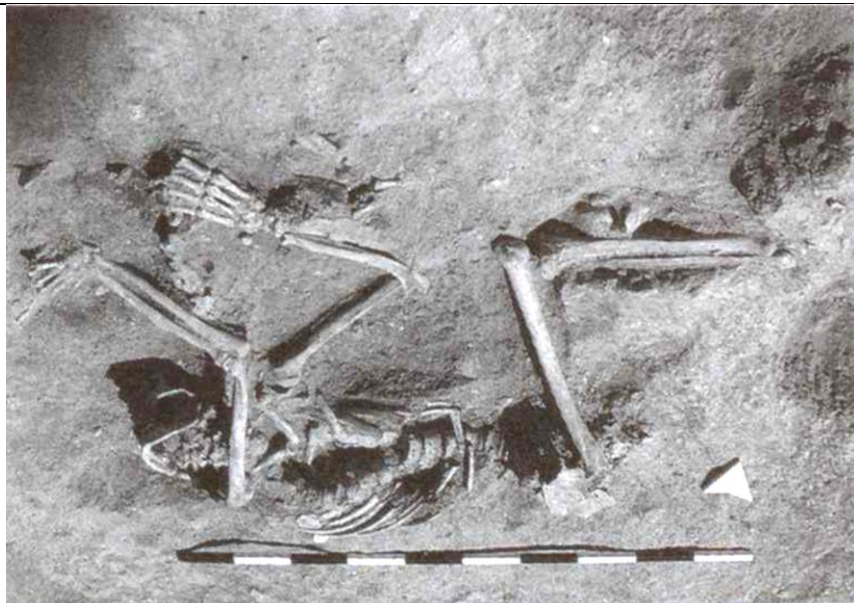
Disposição:




Conjunto 1

Localidade:	Gordion - Lower Town Area A
Operações de escavação:	Operation 20
Data:	Período Helenístico
Sexo:	masculino
Idade:	20-35
Nomenclatura:	YH36611 / Individual 1
Descrição:	Deitado em decúbito ventral sem sinais de agressão; a área da pélvis não está presente, o que é aparentemente resultado de construções posteriores ao período.
Objetos em contexto:	-
Observações:	Superfície desnivelada coberta com pequenas porções de lixo.
Comentários:	A presença de objetos na superfície não é detalhada nos relatórios de escavação, também não há explicações de como ou porque esses objetos teriam sido interpretados como lixo. Apesar de não apresentar sinais de agressão, a posição em que o corpo se encontra e o conjunto que forma com os demais corpos da área A fazem com que seja interpretado como resultado de sacrifício.
Bibliografia/ Referências:	VOIGT 2012
Imagem:	-

Conjunto 2

Localidade:	Gordion - Lower Town Area A
Operações de escavação:	Operation 20
Data:	Período Helenístico
Sexo:	masculino
Idade:	30-35
Nomenclatura:	YH37177 / Individual 2
Descrição:	<p>Cabeça posicionada para trás de uma forma que não seria possível a menos que o pescoço houvesse sido quebrado antes da morte; O corpo se encontra em uma superfície desnivelada com a cabeça em uma cova rasa.</p> <p><i>Osteophytic lipping</i> no osso direito do quadril e cotovelo direito bem como ambos os joelhos e tornozelos. (crescimento anormal do osso que faz com que toque outros ossos)</p>
Objetos em contexto:	-
Observações:	Superfície desnivelada coberta com pequenas porções de lixo. Provavelmente sofreu enforcamento.
Comentários:	O enforcamento é uma das formas de sacrifício documentado em fontes escritas ao descrever práticas de tribos celtas europeias verificada nos vestígios arqueológicos dessas populações (GREEN, 2001)
Bibliografia/Referências:	VOIGT 2012; SELYNSKY 2004
Imagem:	

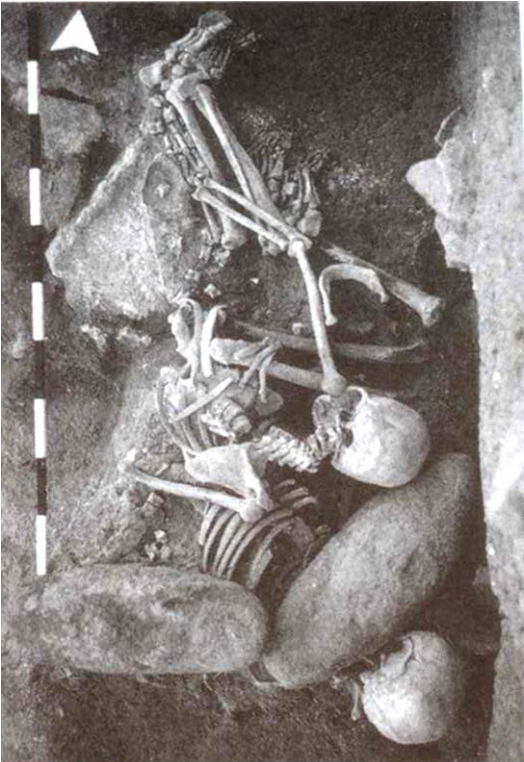
Conjunto 3

Localidade:	Gordion - Lower Town Area A
Operações de escavação:	Operation 20
Data:	Período Helenístico
Sexo:	Feminino/ INDETERMINADO
Idade:	15-20
Nomenclatura:	YH38815 / Individual 3
Descrição:	<p>O primeiro osso cervical ou vértebra do pescoço está desalinhado em ângulo à direita do resto do pescoço, o que pode ser indicativo de trauma.</p> <p>A clavícula direita é 10 mm menor que a esquerda e o osso externo direito é maior que o esquerdo. Isso poderia ser oriundo de uma fratura ou deslocamento ocasionados na infância e bem cicatrizados.</p>
Objetos em contexto:	Caldeirão?
Observações:	Superfície desnivelada coberta com pequenas porções de lixo. Provavelmente sofreu enforcamento.
Comentários:	O mapa de achados indica a presença de um objeto junto ao corpo, mas a autora não o menciona na descrição do mesmo.
Bibliografia/Referências:	VOIGT 2012; SELINSKY 2004
Imagem:	

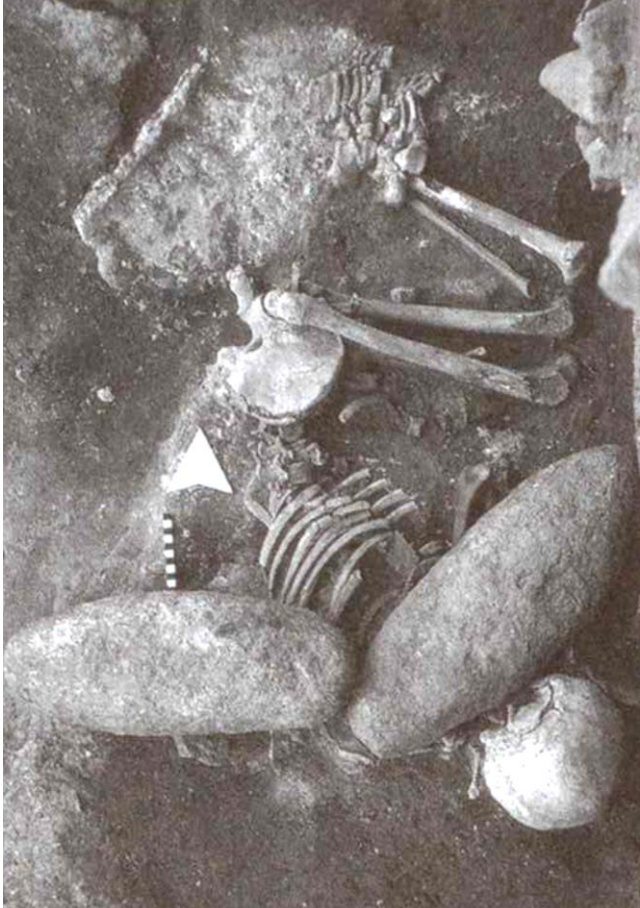
Conjunto 4

Localidade:	Gordion - Lower Town Area A cova 1
Operações de escavação:	Operation 20
Data:	Período Helenístico/ INCERTO
Sexo:	feminino
Idade:	Mais de 50
Nomenclatura:	YH41500 / Individual 4
Descrição:	Não demonstra sinais de violência. Depositada em uma cova.
Objetos em contexto:	-
Observações:	Próximo a outros corpos e posicionada da mesma forma. Superfície desnivelada coberta com pequenas porções de lixo.
Comentários:	Este é o único corpo interpretado como enterramento na camada relativa ao período helenístico. Esta inferência é permitida pelo fato de o indivíduo não apresentar sinais patológicos de violência interpessoal e por ter sido depositado níveis abaixo do chão, o que seria identificado como uma cova pela autora. No entanto é importante perceber que em sociedades celtas residentes das ilhas britânicas verifica-se o enterramento de animais inteiros que também não apresentam sinais patológicos de violência em covas que são identificados como sacrifícios religiosos por estas covas tratarem-se de silos de grãos que deveriam ser protegidos física e espiritualmente de forma a resistir ao inverno. Assim, a ausência de imagens e de uma descrição mais detalhada do conjunto do enterramento prejudicam as possibilidades interpretativas do mesmo ao passo que sua presente interpretação como enterramento formal faz com que destoe dos demais vestígios de sacrifícios humanos depositados na mesma área.
Bibliografia/ Referências:	VOIGT 2012
Imagem:	

Conjunto 5

Localidade:	Gordion - Lower Town Area A cova 2
Operações de escavação:	Operation 20
Data:	Período Helenístico
Sexo:	feminino
Idade:	30-45
Nomenclatura:	YH 47397
Descrição:	<p>Pescoço dobrado em um ângulo não natural. O deslocamento da mandíbula posterior à deposição sugere interferência de roedores. Entre duas e três depressões cranianas, são fraturas ocasionadas por golpes desferidos no lado direito da cabeça. Fratura peri-mortem no pré-molar direito ocasionada pelo trauma. Fratura na costela direita. Apresenta manchas marrons e negras no rosto, possivelmente fruto de contato com fogo. Pequena depressão na base do crânio em direção ao forâmen magno que poderia ter sido ocasionada por danos pós-morte. Infração na coroa do dente e molar esquerdo provavelmente devido a alimentação.</p>
Objetos em contexto:	Superfície desnivelada coberta com pequenas porções de lixo.
Observações:	Cova maior e mais profunda que a do conjunto 4 (YH41500, individual 4) localizada abaixo uma faixa de terra, visível após erosão natural entre as temporadas de escavação.
Comentários:	-
Bibliografia/ Referências:	VOIGT 2012; SELINSKY 2004
Imagem:	

Conjunto 6

Localidade:	Gordion - Lower Town Area A cova 2
Operações de escavação:	Operation 20
Data:	Período Helenístico
Sexo:	feminino
Idade:	18-23
Nomenclatura:	YH 47398
Descrição:	Não há evidência de trauma físico, mas o corpo foi preso ao chão abaixo de duas pedras de moagem.
Objetos em contexto:	Superfície desnivelada coberta com pequenas porções de lixo.
Observações:	Cova maior e mais profunda que a de YH41500 localizada abaixo uma faixa de terra, visível após erosão natural entre as temporadas de escavação.
Comentários:	A deposição abaixo e em conjunto com as pedras de moagem parece indicar a necessidade de fazer com que o indivíduo ou o sacrifício permaneça onde foi depositado. Possivelmente indicaria também alguma relação do mesmo à fertilidade do solo e alimentação da comunidade tendo em vista a função prática das pedras anterior ao momento do sacrifício.
Bibliografia/ Referências:	VOIGT 2012; SELINSKY 2004
Imagem:	

Conjunto 7

Localidade:	Gordion - Fronteira oeste da cova 2 Lower Town Area A
Operações de escavação:	Operation 20
Data:	Período Helenístico
Sexo:	-
Idade:	3 anos +/- 12 meses
Nomenclatura:	Loc 602
Descrição:	As pernas foram torcidas em uma posição que seria impossível para um corpo vivo. A mandíbula não está presente, em seu lugar foi posicionada a mandíbula de outra criança. <i>Causa mortis</i> desconhecida.
Objetos em contexto:	Mandíbula de uma criança entre 6 e 24 meses.
Observações:	Superfície desnivelada coberta com pequenas porções de lixo. É possível que os ossos houvessem ficado expostos e posteriormente foram recolhidos e unidos aos corpos das outras duas mulheres dos conjuntos 6 e 5.
Comentários:	O desmembramento e posterior união demonstra uma possível abundância de ossos, dos quais a carne havia sido previamente raspada, e que permaneciam disponíveis à comunidade de forma a serem utilizados quando necessário e reagrupados em novos grupos posteriormente. Isso poderia indicar que para alguns tipos específicos de ritual o conjunto de ossos seria teria um grau elevado de importância no contexto religioso ritual em detrimento do fato de se todos os ossos pertenceriam ao mesmo indivíduo.
Bibliografia/ Referências:	VOIGT 2012
Imagem:	

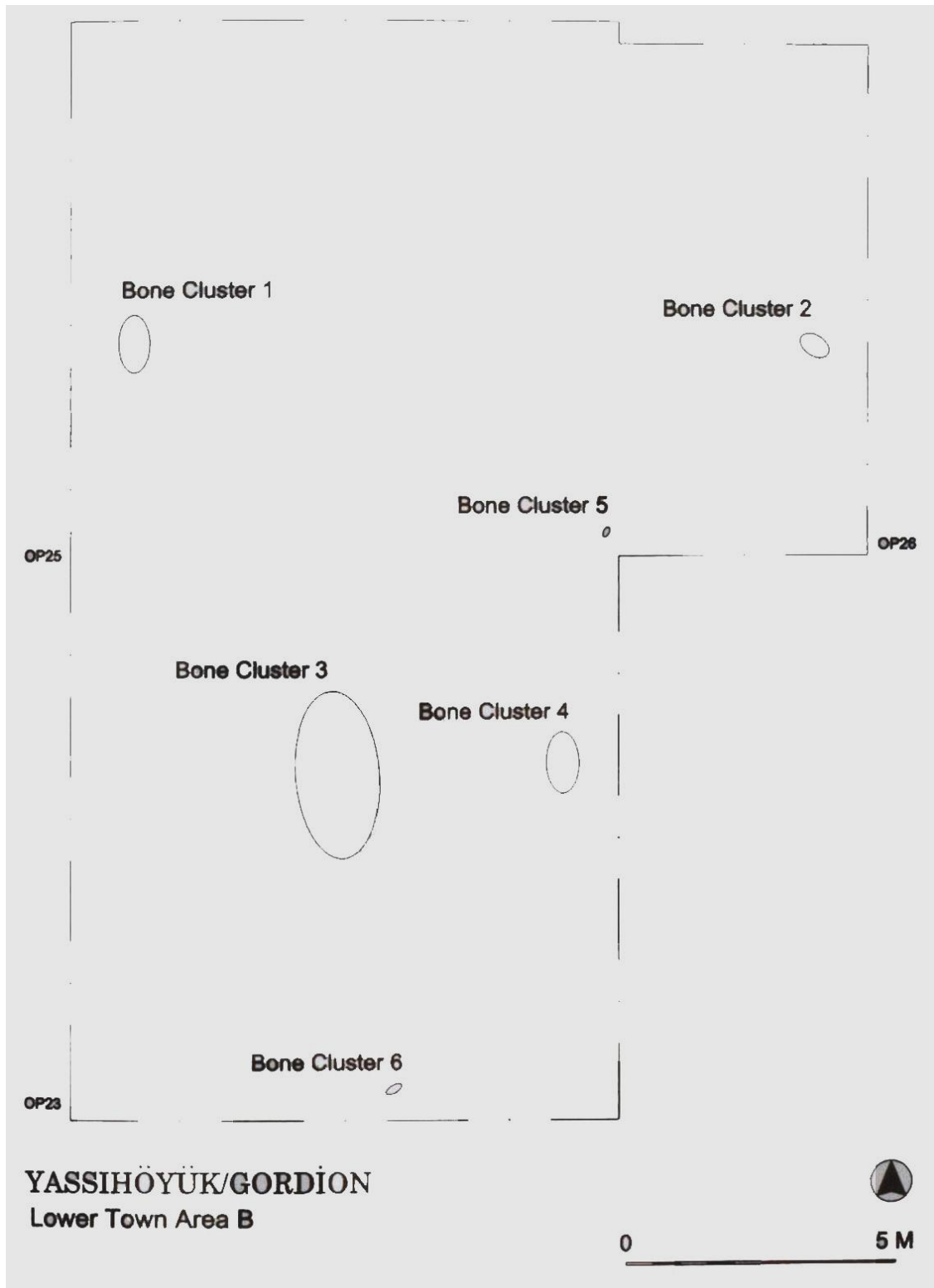
Conjunto 8

Localidade:	Gordion - Fronteira oeste da Lower Town Area A
Operações de escavação:	Operation 20
Data:	Período Helenístico
Sexo:	masculino
Idade:	30-45
Nomenclatura:	YH 37301 / Individual 9
Descrição:	Somente cabeça e ombros estão dentro da área escavada; não há sinal de traumatismo neles.
Objetos em contexto:	-
Observações:	Superfície desnivelada coberta com pequenas porções de lixo.
Comentários:	Não está claro na descrição se este seria outro enterramento similar ao “YH41500 / Individual 4” ou se o esqueleto estaria de fato incompleto, apresentando traumas em outros membros ou se teria sido depositado em conjunto com outros elementos que indicariam o sacrifício do indivíduo.
Bibliografia/ Referências:	VOIGT 2012
Imagem:	-

Area B

Total : 9 indivíduos

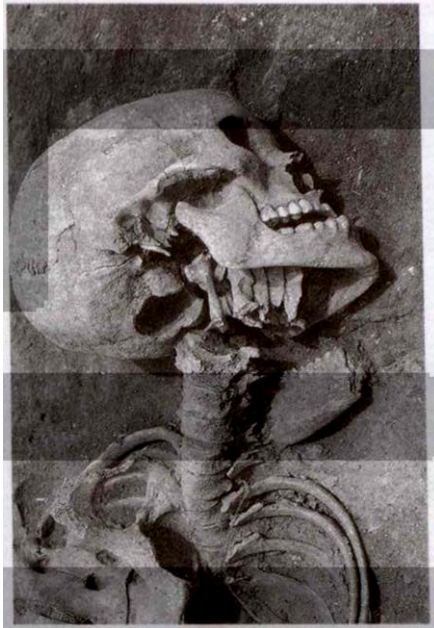
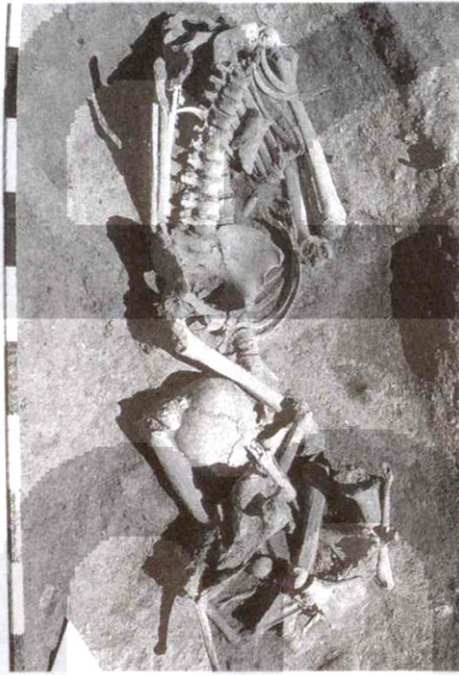
Disposição:



Conjunto 9

Localidade:	Gordion - Lower Town Area B
Operações de escavação:	Operation 25
Data:	Período Helenístico
Sexo:	Indivíduo 1: feminino Indivíduo 2: feminino Indivíduo 3: masculino
Idade:	Indivíduo 1: 16 -21 Indivíduo 2: 35-45 Indivíduo 3: Mais de 50
Nomenclatura:	Bone Cluster 1 / YH40860
Descrição:	<p>Indivíduo 1: corpo decapitado, a cabeça não está presente, em seu lugar foram posicionados a mandíbula de um homem de 50 anos</p> <p>Indivíduo 2: coluna vertebral mutilada, pernas dobradas para cima ou organizadas de forma a ficarem em ambos os lados do torso. O crânio do indivíduo 1 foi posicionado como se pertencesse ao indivíduo 2 e, juntamente com as vértebras do pescoço, está angulado para a direita.</p> <p>Indivíduo 3: Artrite degenerativa da articulação têmporo-mandibular esquerda que pode ser resultado de trauma ou uso dos dentes como ferramentas.</p> <p>Junto aos corpos foram encontrados ossos de animais que apresentam marcas de corte e ossos humanos que não as apresentam. Um osso pélvico apresenta marcas de dentes carnívoros.</p>
Objetos em contexto:	-
Observações:	Várias camadas mais profundo do que os demais
Comentários:	Há um terceiro indivíduo e ossos não humanos ou não identificados presentes na representação gráfica do conjunto mas que não são descritos. Assim como para o conjunto 7 encontrado na área A, verifica-se aqui indícios de um desmembramento e posterior união dos ossos. Isso pode indicar uma abundância de ossos, dos quais a carne havia sido previamente raspada, e que permaneciam disponíveis à comunidade de forma a serem utilizados quando necessário e reagrupados em novos grupos posteriormente. Também possibilita a interpretação de que para alguns tipos específicos de ritual o conjunto de ossos seria teria um grau elevado de importância no contexto religioso ritual em detrimento do fato de se todos os ossos pertencem ou não ao mesmo indivíduo.
Bibliografia/Referências:	VOIGT 2012

Imagem:



Conjunto 10

Localidade:	Gordion - Lower Town Area B
Operações de escavação:	Operations 23, 25 e 26
Data:	Período Helenístico
Sexo:	masculino
Idade:	20-35
Nomenclatura:	YH 40816 / Bone Cluster 2
Descrição:	Crânio cujo <i>foramen Magnum</i> está repleto de madeira. Acompanham mandíbula de um jumento, mandíbula de um porco, maxilar e dois ossos pélvicos de uma vaca e pata dianteira de um cachorro.
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	Aparentemente o crânio teria sido colocado acima do nível do solo com a ajuda de uma estaca de madeira, o que explicaria a presença do material no interior do osso. Os demais ossos de animais teriam sido posicionados ao redor dessa estaca ficando ainda visíveis porém no nível do solo.
Bibliografia/ Referências:	VOIGT 2012
Imagem:	-


Conjunto 11

Localidade:	Gordion - Lower Town Area B
Operações de escavação:	Operation 23
Data:	Período Helenístico
Sexo:	Indivíduo 1: não identificado Indivíduo 2: masculino Indivíduo 3: feminino
Idade:	Indivíduo 1: 6 anos +/-24meses Indivíduo 2: 40-44 Indivíduo 3: 35-39
Nomenclatura:	YH 42653 / Bone Cluster 3
Descrição:	Indivíduo 1: mandíbula Indivíduo 2: fratura perimortem no fêmur. Indivíduo 3: fratura espiralar do fêmur distal esquerdo possivelmente ocasionada por um golpe direto ou queda. Indivíduos 2 e 3: Três ossos pélvicos, diversos fêmures e um <i>sacrum</i> Apresentam deterioração característica de exposição ao tempo bem como marcas de dentes carnívoros. Não apresentam indícios de cicatrização, indicando que os traumas aconteceram no momento da morte. Apresenta mais de 2100 ossos de animais e fragmentos. Ossos humanos, de cavalos e porcos são representados primariamente por crânios e ossos pélvicos enquanto vacas, ovelhas, cabras e jumentos demonstram uma grande proporção de torsos e membros.
Objetos em contexto:	-
Observações:	A maior parte dos ossos de animais ainda estavam conectados quando encontrados, indicando a deposição de grandes partes do corpo em vez de coleção de partes desconexas.
Comentários:	O fato de alguns ossos estarem conectados demonstra que foram depositados sem que houvessem sido previamente escarnados. A presença de tamanha quantidade de ossos de diferentes animais misturados a ossos humanos é outro fator que diferencia este depósito dos demais possibilitando sua interpretação como vestígios de um banquete. O banquete é reconhecidamente uma das atividades ritualísticas mais importantes da antiguidade assumindo diferentes formas e significados para diferentes povos e, neste caso, o sacrifício humano poderia ter sido o elemento ritual de encerramento do mesmo.
Bibliografia/Referências:	VOIGT 2012

Imagem:



Conjunto 12

Localidade:	Gordion - Lower Town Area B
Operações de escavação:	Operations 23, 25 e 26
Data:	Período Helenístico
Sexo:	Indivíduo 1: Indeterminado Indivíduo 2: masculino
Idade:	Indivíduo 1: 15anos +/- 36 meses Indivíduo 2: 20 - 35
Nomenclatura:	YH 35741 / Bone Cluster 4
Descrição:	Crânio e mandíbula de um jovem adulto. Duas primeiras vértebras encontradas em posição anatômica. Cuidadosamente posicionado em conjunto com o crânio estão o fêmur e pélvis de um cachorro. Tudo isso sobre o osso pélvico de um homem entre 20 e 35 anos.
Objetos em contexto:	-
Observações:	No caso dos ossos humanos: O osso pélvico apresenta sinais de exposição ao ambiente por mais tempo do que o crânio, embora no contexto da arrumação fosse protegido por ele.
Comentários:	A presença das vértebras ainda conectadas ao crânio indicaria decapitação ao passo que o maior tempo de exposição desse conjunto de ossos em relação aos demais possibilita a interpretação já tecida para o conjunto 9 na área B e o conjunto 7 na área A da existência de uma reserva de ossos, ou a reutilização dos mesmos.
Bibliografia/Referências:	VOIGT 2012
Imagem:	

Conjunto 13

Localidade:	Gordion - Lower Town Area B
Operações de escavação:	Operations 23, 25 e 26
Data:	Período Helenístico
Sexo:	Indivíduo 1: Indeterminado Indivíduo 2: Indeterminado
Idade:	Indivíduo 1: 3 anos +/- 12 meses Indivíduo 2: 6 anos +/- 24 meses
Nomenclatura:	YH 45050
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	VOIGT 2012
Imagem:	-

Conjunto 14

Localidade:	Gordion - Lower Town Area B
Operações de escavação:	Operations 23, 25 e 26
Data:	Período Helenístico
Sexo:	Indivíduo 1: Indeterminado Indivíduo 2: Indeterminado
Idade:	Indivíduo 1: 2 anos +/- 8 meses Indivíduo 2: 5 anos +/- 16 meses
Nomenclatura:	YH 45563
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	VOIGT 2012
Imagem:	-

Conjunto 15

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Helenístico
Sexo:	Feminino
Idade:	17-22
Nomenclatura:	YH 45830
Descrição:	Enterramento formal com o corpo estendido provavelmente em um caixão de madeira dada a presença de uma alça de ferro a noroeste do crânio.
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	Único enterramento formal datado do período helenístico.
Bibliografia/ Referências:	VOIGT 2012
Imagem:	-

Período Romano:

Para o período romano foram utilizadas as obras de Anderson (1980), Mellink (1956, 1980, 1991), Edwards (1963), mas sobretudo o trabalho de Goldman (2000). Os cemitérios romanos haviam sido investigados por estes autores em conjunto com as demais necrópoles existentes nas camadas escavadas, mas somente Sellinsky (2004) e Voigt (2005, 2012) atentaram para uma relação entre os sacrifícios humanos do período helenístico e os enterramentos do período romano. As autoras não aprofundam, no entanto, sua análise das sociedades em questão – sequer apresentam informações sobre os enterramentos romanos – tampouco desta transformação.

Nesta pesquisa entende-se que a sociedade celta no período helenístico já passava por diversas transformações oriundas do processo de hibridização interno, ou seja, dentre a heterogeneidade inerente às próprias sociedades; mas também era modificada pelo contato com grupos locais, população viajante, e pelo crescimento político econômico de Roma. O catálogo dos vestígios do período romano limita-se à região da *Lower Town/ Küçük Höyük*.

Conjunto 16

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Indefinido
Idade:	Recém nascido +/- 12 meses
Nomenclatura:	YH 35618
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 17

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	-
Data:	Período Romano
Sexo:	Indefinido
Idade:	15 - 18
Nomenclatura:	YH 37770 / 41224 / 37638
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 18

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	-
Data:	Período Romano
Sexo:	Indeterminado
Idade:	17 - 20
Nomenclatura:	YH 39905
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 19

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	-
Data:	Período Romano
Sexo:	Indeterminado
Idade:	6 – 9 meses
Nomenclatura:	YH 40521
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 20

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	-
Data:	Período Romano
Sexo:	Indefinido
Idade:	Recém nascido +/- 2 meses
Nomenclatura:	YH 41281
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 21

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	-
Data:	Período Romano
Sexo:	Indefinido
Idade:	6 meses +/- 2,5 anos
Nomenclatura:	YH 42781
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.

Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 22

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	-
Data:	Período Romano
Sexo:	Feminino
Idade:	35 - 40
Nomenclatura:	YH 43121
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 23

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	-
Data:	Período Romano
Sexo:	Indivíduo 1: Feminino Indivíduo 2: Indefinido
Idade:	Indivíduo 1: 25 - 35 Indivíduo 2: recém- nascido / criança
Nomenclatura:	YH 43125
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 24

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	-
Data:	Período Romano
Sexo:	Indeterminado
Idade:	3 anos +/- 12 meses
Nomenclatura:	YH 43875
Descrição:	-

Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 25

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Indeterminado
Idade:	5 anos +/- 16 meses
Nomenclatura:	YH 43930
Descrição:	Possível deformação: spina bifida
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 26

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Indeterminado
Idade:	40 - 60
Nomenclatura:	YH 44126
Descrição:	Artrite nas mãos e pés além de perda de 5 ou mais dentes antes da morte, 4 cáries e 1 abscesso.
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 27

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Marculino
Idade:	35 - 50

Nomenclatura:	YH 45040
Descrição:	Desgaste dos dentes em grau avançado para a idade, possivelmente devido a bruxismo ou utilização dos dentes como ferramentas.
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 28

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Indeterminado
Idade:	7 +/- 24 meses
Nomenclatura:	YH 46176
Descrição:	Fusão prematura de elementos sacrais, o que não permitiria o crescimento normal e causaria dor pela pressão sobre os nervos.
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 29

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Masculino
Idade:	19 - 24
Nomenclatura:	YH 46396
Descrição:	Presença de características esqueléticas relacionadas ao crescimento muscular. Osteomielite provavelmente causada por uma fratura severa ou ocorrida durante a infância quando costuma afetar apenas um osso. Danos severos à cúspide mesolingual do primeiro molar esquerdo, fratura da coroa e desgaste avançado dos dentes para a idade ocasionada possivelmente por bruxismo ou utilização dos dentes como ferramentas.
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004

Imagem:	
---------	--

Conjunto 30

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Masculino
Idade:	20 - 30
Nomenclatura:	YH 48180 / 42419
Descrição:	-
Objetos em contexto:	-
Observações:	-
Comentários:	O conjunto não é descrito impossibilitando a interpretação.
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004

Conjunto 31

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Indeterminado
Idade:	16 - 20
Nomenclatura:	YH 48417
Descrição:	Desgaste avançado dos dentes para a idade ocasionada possivelmente por bruxismo ou utilização dos dentes como ferramentas.
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 32

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Masculino
Idade:	20 - 23
Nomenclatura:	YH 48543
Descrição:	
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	

Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 33

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Indefinido
Idade:	1 ano +/- 4 meses
Nomenclatura:	YH 49564
Descrição:	
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 34

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Feminino
Idade:	35 - 40
Nomenclatura:	YH 50151
Descrição:	Deslocamento crônico do ombro esquerdo.
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 35

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Indivíduo 1: Indeterminado Indivíduo 2: Indeterminado
Idade:	Indivíduo 1: Mais de 50 Indivíduo 2: 16 - 20
Nomenclatura:	YH 50186
Descrição:	Indivíduo 1: Deslocamento crônico do ombro direito. E spondylolysis na L4 e L5, o que causaria dor constante e seria fruto de se curvar e levantar coisas com frequência.

Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 36

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Indeterminado
Idade:	Recém nascido +/- 2 meses
Nomenclatura:	YH 50212
Descrição:	
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004

Conjunto 37

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Indeterminado
Idade:	25 – 35
Nomenclatura:	YH 50213
Descrição:	
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 38

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Masculino
Idade:	20 – 30
Nomenclatura:	YH 50246
Descrição:	Periostite nas fíbulas provavelmente devido a um machucado ou atividade extenuante. Fratura bem cicatrizada.

Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 39

Localidade:	Gordion - Lower Town Area
Operações de escavação:	
Data:	Período Romano
Sexo:	Indefinido
Idade:	4 anos +/- 12 meses
Nomenclatura:	YH 51611
Descrição:	
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	SELINSKY, 2004
Imagem:	

Conjunto 40

Localidade:	Gordion – Kuçuk Hoyuk, 1,70 abaixo da superfície norte do Torre 3
Ano de escavação/descoberta:	
Data:	Período Romano
Sexo:	-
Idade:	-
Nomenclatura:	RG 52
Descrição:	Enterramento estendido com a cabeça para oeste em uma cova longa coberta com tábuas de pedra. Orientação L/O.
Objetos em contexto:	Garrafa de vidro próximo ao ombro direito
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	NB 75, p. 10; Goldman, 2000
Museu:	
Imagem:	

Conjunto 41

Localidade:	Gordion – Kuçuk Hoyuk, área oeste
Ano de escavação/descoberta:	
Data:	Período Romano

Sexo:	-
Idade:	criança
Nomenclatura:	RG 53
Descrição:	O corpo encontra-se estendido em decúbito dorsal em uma cova de tijolos de barro orientada de leste para oeste coberta por cacos de um <i>pithos</i> , algumas pedras pequenas.
Objetos em contexto:	Pedras e cacos de um <i>pithos</i>
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	NB 75, p. 12, NB 65, p. 170; Goldman, 2000
Museu:	
Imagem:	

Conjunto 42

Localidade:	Gordion – Kuçuk Hoyuk, área oeste
Ano de escavação/descoberta:	
Data:	Período Romano
Sexo:	-
Idade:	-
Nomenclatura:	RG 54
Descrição:	Ossos humanos espalhados por uma cova de pedra. Violada posteriormente.
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	NB 75, p. 10; Goldman, 2000
Museu:	
Imagem:	

Conjunto 43

Localidade:	Gordion – Kuçuk Hoyuk, escavação em frente à parede Leste-Oeste
Ano de escavação/descoberta:	12/07/1959
Data:	Período Romano
Sexo:	-
Idade:	-
Nomenclatura:	RG 55
Descrição:	Enterramento de uma criança e um adulto com orientação Norte/Sul. A criança encontra-se em decúbito dorsal. Parte do crânio do adulto foi encontrado fora do lugar, suas pernas e braço direito não estão na cova e há indícios de que esta foi violada

	posteriormente. O braço direito está dobrado sobre o peito.
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	NB 75, p. 78-80; Goldman, 2000
Museu:	
Imagem:	

Conjunto 44

Localidade:	Gordion – Kuçuk Hoyuk, corte norte no topo da encosta leste
Ano de escavação/descoberta:	26/07/1959
Data:	Período Romano
Sexo:	-
Idade:	-
Nomenclatura:	RG 56
Descrição:	Enterramento sem caixão com os restos (violados) de um esqueleto humano em conjunto com as patas de uma vaca ou cavalo
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	NB 75, p. 102-5, 143; Goldman, 2000
Museu:	
Imagem:	

Conjunto 45

Localidade:	Gordion – Kuçuk Hoyuk, campo Fazli, na escavação de teste 2x12m
Ano de escavação/descoberta:	
Data:	Período Romano
Sexo:	-
Idade:	-
Nomenclatura:	RG 57
Descrição:	Enterramento romano de orientação O/L parcialmente escavado (somente pernas). O esqueleto parece ter sido violado, os dedos do pé não estão no conjunto.
Objetos em contexto:	
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	NB 75, p. 132; Goldman, 2000
Museu:	

Imagem:	
---------	--

Conjunto 46

Localidade:	Gordion – Kuçuk Hoyuk, campo Fazli's
Ano de escavação/descoberta:	12/07/1959
Data:	Período Romano
Sexo:	-
Idade:	Criança ?
Nomenclatura:	RG 58
Descrição:	Enterramento romano em terra de orientação NE/SO. O esqueleto apresenta uma estrutura robusta apesar de medir aproximadamente 1,25m. Encontra-se em decúbito dorsal, estendido, tem os braços dobrados nos cotovelos e as mãos sobre os ombros.
Objetos em contexto:	Faca de ferro depositada aos pés do indivíduo
Observações:	
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	NB 75, p. 133; Goldman, 2000
Museu:	
Imagem:	

Conjunto 47

Localidade:	Gordion – Kuçuk Hoyuk, extensão da faixa norte, ao norte.
Ano de escavação/descoberta:	14/08/1959
Data:	Período Romano
Sexo:	-
Idade:	-
Nomenclatura:	RG 59
Descrição:	Enterramento romano em <i>amphora</i> : A ânfora continha terra e ossos de humanos e animais
Objetos em contexto:	Amphora de cerâmica vermelha (6230 P 2336 Museum pottery file)
Observações:	Paralelo ao conjunto 48
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	NB 75, p. 145; Goldman, 2000
Museu:	
Imagem:	

Conjunto 48

Localidade:	Gordion – Kuçuk Hoyuk, extensão da faixa norte, ao norte.
-------------	---

Ano de escavação/descoberta:	15/08/1959
Data:	Período Romano
Sexo:	-
Idade:	-
Nomenclatura:	RG 60
Descrição:	Enterramento em decúbito dorsal sem caixão de orientação O/L parcialmente escavado (somente pernas).
Objetos em contexto:	
Observações:	Paralelo ao conjunto 47
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	NB 75, p. 145; Goldman, 2000
Museu:	
Imagem:	

Conjunto 49

Localidade:	Gordion – Kuçuk Hoyuk, extensão da faixa norte, ao norte.
Ano de escavação/descoberta:	15/08/1959
Data:	Período Romano
Sexo:	-
Idade:	-
Nomenclatura:	RG 61
Descrição:	Enterramento romano com o esqueleto em decúbito dorsal de orientação O/L.
Objetos em contexto:	
Observações:	Paralelo ao conjunto 46
Comentários:	
Bibliografia/ Referências:	NB 75, p. 145; Goldman, 2000
Museu:	
Imagem:	